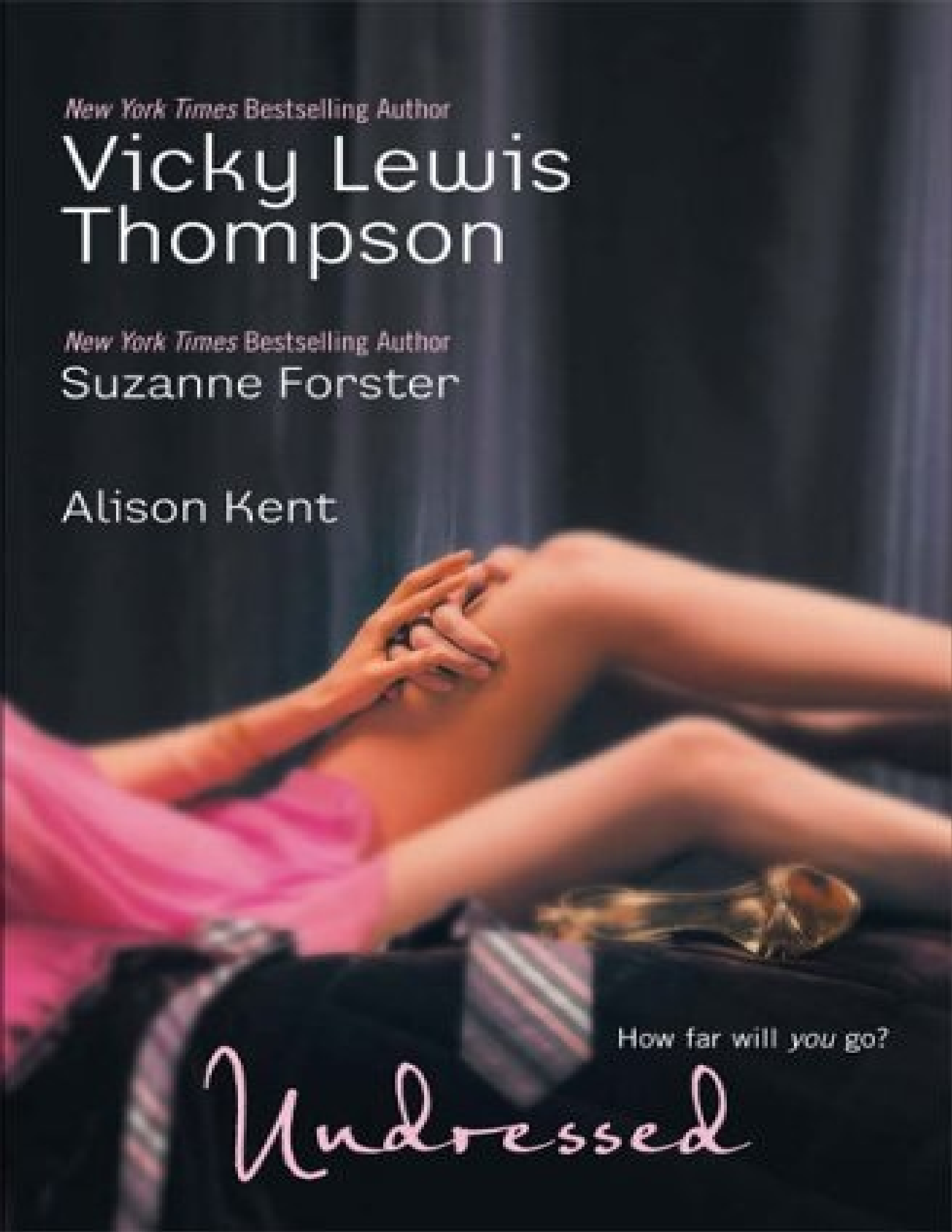
New York Times Bestselling Author
Vicky Lewis Thompson
New York Times Bestselling Author
Suzanne Forster
Alison Kent
How far will you go?
Undressed

UNDRESSED

Doce Tentação

Alison Kent

Grupo Romances e Cia.

Pesquisa: Gr e Cia.

Rev. Inicial: Clara

Ver. Final: Lena

Formatação: Déia

Capítulo 01

Ele estava de volta ao blues.

O som melancólico viajou pela janela aberta de seu quarto conjurando imagens malucas em sua mente. Erin Thatcher pôs os pés sobre a poltrona, em baixo de suas pernas e colocou o livro de Anaïs Nin, Aves de Fogo, de bruços sobre o edredom que cobria seu colo. Com as mãos sobre os dois braços da cadeira estofada apoiou a cabeça para trás, fechou os olhos e ouviu. O ritmo não demorou a criar a magia que havia aprendido a esperar daqueles sons apaixonados e despertar as áreas eróticas do seu corpo. Ela queria aproveitar a sensação, deixar a música levá-la a lugares que há tempos não visitava, oferecendo experiências ricas de encontros sexuais e aventuras as quais sua leitura a lembrava de que estava perdendo.

O dedilhar das cordas de guitarra acariciou sua pele como veludo, do queixo ao longo de sua garganta. A voz do cantor chegou aos seus ouvidos com doces palavras sujas e sem sentido, com sugestões sussurradas de corpos que devem estar juntos e se amam a noite toda.

Ainda que as pessoas que frequentassem o bar Paddington,localizado no centro de Huston fossem muito barulhentas, ali era sua profissaõ. E ela amava sua escolha. Uma proffissão que havia escolhida ainda garota, no Reino Unido, quando entrou pela primeira vez atrás do balcão de um pub que pertencia a seu avô Rory em Camp Devon.

. No entanto, seu trabalho não satisfazia suas necessidades mais pessoais. Nem seus clientes habituais nem seus colegas de trabalho tocavam aquela parte de sua alma que sabia que na vida havia algo mais que intermináveis horas entregues ao trabalho.

Horas, que sabia que Rory não gostaria que gastasse com o bar. Mas como evitar isso? O Paddington era o legado de seu avô, que já havia partido, e faria tudo em seu poder para levá-lo adiante. Após os anos que ele havia dedicado para criá-la o os sacrifícios que havia feito por ela, não poderia suportar a culpa de falhar. Ela não podia correr o risco de perder o sonho de seu avô, quando ainda não estava certa se algum dia poderia superar sua perda.

Naquele momento, no entanto, egoisticamente daria qualquer coisa para ser íntima de um homem. Pura e simplesmente.

Ela tinha muitos amigos, tanto na cidade, como na internet. E, sem dúvida, o livro erótico que seu grupo havia escolhido para esse mês foi o que a deixou assim, e havia aumentado seu descontentamento com a única parte de sua vida em que ela sentia que algo estava faltando.

E ainda por cima ele voltou a colocar um blues. Erin gostaria de saber quem ele era.

Ele vivia no apartamento acima de seu, desde que ela se mudou há alguns meses para esse antigo hotel remodelado localizado no limite do distrito de teatros de Houston. Cruzaram-se às vezes na pequena sala de caixas de correio e atração mútua que surgia entre os dois era inegável.

Encontraram-se também na garagem. Seu clássico GTO preto dormia, no fundo da garagem onde ela estacionou seu Toyota Camry, como sua presença escura e ameaçadora de que estava à espreita. Cruzaram-se para entrar ou sair do elevador no andar térreo. E não fez muita questão em sair, parecia sentir a necessidade de explorar os limites, o roçar de roupa, respirar o mesmo ar, sentir a proximidade dos corpos... Chega!

Ela levantou de sua cadeira e caminhou descalça pelo chão de madeira do quarto, arrastando o edredom de algodão atrás de si, empurrou a cortina e sentou-se no parapeito da janela cobrindo-se. Ali, longe de sua lâmpada de leitura, estava escuro. No canto de seu quarto, distante da porta da frente e ao redor do cômodo no sexto andar, estava escuro, frio e o relógio marcava inexoravelmente três horas. Mas de lá podia ouvir os sons abafados de tráfico, viu as luzes de freio dos carros se afastando do centro e sentiu cheiro de fumaça de charuto enquanto escutava o blues e, inevitavelmente, ela fez amor com a noite.

Podia facilmente imaginar ele inclinando-se sobre o parapeito da janela, com o peso sobre os cotovelos, seu charuto na mão. Ele sempre usava cores escuras: azul marinho, preto e cinza. Naquela noite, mais fria do que o habitual para o início de outubro, ela o vestiu em sua imaginação com um suéter de cashmere de gola alta solto sobre seus jeans. Caindo em seus quadris, convidando as mãos para explorar sua pele. Ele estava usando botas pretas de couro e seu cabelo, curto nos lados e nas costas, longo e rebelde no topo da cabeça caíram sobre a testa para sobrancelhas escuras, cílios grossos e olhos de um incongruente tom verde.

Não sabia o porquê pensava nele bem vestido, mas por outro lado, tão pouco sabia por que dividir o espaço do pequeno elevador do edifício com ele resultava em lhe subir a temperatura corporal. Ou por que procurava espaço para o carro mais perto cada vez que ele tinha o seu na garagem, ou porque o clique da chave na sua caixa de correio atingia todo o seu corpo como um tiro destinado a seu coração.

Sim, isso foi um exagero. Alguma boa qualidade ele deveria ter ou não viveria lá. Ele sabia por experiência que os bancos investigavam seus clientes, a não ser, claro, ele tivesse pagado a hipoteca do imóvel em dinheiro, possibilidade esta que ela havia desconfiado, ao dar-se conta de que não parecia ter um horário exatamente regular. Mas ela não o conhecia e ele não tinha nenhuma razão para notar suas idas e vindas.

Porém, ela percebeu isso e muito mais coisas que uma mulher de bom senso não observaria. Em ombros destacados por blusas apertadas, pernas longas e confiantes, e em mãos grandes e fortes o suficiente para cobrir uma bola de basquete... Ou os seios de uma mulher.

Erin estremeceu, deveria estar louca. Por tudo o que sabia, ele poderia ser um bandido da pior espécie. Não seria fácil esconder corpos no subsolo, já que ele morava no sétimo andar e ela na sexto, mas a possibilidade de que traficasse drogas, realizava lavagem de dinheiro ou vendesse plutônio no mercado negro não era tão facilmente descartável.

Ok! Agora ela entrou no campo de calúnia. E tudo por imaginar-se fazendo sexo com um desconhecido. Que seria divertido como ser a protagonista de uma história do Cosmo, mas... Ela se lembrou de uma coisa, puxou o edredom e cruzou seu quarto, ela tinha visto o artigo...

Lançou-se de bruços sobre a cama e virou as páginas da revista que havia comprado naquele mesmo dia. Uma revista onde um artigo chamou sua atenção de como encontrar um homem e "com ele fazer

coisas" antes de se casar com o "marido adequado". Não que ela estivesse pensando em casar-se, mas ela gostou da sensação de "atirar em todos" e pensou que seria bom para esquecer a sua praticidade e as conquistas desenteressantes, além do que poderia levar a momentos de prazer na cama.

E pensando bem, conhecia outras duas mulheres solteiras e sexualmente frustradas que poderiam beneficiar-se com uma aventura escandalosa. Ambas, Tess e Samantha mereciam uma brincadeira com um cavalheiro inadequado e altamente desejável. As duas eram membros, como ela, do ”A Maçã de Eva”, um grupo de leitura da Internet dedicado às tentações literárias, sejam sensuais ou intelectuais, além da exploração básica e provocativa do sexo aventureiro. Sexo que nenhuma das três desfrutava no momento.

Erin pegou seu notebook da mesa de cabeceira, onde deixou na noite anterior, depois de trabalhar no orçamento da festa de aniversário do Paddington. Inclinou-se contra os travesseiros empilhados na cabeceira da cama, e começou a escrever uma mensagem que faria levantar algumas sobrancelhas, tanto em Chicago e Nova York.

De: Erin Thatcher

Enviado: Quarta-feira

A: Samantha Tyler, Tess Norton

Assunto: Artigo de revista sobre homens que fazem “coisas”

Levando em consideração a recente fixação do grupo de leitura por literatura erótica, encontrei uma questão que me parece apropriada para compartilhar. E falando do grupo, não me interpretem mal, eu amo a diversidade dos membros do A Maçã de Eva. Pode-se saber de quem foi a ideia de passar um mês inteiro lendo Anaïs Nin?

É necessário nos recordar novamente do triste estado de nossa vida sexual? Não posso acreditar que eu tenho submergido a tal ponto no trabalho, especialmente porque Rory não me educou assim. E agora, com a festa de aniversário do Paddington... Típico, não é? Justamente quando eu preciso de um homem para me ajudar a eliminar todas as frustrações, eu não tenho nenhum. O que me traz de volta ao tema. Já sabemos meninas, que há muitos homens inapropriados.

Homens, cujo uma mulher em seu juízo perfeito não se casaria, mas, uh, nós estamos falando de uma aventura. Ou pelo menos eu estou falando de uma aventura! O título do artigo diz tudo: "Os homens para se fazer algo antes de dizer o sim." Sabemos que vamos fazer a coisa certa com o homem apropriado, mas não seria fantástico fazer algo incorreto sem remorsos ou preocupações?

O que você acha, Samantha? Será que você não poderia usar um pouco de diversão com o cara que você esta saindo agora? E Tess. Um dos homens que mencionou, o playboy. Não seria conveniente? ;) Por que deixar toda a diversão para os homens, se temos os mesmos impulsos e necessidades? Se chegarmos a eles com os olhos abertos, não haverá problemas, certo?

Eu estou falando do Cara Mau, já falei dele. Aquele que vive no andar de cima. Eu sei, eu sei, estão achando que eu perdi o juízo, mas vocês sabem que eu nunca fui uma mulher impressionável. Porém, nos últimos dias não sei o que está errado.

Agora mesmo estou com a carne em chamas, a janela do meu quarto está aberta e eu posso ouvir a sua música, cheirar seu charuto e sentir suas mãos. Não tenho certeza de como conseguir meu objetivo de desejo, considerando que cada vez que eu o vejo sou incapaz de dizer duas palavras seguidas. Como se diz a um homem que não se conhece que ele acabou de ganhar na loteria seu momento de sexo grande?

Erin releu a mensagem para corrigi-la e a enviou imediatamente, não tendo tempo para mudar de ideia. Desligou o computador o recolocou sobre a mesa de cabeceira antes de enfiar-se em seu leito de plumas e lençóis de algodão egípcios. No que se referia ao abrigo de sua cama, era um hedonista. E abrigo foi a melhor definição possível. Essa parte do apartamento era seu santuário e se recusava a levar trabalho para lá. Era seu recanto para sonhar, para deixar sua imaginação e desfrutar quando tivesse um parceiro, e com ele compartilhar suas fantasias.

O que disse no e-mail para suas amigas era sério, um relacionamento seria ótimo para todas, mas esse não era o momento. Nem seu relógio biológico estava acelerado para mudar de sobrenome e nem desejava de colocar em seu banheiro vermelho e dourado com toalhas bordadas com as iniciais do casal, no presente momento, precisava concentrar-se na festa de aniversário do Paddington.

O bar havia pertencido ao seu avô, que assumiu sua criação desde quando Erin tinha 11 depois que havia perdido seus pais em uma viagem ao Serengeti. Rory Thatcher então se mudou da Inglaterra para os Estados Unidos, porque queria que ela se sentisse confortável crescendo no país que considerava sua casa. Rory lhe ensinou a não investir toda sua energia no trabalho, mas para reservar o melhor de tudo o que tinha para viver, entretanto no ano passado, não viveu muito. Ela havia trabalhado como louca para continuar o sonho de seu avô para manter o Paddington vivo nos Estados Unidos depois que ele deixou seu pub na Inglaterra.

Faleceu há três anos, com apenas 57 e, embora ele fosse muito jovem para morrer, viveu uma vida plena até o último momento e Erin queria viver da mesma forma.

Sonolenta, sorriu para si mesma. Deixou a janela aberta e permaneceu aquecida por sua roupa de cama e a música que vinha de fora. Porém, o calor que a incendiou foi o das mãos do Cara Mau, quando ela às imaginava por baixo de suas cobertas, sobre seu corpo, com as pontas dos dedos roçando ao longo de suas vértebras, as palmas cobrindo a curva de sua cintura e seus polegares puxando o elástico de sua calcinha.

As mãos dela se converteram nas dele aumentando o prazer que a música e a fumaça de seu charuto lhe proporcionavam, sua pele ardia aumentando sua umidade, que se estendeu de seu sexo para suas cochas. Suas carícias, as carícias dele, chegaram a sua fonte escovando cada lado do nó apertado entre suas pernas e deslizando na umidade de seu corpo tocando seu núcleo, chegando na fronteira entre a dor e o prazer.Quando finalmente chegou o orgasmo, entrego-se a ele com abandono suspirando de satisfação. Exausta e tremendo, ficou de lado e acomodando melhor seu corpo.

E então, quando a noite se fechou ao seu redor revelando o silêncio, é que percebeu que a música tinha parado. Erin ofegou e soltou um palavrão.

Capítulo 02

Ele observava as sombras que rodeavam seu mundo. Sombras que o protegiam de mentes e olhos curiosos. Da mente e dos olhos dela e de sua certeza de teria a salvação dele na palma de suas mãos.

Ela era a personificação da inocência, casta e incorruptível. Se a deixasse cair por ele a arrastaria consigo para a realidade de sua vida que ele chamava de inferno.

Ela queria conhecê-lo. Ele tinha visto a confiança ousada de seus olhos e também outra coisa, flashes de medo, desconfiança e vigilância. Ela sabia que quando ele finalmente a tocasse, não poderia deixá-la ir. E estava seguro de que essa era a questão que manteria a margem de sua existência.

Ele se perguntou por quanto tempo iria impor cautela a sua curiosidade e se a sua personalidade poderia suportar a destruição de sua fé na humanidade, nele e em si própria.

Slater Raleigh reprimiu o riso em sua garganta, ela não era a primeira, havia tido outras. Mulheres que chegaram à beira do crepúsculo, cortando o nevoeiro que encobria o beco sem saída que era sua vida. E não ia dar tempo para ré. Ou pelo menos, não ter dado a provar o que havia ido até lá para buscar. Ela sequer saberia, juraria que foi apenas um sonho, o fato de senti-lo movendo-se sobre seu corpo era apenas sua imaginação. Raleigh seria o único que saberia a realidade de sua posse, que saberia que ela havia vivido de verdade o que acreditava ter sido sua imaginação.

Sebastian Gallo salvou o documento e fechou seu notebook. Já tinha o suficiente, agora precisava de uma cerveja, ou várias. Porém havia se demorado demais e, há essa hora, os bares já teriam fechado. Teria, portanto, que adiar para o dia seguinte, o que ele precisava fazer nesse momento era... Encontrar um canto escuro no Paddington e observar Erin Thatcher fingir que ele não lhe causava calores.

Precisava da sensação de estar alerta que aprendeu a apreciar enquanto vivia na rua e havia aperfeiçoado em seus anos de reclusão. Era o que o manteve vivo e em movimento, alimentava a musa que, nesse momento, o fazia viver um tormento.

Um tormento diferente de suas tentativas habituais em modificar tudo o que escrevia. Não, esse tormento de agora era forte e exigente duro e insistia em por de lado sua concentração em escrever seu livro para flutuar na parte macabra que carregava de seu coração. E ele precisava recordar-se, então ele não tinha coração, e que é a razão pela qual ele identificava-se tanto com Slater Raleigh.

Sim, Raleigh e ele tinham coisas em comum, mas era essa obsessão em uma mulher misteriosa que causaria problemas a ambos. O problema de Raleigh era fácil de alterar, voltar o cursor, apagar e seu mundo ficcional poderia facilmente ser corrigido. A alteração da vida organizada de Sebastian necessitaria de algo mais. Precisava dormir, mas estava muito tenso para isso o charuto, também não o tinha ajudado.

E a música, o blues, só conseguiu aumentar as batidas de seu coração, bombeando sangue para partes de seu corpo que continuavam tensas fosse qual fosse a intensidade dos exercícios físicos ou longos banhos que os seguiram.

Ele poderia jurar que ouviu sua voz quando a música terminou e antes de apagar o charuto e se afastar da janela para reler as páginas que havia escrito e o som que produziu um choque que quase o fez saltar. Agora, minutos mais tarde, ele não tinha certeza se era sua imaginação, sons da rua ou o grito de uma mulher que se encontrava em puro êxtase.

Sebastian riu e murmurou uma maldição que não tinha nada a ver com a mulher que vivia no andar abaixo e tudo a ver com a sua obsessão. Ele tirou a camisa de lã preta e atirou-a para o pé da cama, ela pousou em cima das roupas que ele havia usado nos dias anteriores. Logo ele teria que tirar um tempo para lavar sua roupa e também para limpar a pia de pratos.

Suas botas foram as seguintes, as fivelas metálicas colidiram com força no chão, desabotoou as calças e caminhou em direção ao chuveiro parando apenas para acariciar Redrum atrás das orelhas. A gata preta estava enrolada dormindo confortavelmente sobre a alta cômoda no quarto.

Sentindo a mão de Sebastian, espreguiçou-se, bocejou e voltou a ignorá-lo. O homem riu, inclino-se para ela e falou com a voz rouca, pois quase nunca falava com ninguém além de seu agente e sua gata:

- Sim, você faz seu trabalho muito bem. -Um trabalho que consistia em recordar-lhe de que era invisível qualidade que anteriormente lhe parecia um problema, mas que tinha aprendido a valorizar.

A indiferença de Redrum era fácil de aceitar sem problemas e não o distraia de sua musa inspiradora, como ele chamava Erin Thatcher. Sebastian sabia que era sua culpa que ela o afetava desta maneira, sua obsessão o fez procurar o seu nome na caixa de correio. Ela não tinha ideia de que tinha encontrado um perseguidor, pelo menos, à perseguia mentalmente.

Raleigh Slater perseguia mulheres nas páginas dos best-sellers de terror escritos por Sebastian com o pseudônimo de Ryder Falco. Porém no mundo de Sebatian, com uma existência solitária escolhida por ele, o isolamento não tinha nada a haver com os anos que passou trancado pelo tribunal de menores, sua única perseguidora era Redrum. A gata preta se desdobrava para surpreender os pombos que pousavam nos beirais do apartamento. Redrum parecia considerá-los ratos alados, e Sebastian pensava o mesmo.

Quando ele chegou para o chuveiro, se despiu e entrou de baixo do jorro de água que vinha de três jatos separados.

Nos últimos 16 anos, desde que foi posto em liberdade do lugar onde estava preso, já com seus 18 anos de idade, Sebastian sempre considerou seus chuveiros como uma forma de relaxar, limpar sua mente, bem como o seu corpo. Quando finalmente se convenceu de que poderia ficar em um lugar fixo, não poupou dinheiro necessário para a reforma do banheiro para atingir seus objetivos.

Durante muitos anos só lhe permitiram uma ducha de 15 minutos quatro vezes por semana, ele compartilhava o banho com outros caras considerados uma ameaça para a sociedade ou para si próprios. Pelo menos uma vez por semana, o banho terminava em briga... Motim... Ou algo pior. Mas Sebastian conseguiu escapar ileso e quase despercebido.

Desde o dia em que havia sido levado da rua, onde tinha vivido desde os sete anos de idade, ele prometeu a si mesmo que jamais iria procurar segurança e apoio em outro ser humano. Sorriu para si mesmo e se perguntou, pela primeira vez, se teria 11 ou 12 anos quando o serviço social o tirou das

ruas. Mudou sua idade de acordo com as mudanças em seu corpo e havia decidido ter por volta dos 16 anos quando começou a crescer sua barba espessa e seus pelos pubianos. Não se importava com a idade que havia lhe dados os tribunais ele tomou sua própria decisão com base em suas memórias de velas, bolos e carrinhos de brinquedo.. .E contou a partir daí.

Sebastian pegou o sabonete e ensaboou seu peito e axilas antes de se colocar sob o fluxo de água para se limpar. Ele manteve os olhos fechados, como o vapor era tão espesso que não se podia ver muito, era difícil até respirar. Sua pele queimava pelo vapor pegajoso e pela imagem mental de Erin. A imagem dela compartilhando o calor e o vapor. Um vapor que intensificou as batidas de seu coração. Saiu de baixo do chuveiro e pegou o sabonete, ensaboou todo seu corpo até chegar a seu pênis, afastou as pernas e apoiou um braço na parede a sua frente.

A água escorria por suas costas e nádegas enquanto ele começou a acariciar-se para aliviar a tensão que havia acumulado por dias. Com os olhos fechados imaginou Erin ajoelhada, seu cabelo curto vermelho puxado para trás, seus grandes olhos brilhantes fixos nos dele, a boca para formando um "O" perfeito, seus doces lábios rosados fechados entorno de seu pênis.

Eu queria vê-la de joelhos, seus seios levantados, movendo-se excitados. Queria saber quanto de seu corpo era depilado e como ficaria sua pele desnuda enquanto a chupava. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu silenciosamente, deixando-se levar pelo orgasmo jogou seu corpo para frente. Acariciou-se mais duro e repetidamente, derramando-se no vapor de sabonete perfumado, quando o que mais queria no mundo estar dentro corpo quente de Erin Thatcher.

Capítulo 03

- Vou ter que pensar em me clonar ou deixar de pensar que eu posso planejar o resto da festa.

Erin empurrado canecas de cerveja vazias para o interior da pia anterior sob o bar do Paddington, uma estrutura circular que se localizava no centro de uma sala com um teto alto e paredes de tijolos vermelhos aparentes. Tanto a esquerda quanto a direita havia reservados e grupos de mesas que cobriam o resto do piso de concreto que refletia a luz do teto brilhante. Frustrada empurrou uma caneca com mais força do que deveria e terminou com manchas de cerveja em uma perna da calça.

-Genial! Claro que eu ainda não paguei a limpeza a seco e aqui eu tenho um sobressalente.

Cali Tippen, garçonete e amiga de Erin, jogou algumas latas no lixo e deixou sua bandeja no bar, solidarizada deu um tapinha em suas costas antes de passar-lhe um pano limpo.

-Budweiser, hein? Duvido muito que alguém perceba entre o cheiro de Merlot ou a essência do charuto cubano.

- Eu que o diga, com toda a fumaça que tem aqui, apesar de o sistema de ventilação instalado durante a reforma, sempre volto para casa fedendo. -Erin fez uma careta. - E eu estou procurando um xampu se possa usar todos os dias. –Ela suspirou.

- Tantos produtos especiais para cabelos e tudo que eu posso mostrar para ele é isso, palha queimada.

Cali estendeu a mão e tocou-lhe os cachos vermelhos.

- Seu cabelo está tão macio e maravilhoso como sempre. E se você precisa de uma muda de roupa, tenho algumas calças de trabalho no carro.

Erin esfregou do tornozelo até o joelho com o pano que sua amiga lhe emprestou.

- Aceitaria sua oferta, se não fosse por um problema óbvio. Cali franziu a testa, olhou para cintura de sua amiga.

- Mmmm. Por que eu sempre esqueço que você tem pernas tão longas?

- Sim, Erin Thatcher, boneca de vara ruiva. Eu sei, eu sei... -Atirou o pano a distância.

Cali sorriu.

- Boneca de vara? Nada disso, você tem dois pacotes interessantes na parte superior.

Erin sorriu e devolveu a saudação a um cliente regular, que tinha acabado de sentar em um dos bancos de bar. Ele pediu uma cerveja.

- Eu pareço um desses bichos longos verdes com olhos esbugalhados, pelo menos você é proporcional.

- Eu? Duas pernas curtas e parte traseira grande demais. -Cali estende-lhe uma caneca de cerveja gelada. - Ah, e não esqueça os oito quilos que sobraram nesta receita.

- Bobagem, você é muito sexy! -Sussurrou no ouvido de Cali antes de passar uma caneca a um cliente se reuniu com os amigos depois de um dia de trabalho e, nesse momento, cortava a extremidade de um charuto.

Cali esperou para retornar ao responder. – Pois não tem me servido de nada ser tão sexy, se não há ninguém que aprecie.

Erin olhou para a amiga que havia sido seu principal ponto de apoio nos últimos três anos e agora parecia precisar de incentivo. Ela acenou com a cabeça em direção ao homem sentado sozinho no bar atrás dela.

- Eu não tenho certeza de que esse loiro quente não esteja encantado em prestar-lhe atenção.

Cali espiou com seus olhos azuis brilhantes e suspirou.

- Ele é bonito, não é?

E ele era. Mas Will Cooper também; o colega de estudos que havia sido atribuído a Cali no início de suas aulas de escrituras de roteiro. O que implica um conflito de interesses entre o estudo e prazer. E por mais evidente que fosse seu interesse por Will, ela tinha reservas em acedia-lo além dos limites da criatividade e da crítica.

Erin também olhou para Will, que lia alguns papeis com a cabeça baixa, os óculos na ponta do nariz, a mão segurando a caneta e seu cabelo loiro penteado para trás.

- O que exatamente são vocês dois? -Perguntou ela. - Diga-me novamente porque você não pode ter qualquer intimidade com ele.

Cali olhou para o teto e encolheu os ombros.

- Eu gosto muito dele e tivemos um ótimo tempo juntos. É um bom amigo e eu não vou estragar isso, bons amigos não crescem em árvores.

- Bons amigos podem ser bons amantes. -sorriu Erin.

-Bem, eu não gostaria de ter um amante que não fosse um amigo, mas eu não gostaria de perder a amizade de Will, porque não nos entendemos na cama.

Amigos e amantes. Curioso, mas Erin não havia pensado em compartilhar outra coisa que não fora sexo com seu “homem pouco apropriado”. Não havia pensado em apresentações ou conversas ou mudar os lençóis. Definitivamente, não haveria manhãs de depois, nem no cara a cara com o homem que havia desejado por seu corpo e pelo que seu corpo a faria sentir.

E isso lhe parecia bem, mais do que bem. Não havia nada de errado com uma aventura física desprovida de sentimentos e ela não tinha tempo ou energia para nenhuma outra coisa. Balançou a cabeça e falou:

- Eu não sei, Cali. Não me parece que você e Will teriam muitos problemas na cama.

Sua amiga olhou para a porta, por ela entrava um dos casais regulares do Paddington dirigiram-se ao seu reservado de costume, no canto mais escuro da sala. Pegou dois copos de vinho na prateleira acima de sua cabeça, uma garrafa de Pinot Noir e olhou para Erin.

- Se vê Will e eu na cama, é que você é uma voyeur pervertida.

Erin soltou uma risadinha.

- Essa é uma das perversões mais inocentes que estou combatendo hoje.

- E o que você quer dizer com isso? Cali colocou os objetos em sua bandeja do serviço.

Erin franziu o cenho, esse erro o momento de confessar-se a uma amiga. Além do apoio de Tess e Samantha, uma amiga da vida real teria a vantagem de poder dar-lhe uma bofetada e forçá-la a pensar com clareza. Ela respirou profundamente.

- Estou pensando seduzir um homem.

Cali tirou um saca-rolha do bolso de seu avental e disse:

- Bem, tudo o que eu tenho a dizer é que já era tempo.

Era próprio dela ser direta, especialmente com relação a seca de relacionamentos de Erin nos últimos tempos. Ou melhor, nos últimos três anos. Uma relação desastrosa após outra, os homens que se ressentiam com o tempo que passava no Paddington, ou eram intimidados por sua personalidade forte e direta. E por isso sua aventura com o homem inapropriado não seria um relacionamento, mas apenas algo divertido.

- É verdade, mas desta vez eu penso em seduzir um homem que eu nem mesmo conheço.

- Bem, o encontrará e aprenderá a conhecê-lo e bang... - Cali levantou uma sobrancelha e baixou a voz. - É uma maneira de falar.

- Hum... Erin sabia que a questão era complicada nesse ponto. - Estou pensando em pular o encontro.

Cali tinha posto a bandeja na palma da sua mão esquerda e olhou diretamente em seus olhos.

- Eu não sei como você faz isso, mas sempre joga suas bombas quando eu tenho as mãos cheias.

- Vou lhe dizer quando você voltar. -Erin acenou para o canto escuro onde se encontrava abraçado o casal que acabara de entra. - Seus clientes esperam que você.

- Pois que esperem! Eu não gosto de surpreendê-los quando eles fazem coisas diferentes.

Erin sabia que Rory, seu avô, iria compartilhar essa opinião a ponto de ignorar o casal. Mas, por outro lado, se Rory tivesse mesmo estivesse frente do Paddington, o bar teria atraído uma clientela completamente diferente. Nesses momentos, ela não poderia deixar de se perguntar o que seu avô

opinaria o que tinha feito com o seu sonho ou o que pensaria sobre isso. Deu uma palmada em Cali para pôr-lhe a caminho da mesa.

- Não são coisas diferentes é o amor.

Cali deu alguns poucos passos de distância, fora de seu alcance.

- Talvez, mas aqui queremos vender vinho, charutos, ouvir Sade, Dido e até U2 . Nós não queremos pessoas que se acariciam por baixo das mesas.

Erin olhou para ela sorrindo.

- Agradeça por ele não acariciá-la por cima da mesa e por ela não esconder suas mãos no colo dele.

- Acredite-me! - Cali estremeceu. - Eu vou ser a primeira a gritar, se me deparo com uma cena dessas.

Erin olhou para longe e viu o resto do bar. Todos os clientes estavam atendidos, desfrutando de seu fumo e boas conversas. Aquela noite não estava agitada, mas ainda era cedo. A hora do rush, após o trabalho iniciava pelas seis e alcançava seu pico lá por cerca das nove horas. Das nove até as onze, nem ela nem os garçons teriam tempo de fazer nada, além de uma rápida visita ao banheiro.

Depois de ter transformando o salão de cervejas de Rory em um estabelecimento elegante mais condizente com a cena urbana da Main Street, não se saiu mal depois do primeiro ano aberto, mesmo que não tenha conseguido obter lucros suficientes de reinvestir, pelo menos conseguiu cobrir suas despesas. Sua projeção de cinco anos para obter lucro começava a tornar-se realidade e a cada dia parecia estar mais perto de possuir um negócio próspero. Isso se o orçamento previsto para a festa de aniversário, programada para o fim do mês, não a deixasse no vermelho por toda a próxima temporada.

Mas, não queria pensar nisso no momento. Seus pensamentos precisavam ser positivos e produtivos, se ela não quisesse que o estresse resultante acabasse por levá-la ao túmulo. Não, a festa de Halloween que marcaria o aniversário do bar seria a mais comentada da cidade.

E que assim seja, depois que custou tanto a encontrar um tema, a batalha entre o bem e o mal, preto e branco. Já havia até escolhido seu traje de mestra de cerimônias e esperava ter coragem de chegar ao final com calma.

Quando Cali voltava em direção ao bar, Erin olhou em volta e descobriu que o resto dos garçons estava tomando conta do restante das mesas, fez um sinal para sua amiga e a puxou para o escritório. Quando a porta se fechou atrás delas, Cali a olhou como se tivesse perdido a cabeça.

- É melhor você se apressar, eu tenho medo de deixar o casal longe da mira do meu rifle por mais de cinco minutos.

- Pegue. Isto é o que eu queria mostrar. - Erin lhe mostrou a revista que tinha trazido consigo para o trabalho.

- "Os homens para se fazer algo antes de dizer o sim." - Cali olhou para cima da página, onde havia cinco homens que estavam em fila. Eles eram todos altos, musculosos e atraentes. - Você está

brincando comigo, certo?

- Em absoluto. Erin suspirou. -Eu cansada, sabe? Cansada da dupla moral que faz com os homens possam ter aventuras casuais, enquanto eles se concentram em suas carreiras. Cansada de tanto trabalho e nenhum divertimento nunca. E francamente, estou cansada de ir para a cama sozinha.

Cali leu o artigo e ergueu as sobrancelhas.

- Ok, eu entendo o que você diz. Ter um homem e com ele fazer essas coisas é muito tentador. - mordeu o lábio inferior e foi para a segunda página. -O que me assusta é a ideia de sair a procurá-lo, sou muito covarde.

- Você, covarde? Quando aconteceu e onde eu estava para não ter percebido?

Era evidente que sua atração por Will estava causando mais problemas do que sua amiga havia confessado. E sim, Erin entendia que poderia ser difícil decidir entre o chamado de seu corpo e seu cérebro. Dedicou um sorriso de alento para sua melhor amiga.

- Você tem mais coragem do que qualquer um que eu conheço e eu preciso do seu apoio moral e seu exemplo.

- Isso significa que eu tenho que perseguir Will para ensinar a você como? -Cali riu.

Erin deu um tapinha no ombro dela.

- Tão pouco se passou tanto tempo assim para que eu não possa me lembrar de como. Apenas...

- O quê?

Erin apoiou-se na mesa com as mãos no quadris e suspirou.

- É essa maldita propensão feminina em misturar os sentimentos. E eu não quero sentimentos sobre este assunto. Eu não ficar obcecada com o que eu devo fazer ou se eu tenho que me depilar ou se devo ligar.

Cali encolheu os ombros.

- Pois ligue e chame-o para obter o que deseja não se depile se não te agradar e se vai ser uma bagunça puramente sexual, não inicie jogos na sua cabeça.

Erin assentiu sua amiga tinha razão. A incerteza não tinha lugar em sua personalidade ou a seus planos. Colocar os olhos sobre um homem para fazer essas coisas era um passo positivo para resolver um problema em particular, não era algo que exigia muito sofrimento emocional. Na verdade, ela não exigiria nada além do que a participação que seu corpo precisava. Ela poderia e gostaria de fazer isso.

- Você está certo, eu não vou recuar. Isso será somente um jogo divertido.

- Muito bem, disse Cali acabando de ler o artigo e devolvendo a revista a revista. - e se você estiver indo bem, eu posso tentar também.

- Com Will, verdade?

- Vamos ver. -Cali se moveu em direção à porta. - Eu acho que vou assistir de longe, tomar notas, analisar, formular hipóteses e tudo isso. Boa sorte.

Ela saiu da sala e Erin decidiu tomar um minuto para verificar o seu e-mail, ainda não tinha tido a oportunidade de ver se suas amigas do “Maçã de Eva” haviam lhe respondido. Poucos segundos depois, encontrava uma resposta de Samantha. Ela sorriu e acomodou-se na cadeira para ler confortavelmente.

De: Samantha Tyler

Enviado: Quinta-feira

A: Erin Thatcher; Tess Norton.

Assunto: Re: Artigo de revista sobre homens que fazem “coisas”

Cara Erin: Homens para se fazer coisas, que ótima ideia! Sua nota excitou-me muito. Se eu gostaria de uma festa de sexo sem complicações? Mmmm, sim. Especialmente sem complicações. Estou farta da palavra "relacionamento". Compromisso, decepção, fantasias arruinadas... Não pareço muito amarga, certo? Em qualquer caso, conta comigo.

Quanto ao Cara Mau... Eu não sei. Como assustador? Aterrorizante? Hannibal Lecter ou o quão terrível ele faz você se sentir? A verdade é que eu gosto dos esquisitos. Na escola eu estava sempre apaixonada pelos mais estranhos. Eles tinham muito mais personalidade que os jogadores de futebol. Hug! Uns tontos sem cérebro. Eh! Esse é o tipo de home com quem eu quero fazer umas coisinhas, um idiota sem cérebro. O que você acha?

Para você eu recomendo que vá... Cautelosamente. Carregue um spray de pimenta até ter a confirmação de que tipo de assustados ele realmente é e se confirmar as suspeitas corra como o inferno. Quanto à forma de aproximar-se dele... Erin, estamos falando de um homem apenas sorria que ele faz o resto. E nos mantenha informadas de tudo.

Amor, Samantha.

Erin sorriu e voltou a ler a mensagem. A saída como o Tonto Bonitão era muito característico de Samantha. E ainda assim, não poderia ser pior do que o cara assustador, mas pelo menos seria fácil de encontrar e também previsível.

Isso era algo que Samantha, Tess e ela concordavam os homens não eram muito diferentes. Isso a fez

pensar no tipo de homem que Tess escolheria. Fechou a mensagem de Samantha, revisou o resto de seu e-mail e não tardou a encontrar a mensagem que esperava.

De: Tess Norton

Enviado: Quinta-feira

A: Erin Thatcher, Samantha Tyler

Assunto: Re: Artigo de revista sobre homens que fazem “coisas”

Cara Erin: O playboy do mundo ocidental? Você enlouqueceu? Dash Black esta tão distante de mim que teria sorte em regar suas plantas. Ok, eu sei, acabo sempre com um bando de perdedores, mas Brad e eu estamos indo muito bem, obrigada. Ele explicou ontem à noite por que ele não tinha vindo ao nosso encontro e, uh, essas coisas acontecem, certo?

Além disso, vai me levar na Night Party do Robert De Niro em Tribeca. Agora tudo o que eu tenho é que encontrar um vestido que custa como um Tommy Hilfiger e pareça um Versace. E você acha que haverá sapatos Jimmy Choo em lojas de segunda mão do Exercito de salvação?

Quanto ao seu Cara Mau... Vá em frente gata. Hum. Eu amo todas as possibilidades. A ideia é maravilhosa e você merece se deixar levar e se divertir um pouco. Há um milhão de homens inadequados por aí e todos estão esperando que criaturas divinas como você lhe deem um aceno.

A vida é curta, comece a comer pela sobremesa, faça-o! Crie memórias interessantes. Mas cuidado, ok? Você não precisa se apressar... Acho que seria o que eu faria em seu lugar, então, você pode fazer o oposto.

Amor, Tess.

Erin riu e forçou-se a levantar da cadeira e voltar para o bar, onde um monte de trabalho a esperava. O que estava errado? Ela havia perdido a sua capacidade de se concentrar no Paddington e não se importava. Ou pelo menos era o que parecia ultimamente. Talvez estivesse precisando de uma receita de Prozac .

Ou talvez só precisasse se lembrar de tudo que Rory lhe havia ensinado sobre viver a vida ao máximo e não apenas se matar de trabalhar, que era exatamente o que acontecia recentemente.

Mas não permitira que isso continuasse, controlaria aquela tendência ao desânimo e celebraria o

sucesso do bar em grande estilo. Do seu bar. Da sua ideia. Do Paddington da Erin Thatcher na Main Street. Ela precisava começar a pensar sobre o lugar como seu, em vez de continuar olhando para trás meio que esperando encontrar o cenho franzido de Rory pelo que ela tinha feito ao seu bar.

Ademais se divertiria com seu lindo homem para fazer algumas “coisinhas”. Sem complicações, sem sentimentos e sem medo. Em sua vida com Rory tinha aprendido alguns truques de sobrevivência não decepcionaria seu avô agora. Seguiria em frente e provaria ser digna do nome Thatcher, herdeira do Paddington.

Cali seguia em torno das mesas de bate-papo com os clientes, anotando pedidos e se esquivando insinuações que, graças a Deus, eram poucas e todas muito inocentes. Ela já havia trabalhado em lugares piores e coisas bem piores. O trabalho com Erin era uma pausa desesperadamente necessária em sua vida.

O Paddington atraia dois tipos de clientes. Primeiro, foram os que Erin definiu, com a ajuda das observações de Will, como "os ratos que querem se dar bem" lembra o jovem macho profissional e confiante de Frank Sinatra e Dean Martin do resto dos atores em “Ocean’s 11”.

Cali não necessariamente teria feito essa ligação não fosse por Will ser em grande fã de filmes antigos. Mas, aparentemente as jovens profissionais solteiras não haviam levado muito tempo para fazer a conexão, já que o local estava enchendo de saias muito curtas assim que terminaram a calçada.

Em segundo estavam os casais que procuravam intimidade, luzes tênues e um ambiente que permita atividades ilícitas. A dupla atrevida eram apenas os mais audaciosos dos clientes habituais que passavam horas depois do trabalho desfrutando do vinho e da companhia um do outro. Os restantes mantinham seus assuntos em privado, como deveriam ser tratadas as questões românticas.

Cali e Erin se divertiram tentando adivinhar a natureza dos relacionamentos, inventando histórias de aventuras imaginárias, tanto em sua atração inicial, como na história adiante. Patético, claro. Duas jovens atraentes solteiras que observavam os outros em vez de desfrutar de sexo na cidade.

Cali não entendia como é que na TV as personagens conseguiram equilibrar suas carreiras com toda a diversão que tinham. Entre o trabalho, os estudos e tarefas de todos os dias, ela mal tinha tempo de dormir, muito menos energia para chegar se mostrar espirituosa, inteligente e todas as outras qualidades que deveria ter uma mulher fatal. Na maioria das vezes era uma luta apenas sentir-se mulher, o que dirá fatal. Mas nada disso parecia assustar Will Cooper.

Ele respeitava e elogiava as suas ideias sobre o roteiro em que trabalharam juntos, parecia desfrutar de sua companhia. Depois de tudo, passava horas esperando no Paddington porque achava que pudesse ter muitas ideias coerentes ali. Ela fazia muito em não confundir os pedidos dos clientes, não costumava ser capaz de discutir os pormenores da argumentação ou determinar o valor concreto de uma determinada cena.

Terminou de limpar uma mesa vazia, ele se voltou para o bar carregando a bandeja... E seus olhos se encontraram com os de Will. Ela suspirou, admirada novamente com a intensidade da ternura embargada em seu coração. Seus óculos de aros dourados se misturavam perfeitamente com a cor de seu cabelo beijado pelo sol e o tom claro de seus olhos. Ele era um homem bonito, uma descrição que ela normalmente não aplicava aos homens, mas a Will descrevia maravilhosamente.

Cali não podia resistir, atraída como um peixe no anzol avançou com a bandeja em sua direção atraída por sua expressão doce de malícia infantil. Seu sorriso quase a derrubou de joelhos.

Ela sabia que essa frase era muito manjada, se tivesse aprendido alguma coisa em suas aulas de literatura criativa foi nunca se contentar com a primeira coisa que passou por sua cabeça, porque o trabalho de quebrar a cabeça pensando em outra alternativa quase sempre tinha suas compensações.

Mas isso não importava agora, porque essa é a vida real, não ficção. E a maneira como Will Cooper a olhava a fazia tomar um grande esforço em apenas andar. Aquela noite estava mais vulnerável porque seus pensamentos que você haviam entrado em um território tabu depois de ouvir os planos de Erin em seduzir um homem. Um homem a quem sequer conhecia. E Cali conhecia bem Will.

Sentindo um arrepio na base da coluna, colocou a bandeja no bar e se aproximou de Will tanto quanto o decoro a permitiu, e em seguida, aproximou-se mais... Até colocar-se entre o banco que havia a seu lado.

A expressão de seu rosto, seu ar pensativo e seu sorriso torto lhe deram desejos de ficar de joelhos, de jogar seus braços em volta de seu pescoço e acabar com esse negócio de nunca se tocarem.

- Um dia desses, você vai ter que reorganizar sua agenda e incluir o tempo livre. -Will levantou a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sua mão demorou um instante, de repente franziu a testa e a retirou com uma expressão de choque em seu rosto, como se ele soubesse que sua mão tinha vontade própria.

Cali reprimiu-se para não se aproximar mais e enterrar o rosto em seu pescoço, a tentação do calor foi difícil de ignorar. O que ele fez, no entanto, foi levantar a mão e recorrer o mesmo caminho que a mão dela havia executado o que foi igualmente revelador. Will olhou para o movimento dos seus dedos e depois fez uma tentativa de cobrir sua gafe.

Seu olhar encontrou o dela e Cali adivinhou o que ele viu. Seus olhos eram grandes e líquidos e não conseguia esconder seus sentimentos. E não estava segura se gostaria que Will visse o que estava sentindo naquele momento.

A maneira em que seu coração batia com força quando pensou em seu toque, a maneira que a excitação descia por sua coluna para instalar-se no núcleo de seu ventre, onde desejava ardentemente que Will pusesse sua mão.

Mas ele observou e esperou, e sua hesitação só piorou as coisas. Se Erin não houvesse plantado a semente da ideia da sedução em sua mente! Mas ela o fez e agora ela olhou para os olhos de Will e não conseguia pensar em mais nada. Ela recuou e tentou impor seu ar inexpressivo.

- Eu tenho tempo livre, mas são as mesmas noites em que tenho aula. Nós temos aula.

Will sorriu.

- E se três noites por semana estamos juntos em sala de aula e nas noites em que venho aqui você trabalha, por que eu tenho a impressão de que não passamos tempo suficiente juntos?

- Porque não passamos nenhum tempo juntos! -Cali encolheu os ombros. Será que ele quer que

passemos tempo juntos? - Estamos na sala de aula ou no trabalho, ou tentando escrever em intervalos que parecem tão grandes quanto a pausa para os comerciais.

-Sim, eu sei. -Will tocou outro de seus cachos e desta vez ele baixou a mão para o lado de seu pescoço. - Mas eu estava falando de nós dois. Para nós passarmos o tempo juntos.

- Nós? Juntos? Sem trabalhando ou roteiro? -Cali queria ter certeza do que ele pensava, porque o que ela pensava deveria ser evidente, pois, sentia muito calor em suas bochechas.

- Exatamente! -Will pegou novamente a caneca de cerveja e sorriu. - Eu acho que isso se chama sairmos juntos.

- Sairmos juntos, ela suspirou. Pegou a bandeja e pensou era agora ou nunca. - Isso parece ótimo. E antes de sair, ela inclinou-se e beijou-o no rosto.

Capítulo 04

Raleigh Slater precisava dormir. Cochilos e momentos ímpares onde dormiu já não eram suficientes. Ele precisava de oito horas, precisava de dez horas, ou dezoito. Estava exausto e estava começando a mostrar. Não no trabalho, isso nunca aconteceria. Ele não trabalhou sua vida todo como um escravo para estragar tudo agora porque não conseguia continuar acordado. Mas, estava começando a mostrar em seu rosto.

Ele passou a mão sobre sua mandíbula, que necessitava ser barbeada, entretanto, cansado como estava teve medo de cortar sua jugular. Com um movimento sinuoso aproximou ainda mais o barbeador elétrico para a sua pele. Olhou seu reflexo no espelho e percebeu que essa possibilidade tinha seu encanto.

Um corte limpo e fim de tudo. Sua carreira, sua vida que e a maldita espera que havia iniciado desde que fizera um trato com o Príncipe das Trevas em pessoa, decisão que Raleigh vivia a lamentar.

Sim, um bom talho e haveria terminado. E não era exatamente isso que ele esperava que Raleigh fosse fazer? Quem teria compreendido o erro monumental que ele cometeu quando disse isso? Por isso ele o enviou para a mulher. Raleigh deveria ter notado antes, ele demorou demais em adivinhá-lo.

Toda vez que ele se virou ela estava lá, cruzando sua linha de visão, o distraindo do assunto que tinha em mãos com suas pernas longas como o Mississipi e sua pele incrivelmente clara, tendo em conta que vivia em uma cidade em que o sol comia e queimava a carne com abandono... Uma distração do negócio na mão com as pernas longas como o Mississipi e sua pele clara ¬ surpreendente, considerando-se viver em uma cidade onde queima de sol e comeu carne com abandono... Em seus cabelos ruivos que se agitavam ao vento...

Cabelos ruivos? Maldição! Ele acabou de escrever "cabelo ruivo"?

Sentado em um reservado em um canto escuro do bar, Sebastian apertou o lápis até que ameaçou romper sob a pressão da frustração raivosa. Ele olhou para o papel amarelo, balançou a cabeça e fez uma careta.

A protagonista feminina do livro de Falco Ryder não tinha cabelo ruivo, era loiro claro como convinha sua natureza angelical. Óbvio talvez, e talvez mudasse de opinião durante as revisões, mas uma coisa era certa: o cabelo ruivo que escreveu pertencia a Erin Thatcher e não a sua heroína de ficção.

Depois de mais uma noite com menos de três horas de sono... Ou já seria de dia quando finalmente se enfiou na cama?... Tinha decidido que faria sua visita há muito tempo adiada ao Paddington. E desta vez conseguiu cruzar a porta.

Havia esperado para entrar em um momento em sabia que teria bastante movimento, já que queria passar despercebido o máximo de tempo possível. Assim como passava despercebido quando passava a noite pelas ruas, e a melhor maneira que encontrou foi entrar na pele de Raleigh e seguir em frente com a sua história. Então, por que acabava sempre olhando para o canto em frente ao bar, vendo

através da janela da Main Street?

Ele fez isso porque precisava a observar em seu habitat natural para planejar seu próximo movimento. Não era tanto como um leão que espera uma gazela, mas, como um falcão que espreita para surpreender sua presa que não o espera. Ainda que duvidasse que ela não havia notado as chispas que saltavam entre eles, ainda mais, que a havia surpreendido, mais de uma vez, lambendo os lábios enquanto o observava.

Ele trouxe lápis e papel para o Paddington e se estabeleceu em uma cabine reservada de onde podia ver bem o bar circular e quem o comandava. Agradava-lhe que ela fosse uma mulher ao cargo de seu próprio mundo.

A segurança em si mesma era algo bom, deixava implícito que ela sabia o que queria, diminuindo as probabilidades de que fosse demasiadamente tímida para responder qualquer pergunta que ele lhe faria ou para contestar o que lhe pediria. Queria dar a Erin Thatcher o que ela queria, porque queria averiguar à fonte de suas obsessões e para isso teria que levá-la para cama.

Erin não conseguia respirar. Duvidava que seus pulmões voltassem há trabalhar algum dia e, se o fizessem, continuaria sem poder respirar e o que a impedia não era a fumaça dos charutos. Estava completamente paralisada.

Suas mãos suavam, sentiu calafrios na espinha, o sutiã empapado por baixo de sua polo preta, os pelos de sua nuca estavam arrepiados e a eletricidade estática fazia sua pele arder. Dez minutos atrás se encontrava bem, uma maravilha, porém, levantou a cabeça e o viu.

Ele, o Cara Assustador, seu homem para fazer as “coisas”, estava sentado em um reservado atrás do casal ousado. E, claro, estava a olhando, observava cada um de seus movimentos.

O que ele estava fazendo ali? Não podia acreditar que era uma coincidência, ele nunca tinha ido ao Paddington antes. E era muito improvável que ele havia escolhido seu bar, aleatoriamente, menos de vinte e quatro horas depois de ela decidiu tentar algo com ele.

Isso era muito estranho, muito.

Havia enviado Cali a sua mesa depois de lhe dizer quem ele era, sua amiga a olhou como se houvesse perdido o juízo. Aquele era o homem que pensava em seduzir? Parecia um homem que saboreava virgens na sobremesa e depois às sacrificava em um vulcão para seu prazer pessoal. E Erin achava que poderia sobreviver a uma aventura com ele?

- Você esta louca? –murmurou.

Erin pensou que se Cali não o atendesse logo, em trinta segundos, iria estrangulá-la e demiti-la. Para quê lhe serviria uma garçonete que demorava tanto para averiguar o que ele queria? Aquilo não era bom para os negócios.

"Conte até 20, Erin. Conte até 20".

Poderia ter contado até 20 mil e não teria servido de distração teria servido nenhuma distração. Ela precisava de algo, qualquer coisa, para apagar a sensação de que observavam todos seus movimentos e

olhavam para sua cabeça como quem olha para um pêssego maduro antes de colhê-lo. Erin se perguntou se ele visitou seus sonhos, se havia estado em seu quarto durante aqueles minutos antes que dormisse e imaginou suas mãos em seu corpo e em seu sexo.

Por que outro motivo ele teria ido lá? Não poderia ter escolhido o Paddington ao acaso, não depois das fantasias que ela teve com ele. Ela o invocou fisicamente, era isso! Ele tinha ido lá porque ela o havia chamado mentalmente. E nada a tinha amedrontado tanto.

No entanto... Não era um medo tipo de Hannibal Lecter, nem um medo de molhar as calças, pelo menos, não com o tipo de umidade que se associa ao medo. Não, era mais como uma perturbação dos sentidos. Aquele pensamento fez com que Erin soltasse uma risadinha e rir era bom, certo?

Onde diabos estava Cali? Quanto tempo poderia demorar para anotar um pedido e retornar o curto espaço até o bar? Mas Erin não ousava olhar, já sabia que não poderia fingir desinteresse. Por fim ouviu os passos suaves de sua amiga.

- Vá, vá, vá! -Foi até a geladeira e pegou uma garrafa de cerveja. Uma cerveja cara, importada. - Eu espero que você saiba aonde vai se meter amiga, você escolheu um homem com um gosto excelente.

Erin encostou-se no bar e esfregou a testa.

- Maravilha! Decididamente, é plutônio.

- O quê disse?

- Nada. Eu estou tentando decidir se eu quero desistir antes que seja tarde demais.

- Ah, ah, nada disso! -Cali balançou a cabeça. -Decidi juntar-me e participar do seu plano maluco.

Erin olhou para cima.

- Junte-se? Do que você está falando?

- Espere, eu tenho de servir uma cerveja. -Cali acenou para os bancos do bar, que foram preenchidas rapidamente. - E você tem que deixar de ficar parada e voltar ao trabalho.

Depois disso Erin e Cali mal tiveram tempo de trocar algumas palavras aqui e ali.

- Não sei o que ele escreve, murmurou Cali em um momento em que enchia uma bandeja.- Parece um artigo ou um periódico. Talvez até mesmo uma história.

- Uma história? Você é uma escritora e não sabe o que ele esta escrevendo? -Erin colocou duas jarras limpas sob o bar. –Para que pago você se não consegue dar uma espiadela?

-Se você acha que me paga muito, acho que precisamos conversar. -Cali se afastou antes que Erin pudesse responder.

Ela tentou se concentrar nos clientes que rodeavam o bar circular. Foi ficando tarde e os clientes do happy hour finais se uniram aos boêmios que frequentavam o Paddington até tarde.

E por que não? Muitos artistas passavam tempo criando em cafés tranquilos. Will Cooper também estava inclinado sobre seu caderno tentando por em ordem a história que escrevia com Cali, ainda que naquela noite parecesse mais distraído do que o normal.

Por que, então, não iria escrever algo criativo também seu cara assustador, se é que era isso que escrevia e não uma lista de possibilidades relacionadas ao plutônio? Ahhh. Aquilo não iria terminar nunca?

Decidiu se deixar arrastar por alguma das conversas do bar em busca de distração. Qualquer coisa para manter ocupada, focada no trabalho, e deixar de se perguntar o que ele fazia ali, o que ele queria dela e por que ela ainda não tinha ido até ele.

Retirou várias canecas vazias e estava limpando o balcão quando Cali se colocou entre ela e a geladeira.

- É definitivamente uma história de algum tipo, disse, tirou uma segunda garrafa de cerveja. - com linhas de diálogo e parágrafos curtos.

Ela foi embora, sem dar tempo para a Erin de responder, de modo que estava sozinha novamente pensando nele. E se Cali estivesse errada? E se não houvesse uma história, e sim uma crítica de restaurantes? Não, porque ela não servia comida digna do tempo e esforço de um crítico. Seu cardápio era simples. Aperitivos e sobremesas que podem ser o complemento perfeito para uma garrafa de vinho. Não, o que vendia era o ambiente e a atmosfera, assim como aprendeu com Rory, mas não o mesmo ambiente que ele tinha vendido.

Ela cometeu o erro de olhar na direção dele e descobriu que ele não escrevia, mas olhava para ela firmemente, testando a sua capacidade de resistir ao seu escrutínio nada casto. Cravou os dedos no pano que tinha em mãos e apertou com força.

Seus olhos estavam brilhantes, uma espécie de resplendor verde em que se viam muitas coisas que ela se esforçava em ocultar. Coisas que não havia dito a Cali, coisas que jamais havia contado a Rory, coisas que odiava dizer a si mesma, mas que ele adivinhava muito facilmente com somente um olhar.

Mas, que olhada! Não era erótica, era irresistível. Não era ardente, era devoradora, possessiva. Intensa de maneira que a obrigava revisar se haviam mechas soltas de cabelo, se haviam manchas e cicatrizes em seu rosto e revisar sua mente em busca de medos que gostaria que ele explorasse. Odiava aquela vulnerabilidade, mas também queria despir suas roupas e dar-lhe o que ele desejasse.

De repente, vendo-o a observá-la, seu peito pareceu muito pequeno para conter as batidas de seu coração, sua pele ardia como se o contato de seus olhos fosse um toque físico e não somente um contato sugerido. Nos braços, na parte de trás dos joelhos, no vale entre seus seios… O suor parecia picar sua pele. As dobras entre suas cochas umedeceram uniformemente, literalmente queimando.

Não soube como sobreviveu ao resto da noite, mas o fez, conversando aqui e ali, retirando e servindo copos e canecas, olhando a cada segundo o relógio acima da porta principal, o grande relógio herdado do Paddington original e cujos ponteiros se aproximavam.

O “Cara assustador” que estava determinada a conhecer melhor foi um dos últimos clientes a sair do

bar.

Will, como sempre, esperava por Cali e esta sempre ajudava Erin a fechar. Os três riram e conversaram como de costume enquanto se organizavam, e ele desapareceu entre as duas últimas viagens de Erin a cozinha.

Finalmente ela pode respirar, fechar o bar e rumar para casa.

Não sabia se ele havia regressado ao prédio em que viviam, somente umas quadras abaixo na Main Street, ou se tina ido a algum Clube que atendem as criaturas da noite. E isso era exatamente o que ele lembrava, vestido da cabeça aos pés de roupas escuras e um ar que recordava um animal faminto a espreita.

A atormentava, e por isso decidiu agarrar o touro a unha e apresentar-se da próxima vez que se cruzassem. Se não o fizesse arrepender-se-ia para sempre, além do mais, certamente a etiqueta exigia que se cumprimentassem antes que embarcassem em seu plano premeditado.

Ela levou o seu Camry pela garagem uma rampa atrás de outra até chegar ao quarto nível. Paddington ficava perto de casa e o bairro não era pior do que uma dúzia de outros na cidade, mas Erin valorizava demais sua segurança para tentar o destino no meio da noite.

Ela pegou sua bolsa e atirou-a por cima do ombro enquanto fechava o carro, um segundo depois escutou o som que estava esperando. Um ronronar suave, um grunhido que se tornou mais intenso à medida que o carro se aproximava. Um carro negro como a noite, com vidros escuros, rodas cromadas brilhantes e cano duplo de escapamento. Ela ficou imóvel, apertando a ala da bolsa em seu ombro com força.

O carro passou lentamente, uma máquina potente e poderosa, uma sombra que vigiava todos seus movimentos. Erin sentiu um aperto intenso em seu ventre que fez com que seus pés permanecessem cravados no chão de cimento, ela tentou olhar pela janela do condutor, mas só viu seu próprio reflexo.

Apesar de que não necessitava ver seu rosto para sentir os efeitos do olhar que sabia ser dirigido a ela. A eletricidade seguia presente queimando sua imaginação febril e seu corpo, que ainda recordava os sonhos eróticos da noite anterior. O carro entrou na sua vaga correspondente ao seu apartamento e Erin vacilou alguns segundos, consciente de que havia chegado o memento, a oportunidade que esperava e que teria que aproveitar. Enquanto escutava o motor se apagar avançou até o elevador. Uma vez ali, esperou, com as costas apoiadas na lateral do elevador pressionando o botão que segurava a porta aberta. O coração golpeava com força em seu peito antecipando seus passos.

Mas não os ouviu, ele dobrou a esquina em silêncio e se colocou diante dela sem dar-lhe tempo de tirar mão do botão e a surpreendeu esperando-o, a única coisa que pode fazer em resposta foi sorrir. Sorriu, e depois baixou os olhos, pois havia perdido a voz. Ou pelo menos, perdeu a capacidade de dizer algo inteligente ou coerente e não acreditava que dizer-lhe para tirar a roupa naquele instante fosse uma boa forma para quebrar o gelo. Mesmo que desejasse vê-lo nu mais do que qualquer coisa.

Não entendia muito de roupas masculinas para adivinhar seu tamanho, mas, aquelas botas eram enormes. Jeans escuros mais próximos ao preto que azul, cobria suas botas em torno dos tornozelos, suas pernas eram longas. O olhar de Erin baixou devagar até o volume apertado de seus jeans na

região de seu pênis e lhe agradaria dar uma volta e observar seu traseiro, mas, não havia tempo.

Em questão de segundos estavam no andar térreo, ela teria que agir agora. Respirou fundo, mesmo que longe de acalmar seus nervos, sorriu o melhor que pode, mas então soou o bipe e a porta do elevador se abriu, não teve opção se não sair e confiar que ele a seguiria, ele fez. A seguiu inclusive quando cruzou a portaria até a sala onde estavam as caixas de correspondência. Ela o sentiu em suas costas como o beijo etéreo de uma sombra e um calor produzido por sua imaginação lasciva.

Uma ansiedade intensa e nervosa cobrou vida em seu ventre, os passos de ambos ressoavam pelo ambiente, sendo os dela mais altos, ondas de impulsos elétricos azuis e brancas se moviam no ar. O cheiro de perigo eminente ardia com uma intensidade cáustica.

Então captou outro aroma, um cheiro exótico pouco perceptível de colônia masculina, uma mescla cara de bosques verdes e especiarias e o cheiro dele. Ela estremeceu ao entrar na sala.

Ele avançou diretamente para sua caixa de correspondência e Erin pode apenas concentrar-se em separar as propagandas das faturas, sabia que não voltaria ter uma oportunidade tão perfeita. Era tarde e os dois estavam sozinhos e livres, dois seres sexuais lúcidos que não tinham um único motivo para dizer “não”. A menos que ele não a achasse desejável e ela houvesse imaginado ter visto aquelas chispas no Paddington.

Respirou fundo e decidida fechou a caixa de correspondência com força, virou-se e deteve-se na lixeira para descartar alguns folhetos e o bilhete que lhe recordava de sua revisão ginecológica, enfiou o resto da correspondência na bolsa e o olhou justamente no momento em que ele fechava sua caixa de correios três passos o levaram até a lixeira onde descartava alguns papéis.

Erin levantou o queixo e o olhou nos olhos.

- Olá, disse ela, em uma voz muito mais forte do que esperava. – Eu sou Erin. Erin Thatcher. Eu acho que é hora de nos apresentarmos, considerando que você vive em cima de mim.

Os olhos dele eram um misto de verde com a cor das antigas garrafas de Coca-Cola, um lindo contraste de luz com suas sobrancelhas e cílios negros indiscutivelmente góticos. Seu lábio superior era estreito e o inferior mais carnudo o que dava a seu sorriso um encanto infantil e muito sexy e, aliás, era a única coisa infantil em todo seu corpo.

Seu olhar não vacilou nem um estante e nem tentou fingir que não sabia o que ambos já sabiam. Era assombrosa a evidência de seu pronto desejo, como se o sexo entre eles fosse uma conclusão esperada, uma decisão já tomada muito tempo antes desse momento, uma realidade distinta para os dois.

Então, com uma voz que soava como se raramente houvesse razão para falar e lembrava o ronco do poderoso motor de seu carro, um vozeirão, ele disse:

- Sebastian Gallo.

Ele abaixou a cabeça.

Não foi o beijo que a surpreendeu, já estava preparada para ele desde que havia despido a ambos em suas fantasias. O que eu não esperava era a necessidade de que ele poderia desencadear. Sentiu a

tensão no roce de seus lábios, na distância que ele mantinha entre ambos mesmo que estivessem tão perto.

Seu corpo ganhou vida, as mãos que seguravam as alças da bolsa se lançaram sobre ele, era alto, sólido e seus bíceps duros como pedras, ela tinha que levantar o queixo e ficar nas pontas dos pés para chegar a ele e não era uma mulher pequena.

Mas a maneira que ele segurou sua cintura a fez sentir-se pequena, feminina e desejada. Então, como já havia passado a prova era chegado o momento de explorar até onde chegaria aquiescência dela, o beijo dele se fez mais profundo, mais duro e ansioso a tal ponto que suas mãos apertaram o corpo dela contra si próprio.

Erin pensou que iria morrer, sua pele ardia com um calor de intensidade demasiada para seu corpo suportar, seu coração a golpeava com um ritmo inimaginável e estava segura que suas costelas se romperiam a qualquer momento, tamanha a pressão em seu peito. Porém nem o calor ou a pressão eram comparáveis às sensações que cresciam nas profundezas de seu sexo.

Sua umidade quente de empapou a calcinha, ela queria abrir as pernas mais do que qualquer outra coisa. Queria Sebastian Gallo enfiasse a mão entre suas coxas e apertasse sue botão úmido e inchado. Ela queria sentir sua boca lá, queria tudo isso e mais. E até agora só tinha compartilhado um beijo e perguntou-se como iria sobreviver ao sexo completo.

Ele a empurrou contra a estante comprida que ocupava toda a parede da sala, ela sentiu a borda dura em suas costas apoiou-se contra ela, empurrando seu ventre contra sua ereção impressionante. Suas línguas se mesclaram sua respiração quente também. Erin acariciava-lhe as costas o puxando para mais perto, mas as roupas e o lugar se interpunham em seu objetivo.

A frustração aumentava, pois, não podia fazer outra coisa a não ser permanecer sob seu contato e... Oh, oh, sim... Separou as pernas ao sentir seu joelho entre elas, Não podia respirar, o mundo cedia abaixo de seus pés, mas a cocha dele entra as dela a impedia de cair.

Sebastian afastou-se ofegante, sua respiração roçando o pescoço dela, Erin estremeceu, colocou suas mãos entre os corpos de ambos e enterrou seu rosto nelas, não sabia se segui o abraçando ou o soltava. O que sabia era que queria mais e por isso levantou a cabeça, olhou em seus olhos e sorriu, encorajando-o a responder da mesma forma.

Mas seu rosto ficou solene. Ele se inclinou lentamente, carinhosamente beijou-a na testa e encostou a testa na dela:

- Prazer em conhecê-la, Erin Thatcher.

- O prazer é meu. -ela murmurou esforço.

Sebastian riu.

- Me alegro, confiava em não ser o único a sentir prazer com isso.

- Não, você não é. -ela sussurrou.

Ele colocou uma mão de cada lado do seu pescoço e a olhou nos olhos.

- Que tal se nós continuar essa conversa no andar de cima?

Capítulo 05

Erin se apoiou em uma das paredes do elevador principal que subia a seu apartamento. Sebastian apoiou-se na parede oposta, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, mãos nas costas, a cabeça inclinada para trás e o queixo levantado. Seus olhos nunca deixaram os dela.

E isso lhe provocava um sorriso nervoso excitado.

Tentou não mover o peso de um pé par o outro, não mudar a bolsa do ombro esquerdo para o direito, encolher a barriga, levantar a cabeça, levantar os ombros... Mas, era muito difícil permanecer quieta sob um escrutínio tão intenso. Como era possível olhos de um verde tão suave se mostrarem duros como cristal às vezes?

Erin teria gostado de afundar sob o peso dele em sua cama macia, cobrir seus corpos com seu edredom e saborear suas carícias no santuário privado de seu quarto. Podia imaginar o cheiro de velas queimando, o aroma exótico da pele dele, a luz ardente refletida em seus olhos.

Mas ela queria conhecer o apartamento dele, observar seus pertences, o que o rodeava e o modo que vivia. O elevador iniciou sua lenta escalada e Sebastian deu um posso e logo outro. Um terceiro o deixou a poucos centímetros de onde ela estava e cerrou os punhos. As mãos dele se colocaram uma de cada lado da parede, por cima dos ombros dela, a prendendo onde Erin não sentia nenhum desejo de sair. Tudo que sentia era a ânsia por seus beijos.

Levantou o queixo e separou os lábios, ele baixou a cabeça e roçou seu rosto no dela, retirou uma das mãos da parede levando até seu peito, ela soltou uma respiração rápida.

Ele parecia medir o peso e avaliar a forma arredondada de seu seio, pressionando sua pele com o polegar, ela estremeceu e quis devolver-lhe o favor, descobrir a sensação de seu corpo por baixo das roupas. Mas ela não se moveu, permaneceu imóvel, esperando.

A quente respiração dele em seu pescoço fez a pele de seus braços arrepiarem tencionando ainda mais seus mamilos, fazendo-os apertar. Sebastian sorriu, beliscando seu mamilo com o polegar e o indicador, fazendo-a gemer.

Ele tocou sua bochecha com os lábios e baixou suas mãos até a cintura feminina, seguiu pelo ventre plano até encontrar a costura de suas calças que se estendia entre as pernas dela pressionando seu clitóris. Erin ofegou, gemeu e reprimiu-se a tempo de pôr-se de joelhos. Ele retirou a mão e abriu o zíper de suas calças, enquanto ainda segurava a parte superior de seu corpo contra a parede com o seu peso.

Deslisando a mão dentor de suas calças, seus dedos rossaram o elástico de suas calcinhas baixando até os lábios de seu sexo e seu clítóris entumecido e dolorido. Ela mordeu seu pescoço e cravando os dedos em seus ombros abriu as pernas para dar-lhe acesso, subiu um pouco e...

Sim! Era alí! Ele havia encontrado o ponto exato, ela arqueou o quadril mais para o lado.O dedo de

sebastian, primeiro um e logo dois, entraram mais e mais para dentro, estirando-a.eles retirávam-se quase por completo e depois voltavam a entrar para tocar sua pele suave onde se centravam suas sensações. Repetiu cada movimento, acariciando-a como se desfrutace mais que ela.

E essa idéia a fez dar-se contade de que lhe agradava o que fazia, a surpreendeu e afetou com mais força suas emoções femininas, ainda que hovesse jurado que “emoções femininas” não tomariam parte naquele acordo.

Tarde demais.

Estrmeceu e trêmola aferrou-se a ele com força. Incrível! Não podia...a mão dele, seus dedos grandes e fortes...ela não queria que parasse nunca. Os espasmos continuavam, levando-a através de um orgasmo que ameaçava dobrar-lhe os joelhos e fazer cair no chão. Recuperou lentamente o equilíbrio físico e se deu conta de que estavam no elevador com as portas abertas e não fazia idéia de quando isso havia acontecido.

Sebastian devagar retirou sua mão de dentro dela, arrumou suas roupa, enterrando seu rosto em seus cabelos ruivos, enquanto ela pensava que o que mais a assustava era a maneira como ele atravessava suas defesas.

Nenhum outro homem, nem sequer aqueles que havia se considerado apaixonada, haviam lhe provocado reações físicas tão fortes. Havia tido sua parte de sexo e certamente teria tido sua parte de orgasmos, já que nunca se mostrou reticente a pedir o que lhe correspondia por direito. E sim, era certo que estva fantasiando com ele já a algum tempo, mas aquilo não explicava o que havia acabado de ocorrer, a forma como reagiu e a maneira como se deixou levar.

Por que precisamente esse homem, justamente com quem queria uma relação apenas física, era capaz de afastar todos as suas inibições?

Quando chegaram a porta do apartamento dele ela ainda não havia se recuperado totalmente. Sebastian retirou a chave-cartão do bolso, digitanto o código no painel eletronico e se ouviu um click na fechadura. Antes de abrir a porta, ele passou a mãos pelo seu ombro, levantou seu quexo e a fez levantar o olhar.

-Erin, olhou em seus olhos. - Nós podemos parar por aqui, ainda não é tarde demais.

Isso não era o que ela esperava, ficou tão surpresa que mal soube o que dizer, mesmo assim, notou que seu nervosismo diminuiu um pouco.

- Eu não estou tão certa sobre isso, ela respondeu. Nem a sala das correspondências e nem o elevador serão os mesmos.

Ele balançou a cabeça.

- Eu não quero dizer o edifício, mas sim de você. Eu não quero que lamente...

- O que nós fizemos? Não, não lamento! -assegurou-lhe, porque de repente pareceu importante fazê-lo.

Sebastian balançou a cabeça para trás e acariciou seu pescoço.

- Eu não estou falando sobre o que temos feito, mas o que faremos.

A maneira como ele disse... A maneira como a tocava... Erin não conseguia respirar, não conseguia engolir. Seu olhar não era gentil ou amável, mas exigente, predatório e muito, muito quente. Ela se perguntou o que aconteceria se ele perdesse o controle, Ou se ele de repente dissesse que levariam semanas para acontecer o que eles fariam.

-Vamos entrar, disse ele.

Com sexo ou não, levar Erin Thatcher para sua casa não seria a melhor maneira de tirá-la de sua cabeça ele deveria saber. Depois de cometer o erro de beijá-la na sala de correspondências, deveria ter tido bom senso o suficiente para acompanhá-la até a porta e dizer boa noite. Mas em vez disso, ele a havia levado para sua casa, um lugar onde ninguém havia entrado.

Perguntou-se por quanto tempo conseguiria manter o segredo da sua intimidade ou quanto demoraria para perder sua tranquilidade mental. Sua desculpa para tê-la em sua casa era a loucura. A loucura e seu pênis, que parecia estar a ponto de explodir, e certamente seus testículos estavam com uma tonalidade azul pouco saudável.

Apoiou-se na porta fechada e a observou olhar a seu redor. Não havia muito que ver, um sofá grande de couro negro, aparelho de som, seus discos e pouca coisa mais. As demais paredes da sala de estar estavam cheias de estantes que continham centenas, talvez milhares de livros de capa dura. Nunca havia gostado de livros de bolso, sobre tudo depois que podia permitir-se comprar o que o agradava.

Best Sellers, literatura clássica, suspenses investigativos, sua coleção inteira de Ryder Falco. A escada de mão de biblioteca estava estacionada ao lado de uma área de literatura paranormal.

Erin entrou devagar na sala pela sala, vacilante, claramente insegura doque iria encontrar. Depois de tudo, não sabia nada dele a não ser que podia acariciar um corpo feminino. Certamente era por isso que estava alí, pelo sexo. Não deveria enganar-se e pensar que estava alí por ele. Ninguém nunca havia estado alé por ele.

- Você não tem televisão.

Era estranho que essa fosse sua primeira observação.

- Não.

- Eu também não, bom, há uma no escritório do Paddington. Eu prefiro ler, indicou as estantes intermináveis. - Evidentemente que não leio tanto como você,-adicionou com uma risadinha, sou membro de um grupo de leitura da internet e gosto de ver como alguns leitores podem ter pontos de vista tão diferentes sobre o mesmo livro.

Estava nervosa. Curioso porque não havia percebido nem na sala das correspondências ou no elevador, mas agora que estavam aqui separados, sim o estava.

- Sim, eu gosto de ler. –comentou.

- Eu notei. – ela sorriu.

Aproximou-se devagar das estantes lotadas, olhando os títulos, sorridente desfrutando de suas descobertas, coisa que aumentou ainda mais o nó que sentia na boca do estômago. Apreciar seu entusiasmo calado se parecia muito em penetrar em sua mente e não era precisamente ali que preferiria penetrar nesse momento.

Ele viu que ela puxou um livro de sua estante e se aproximou dela. Seu retrato nas lapelas de seus livros não era muito bom, mas não queria correr o risco de ter “O demônio encontra uma amante”, colocado na estante superior.

Erin hesitou e devolveu o livro ao seu lugar. Então ela esperou, fechou os olhos e suspirou Sebastian assumiu que significava que ela estava pronta. Ele tirou sua bolsa do ombro e largou no chão, colocou as mãos em seus ombros, mudando o peso da mochila pelo de seu contato.

Ela sorriu com uma doçura que ele sentiu em lugares que supostamente não se deve sentir nada. Com os olhos fechados, levantou as mãos até cobrir as dele.

- Vai me mostrar o resto do apartamento?- perguntou virando-se em direção a seus braços.

Sebastian retrocedeu um passo. O instinto lhe dizia que ela estava a ponto de ficar na ponta dos pés e pedir um beijo. O beijo na sala das correspondências foi premeditado para captar sua reação, a pré-disposição de seu corpo, seu estado mental. Mas a intensidade do beijo o pegou de surpresa e não queria repeti-lo até entendê-la melhor.

- Não resta muita coisa para ver, a cozinha, o quarto e o banheiro. Ah, e o gato. emendou ao ver Redrum passar.

Erin seguiu o gato negro com os olhos até que desapareceu na cozinha com sua arrogância costumeira, depois olhou para ela com um sorriso nos lábios.

- Sei parecerá estranho, mas, eu adoraria tomar um banho quente antes que façamos o que foi acordado que iríamos fazer, deu de ombros. É por causa do cheiro de charuto do bar e, eu transpiro bastante quando trabalho.

Sebastian havia provado seu suor em seu pescoço e captado o aroma de charuto e ervas em seus cabelos e ambos não haviam feito com que ele desfrutasse menos dela como mulher.

Entretanto, a ideia de vê-la nua, sob o jato da ducha o atraía muito.

- Não há problema. – direcionou-se para os fundos do apartamento e ela o seguiu.

Evitaram a cozinha e ela não disse nada em relação ao estado de seu quarto, onde seus lençóis e colcha eram um emaranhado sobre a cama, onde havia um monte de roupas atiradas pelo chão, que não havia levado a lavanderia. Sem falar em seus cadernos, papéis, textos e alfarrábios de investigação espalhados sobre a mesa de trabalho, que ocupava mais espaço que sua cama.

Uma olhada rápida o convenceu de que ela não poderia adivinhar sua identidade. E Erin permaneceu em silêncio e pensativa, pelo menos até sua primeira visão do banheiro.

Ali deixou cair o queixo e olhou ao seu redor surpreendida. Sebastian a compreendia muito bem, ele

havia tido a mesma reação quando viu pela primeira vez o desenho de seu sonho acabado. Erin tapou a boca com as mãos, moveu a cabeça e olhou para o metal cromado, o vidro fumê e o granito preto. O sonho de ônix a levou a tirar os sapatos para desfrutar de sua superfície.

- E eu pensava que meu banheiro era decadente, moveu a cabeça. é assombroso! Não, é hedonista. Pode ser que eu não queria mais sair daqui. passou o dedo por um grifo cromado.- Tenho uma queda por banheiros, sabe?

Não, não sabia. Só sabia que com ele ocorria a mesma coisa.

Erin entrou no Box do chuveiro e fechou a porta atrás de si, o click da trava ecoou pelo recinto, um som que associava a privacidade e segurança. Nunca havia desejado compartilhar o ritual do banho com ninguém e se perguntou por que lhe ocorria nesse momento. A resposta era fácil, sexo.

Nada menos que sexo e nada mais que explorar aquela obseção perturbadora.

Desencostou-se da porta e entrou no Box do chuveiro, uma jacuzzi permanecia esquecida em um canto. Nesse cômodo, Sebastian preferia jatos de vapor quente que surgiam de todos os lados. Olhou para Erin e se perguntou até onde ela iria.

Erin respirou fundo e se voltou para o que ele fazia. O viu tirar as botas e meias, que jogou para o outro lado do banheiro e continuou com o suéter preto e calças.

Ficou em pé com uma cueca boxer preta, que parecia conter a duras penas seu pênis ereto. Levou as mãos à blusa dela e a tirou de suas calças e Erin lamentou não usar sutiã de renda, Sebastian não pareceu se importar, tomou seus seios nas mãos e acariciou seus mamilos.

Ela levou as mãos ao fecho do sutiã para tirá-lo, mas, ele a deteve com um movimento de cabeça e ela o deixou fazer, odiando a espera e desfrutando ao mesmo tempo. Ele buscou o botão de suas calças e baixou o zíper, pouco depois ela estava vestindo somente sutiã e calcinha pretos. Captou seu reflexo no espelho e sorriu. Sebastian se virou para seguir a direção de seu olhar, deu de ombros com um meio sorriso no rosto e ela se apertou contra ele.

- O que acha? Perfeitos como modelos de Calvin Klein?

Ele moveu a cabeça e apoiou as mãos nos ombros dela.

- Acho que não enxergamos o mesmo.

Erin olhava o contraste do algodão preto com sua carne branca, a pele mais escura das mãos dele nos ombros pálidos dela.

- Diga-me o que você vê e eu conto a minha, propos.

- Sua o quê? Sua fantasia talvez? levantou as sobrancelhas.- As tem comigo?

Erin achou aquilo muito arrogante.

- Você acha que eu tenho fantasias com você?

- Não é por isso que esta aqui?

Ela recordou porque estava ali e pensou que Sebastian tinha que saber que sonhava com ele, que em sua mente eles haviam dormido juntos dezenas de vezes.

- Isto é uma fantasia? O olhou nos olhos. - Não estou aqui na realidade, certo?

- Depende de quão real você queira que seja.

Estavam se movendo em círculos, mas, fantasia ou realidade, ela precisava estabelecer algumas normas.

- Sério? perguntou. -Eu quero que isso seja fabuloso, mas também quero saber que posso sair daqui quando quiser, ainda que seja agora mesmo.

Os olhos dele brilharam, ele baixou as mãos até seus pulsos e se afastou, privando-a do calor de seu corpo. Seu sorriso não era divertido ou cínico, parecia marcar sua aceitação da realidade definida por ela.

Ela levou suas mãos às cuecas dele e as baixou com um movimento único, deixando livre sua magnífica virilidade. Sentiu seu sexo se abrir e inchar precisou reprimir-se de tocar aquele pênis que tanto desejava sentir. Entretanto, não teve tempo de fazer outra coisa que não olhar, já que ele passou a seu lado, levantou a tampa de uma caixa preta e de lá tirou um preservativo.

- Vou tomar banho, disse-lhe olhando para o reflexo dela no espelho. Se quiser me acompanhar, é mais que bem vinda.

E isso foi tudo, entrou de baixo do chuveiro e ela contou três jatos de água distintos, que não tardaram a preencher tudo com vapor. Calor, não podia pensar em outra coisa. Água quente, pele quente, sexo ardente.

O homem mais ardente que ela havia conhecido, aquela oportunidade era justo o que buscava e não voltaria a tê-la. Uma aventura sem amarras, sem esperar por nada, sem remorsos. Respirou fundo, aproximou-se com graça, levantou a tampa da caixa e suspirou ao ver que continha preservativos. Voltou-se para ver o que fazia no chuveiro.

Sebastian estava debaixo do jato central, apoiado com um braço na parede de frente para os azulejos. A água escorria por suas costas, entretanto, ele esperava, sabia que ela iria. Sempre havia sabido, levaram meses com aquele jogo e enfim, iriam conseguir o que queriam.

Só teria que assegurar-se de que sua mente retorcida não tentaria levar as coisas para mais longe, imaginar um relacionamento que não existia. Aquilo não era uma estória de ficção, não necessitava procurar motivos profundos para suas ações.

Teria que limpar sua mente daquela distração e cumprir seu contrato sobre o livro que estava escrevendo e quanto a Erin, bom, não sabia o que ela buscava, mas, a sentiu em suas costas e esqueceu-se de suas razões para centrar-se na única coisa que o importava, a ereção que sentia entre suas pernas.

As mãos dela tocaram suas costas e seu ventre formou uma doce curva abaixo do traseiro dele, Erin apoiou a bochecha em suas costas.

Sebastian só baixou uma mão até a base de seu pênis, que apertou com força para deter o jorro de sêmen que ameaçava fluir. Estava ficando louco, totalmente pronto e ainda não haviam provado o paraíso. Erin moveu o rosto contra ele e acariciou-lhe os braços, se deteve ao chegar à mão que segurava o pênis, deslizou os dedos debaixo dos dele e o pediu em silêncio para que lhe mostrasse como queria que o acariciasse.

Se sua carícia não pudesse por, bruscamente, em risco ao seu prazer compartilhado, ele teria aberto as pernas e a deixaria tocá-lo a seu gosto, mas, não poderia aguentar e virou-se para ela.

Sua beleza o golpeou com a força de um soco, á água caia por seu rosto, entre os cílios que emolduravam seus olhos cor de avelã. Seu nariz era um botão gracioso e sua boca o sonho de qualquer homem e de seu pênis.

Estava desejando vê-la explodir novamente e ouvir seus gemidos, pôs as mãos em seus ombros e a fez retroceder até que seus calcanhares tocaram a base do banco embutido na parede. Queria sentá-la, abrir-lhe as pernas e saciar seu apetite.

Provou sua pele, tinha seios maravilhosos, com mamilos escuros. Mordiscou seu pescoço e ombros, até sugar seu mamilo. Ela teve um sobressalto e logo começou a gemer, cravando-lhe os dedos nos bíceps. Sebastian a pegou pelos cotovelos e a empurrou até que sentá-la no banco, ajoelhou entre suas pernas e pôs a boca em seu sexo.

Ao primeiro contato da ponta da língua dele ela gritou e estremeceu, Sebastian sentiu os tremores na parte interna de suas cochas. Seu sabor o agradava, fazia pensar em pêssegos e azeitonas, uma doçura salgada aquecida pelo calor de seus corpos e pela água que escorria por seus corpos. Levou suas mãos para as dobras entre os quadris e suas cochas, deslizando os polegares em seu sexo que se abriu para deixar descoberto seu clitóris inchado a abertura úmida de sua feminilidade, umidade que não tinha nada a haver com a água que os banhava e sim com sua luxúria.

A beijou com a boca aberta sobre sue sexo e sentiu os testículos duros e seu pênis empurrando em direção ao ventre dela. Queria penetrá-la, só a ideia... Estremeceu e a penetrou com a língua.

Erin deu um salto arqueando-se contra ele, apoiando suas mãos com força nos quadris dele, ela subiu os joelhos até seu peito e pôs os tornozelos nos ombros dele. Sua resposta quase acabou com ele. Rodeou seu clitóris com a língua enquanto o sugava a acariciava, ao mesmo ritmo que acariciava seu próprio pênis coma a outra mão.

Não recordava de ter vivido uma experiência tão intensa, tão quente. Tinha Erin Thatcher em seu chuveiro, com as pernas abertas e seu corpo uivando pela necessidade acumulada por semanas. Queria que ela sentasse em seu colo e deixar que o montasse com força, mas estava muito perto e não queria parar para procurar por um preservativo.

Quando sentiu seus dedos nos dele, abriu os olhos e deu-se conta, que em algum momento havia abandonado aquela fantasia pela Erin real.

Pensou que teria que estar louco para buscar ficção onde havia uma realidade tão linda.Os pés dela descansaram agora em suas cochas e ele nem se quer recordava de tê-la soltado. Levantou a vista e viu que ela lambia o lábio superior enquanto o observava masturbar-se, os dedos dela tocaram sua glande, ela subiu em seus calcanhares no banco e se sentou com os joelhos levantados e separados, mostrando-se por completo.

Então, colocou sua mão entre as pernas e introduziu um dedo em seu sexo, Sebastian não podia acreditar no que via. Aquilo não era o que havia planejado, mas, não lhe ocorria nenhum motivo para detê-la nem para deter-se, sobretudo quando ela olhou em seus olhos e disse:

- Quero ver você gozar.

Ele ficou de pé, um gesto que situou seu pênis diretamente na linha de visão dela e acariciou-se cada vez com mais força enquanto olhava perdido entre seu sexo e sua expressão de fascínio. Queria estar em todas as partes de seu corpo de uma só vez, em seu sexo, suas mãos, sua boca em seu ânus... Soltou um gemido e abandonou-se, soltando seu sêmen no ar vaporoso, acariciando seu pênis até que não restou mais nada lá dentro. No entanto, permanecia ereto e Erin notou em seguida.

Ele deixou-se cair em um banco situado em frente a ela, Erin levantou-se ficando de é em sua frente. Estendeu a mão e pegou a esponja e xampu que havia em uma prateleira e começou a lavar o cabelo.

Sebastian a olhava transfigurado, não podia deixar de olhar suas mãos em seus cabelos, seu olhos fechados, o queixo levantado e a água que escorria por suas costa e a curva doce de sua bunda.

Quando encheu a esponja com gel de banho, ele sentiu as primeiras pontadas de desejo e cerrou as mãos. Observou ela lavar o pescoço e seios, o pênis dele recobrou vida, em direção ao seu ventre e pedindo pela atenção dela. Ele negou-se e esperou.

Mas quando ela lavou sua vagina com as mãos, olhando-o nos olhos, Sebastian sucumbiu à natureza humana e a demanda selvagem. Colocou o preservativo, aproximou-se dela empurrando-a para a parede.

Respirou fundo e disse si mesmo que deveria ser mais amável, mas então, ela cravou os dedos em seu ombro e apoiou os calcanhares em suas costas. Sebastian deslizou um braço até as costas de Erin para apoiá-la enquanto, ela soltou seu ombro e buscou seu pênis guiando-o até sua vagina. Ele a penetrou com abandono e ela sobressaltou-se e deixou seus dedos em torno da base de sue pênis.

Sebastian empurrou com força, não poderia fazer outra coisa. Não havia espaço para retirar-se, estava obrigado a sentir sua glande pressionando a vagina dela uma e outra vez, enquanto Erin o apertava com seus músculos internos e com sua mão.

Abraçou-a com ambas as mãos, apoiando seu peito contra o dela em busca de apoio e explodiu em seu interior. Erin gemeu, com as mãos aferradas a seus ombros, gritou com força e haveria caído se ele não a segurasse. Sebastian sentia as contrações internas e se estremeceu com a resposta do corpo dela. Erin também estremecia, com a cabeça inclinada para trás, as costas arqueadas e as aos espalmadas contra a parede.

Quando a força do clímax passou, ele a deixou ficar em pé, todavia, sustentando-a enterrado em seu

interior. Ela o abraçava com braços e pernas, tanto que ele não sabia dizer onde acabava um e começava o outro. E a água seguia caindo, o vapor seguia subindo. Sebastian se apoiou na base do banco, abraçado a Erin e fazendo o possível para seguir respirando.

Acabara de anular a razão de ter reformado o banheiro e reformulado seu chuveiro: solidão, segurança pessoal, paz mental. Jamais poderia estar ali novamente sem pensar em Erin em seus braços.

E não estava seguro se gostava disso.

Capítulo 06

Cali olhou para seu relógio, moveu a cabeça e voltou a olhá-lo. Incrível, ainda não tinha chegado em casa do trabalho e teria que estar em aula antes de meia hora.

Na noite anterior, depois de sair do Paddington, tanto Will como ela estava muito acordados para querer dormir, assim havia decidido aproveitar o momento para trabalhar e sua estória. Entraram em uma lanchonete, pediram refrigerantes, batatas fritas e passaram horas buscando motivações para seus personagens, dando-lhes personalidade e objetivos. Trabalharam até que o cheiro de salsichas e as panquecas com manteiga lhes informaram que já era hora do café da manhã. O café quente voltou a animá-los e seguiram trabalhando mais do que haviam previsto.

Cali respirou fundo, agora teria que esquecer tudo que tinha pensado em fazer em sua única tarde de folga em toda a semana e dormir entre a aula e o trabalho, caso contrario, não sobreviveria ao Paddington em uma sexta a noite.

Meteu na bolsa o lápis e caderno que havia usado e pegou a carteira para pagar sua parte do que deviam. Will a deteve cobrindo sua mão com a dele.

- O que esta fazendo?

- São sete e meia, sexta-feira, tenho aula as oito –olhou para o relógio- e não vou chegar a tempo.

- Não é a primeira vez que chega atrasada na aula.

-Eu sei, mas eu não gosto e gosto menos ainda de faltar. Paguei por todo o ano, se perco as aulas, não aproveito direito o dinheiro.

Pensou que havia sido uma noite muito agradável e se perguntou como pode pensar em dormir com o Will. Por que arrisca a estragar tudo o que tinham por sexo? O sexo poderia encontrar em qualquer outro lugar, exceto, que não queria qualquer outro lugar.

O queria com Will.

- E se te fizer uma proposta melhor? –perguntou ele.

Cali levantou os olhos da bolsa em que buscava as chaves do carro.

- O que pode ser melhor do que ouvir o Professor Smith falar sobre o gênero da ficção? –perguntou.

- Uma soneca. –Will guardou seus cadernos na mochila com ar distraído.

- Você quer dormir? –perguntou ela confusa.

Will levantou os olhos e sorriu.

- Eu temo que a proposta não saiu como eu esperava, não é? Estou esgotado.

Cali suspirou. Will golpeou a mesa com as mãos.

- Por que não? – perguntou ele como para si.- Você pode assistir a aula do professor Smith pela internet no fim de semana.

Ela vacilou se corresse agora, poderia levar uns quinze minutos até a aula se o tráfico não estivesse tão ruim. Mas, a quem queria enganar? Aquilo era Houston e todo mundo ia de carro a todas as partes. Poderia seguir o exemplo de Will e ir para cama, suspirou novamente.

- Ok, dormimos e então o quê? Quer que almocemos juntos para ver se chegamos a um acordo sobre o terceiro pivô?- estreitou os olhos. – Ou está disposto a admitir que tenha razão e é impossível que Jason possa voltar para a doca sem ser pego?

- Esta muito confusa Cali, sim, Jason não encontra a navalha no banco dos réus, não se pode ser atingido pelo fogo.- Will franziu o cenho. - Acreditava que já havíamos entrado em um acordo com isso.

- Não, você voltou a pensar no argumento e não na personagem e isso não pode funcionar neste caso. Este ponto de giro tem que ser sobre a necessidade de Jason provar sua inocência. Cali se levantou da mesa e deixou sua metade da conta e uma boa gorjeta.

Will fez a mesma coisa, ainda que vacilasse um pouco sobre a quantidade de gorjeta a ser deixada.

- Nós ficamos aqui a noite toda e a pobre Dora foi um encanto. - disse ela. - Não seja mesquinho.

- Normalmente não seria. - Will acrescentou algumas moedas aos papéis sobre a mesa. - Mas desde ontem eu estou desempregado e não é provável encontrar outra agência tão flexível como a de Kirkwood.

Will havia se dedicado fazer gráficos para essa agência de publicidade que Cali não conhecia e agora não sabia o que dizer.

- Você foi dispensado assim do nada? Por que não me contou?

- Acabo de sabe-lo. –pos a mão na parte baixa de suas costas e a guiou até a porta.- E sim, me dispensaram, há pouco trabalho e não muitos motivos para me conservarem e paragarem-me para não fazer nada.

- E o que vai fazer?

- No momento, dormir um pouco. –haviam chegado a seus carros, estacionados um ao lado do outro.- Você me segue ou vem comigo? Posso trazer você mais tarde até seu carro, se você quiser.

Do que estava falando? O coração de cali batia com força. Queria que dormissem juntos?

- Acreditei que você queria que nos víssemos mais tarde para comer.- conseguiu dizer.

- Eu prepararei a comida. – abriu a porta do seu Eclipse esportivo preto. -Vou te emprestar uma calça de moletone uma camiseta, você pode tomar um banho e dormir no futon da sala de estar.

- No futon, perfeito!-dormir em sua mobilia vestida com sua roupa, nua em seu chuveiro enquanto ele fazia...o que? Atuava como se ela não estivesse nua em seu chuveiro nem dormindo em seu futon?- Eu te sigo. Precisarei do carro logo e seria um encômodo ter que vir buca-lo aqui.

-Esta certo, suponho que ao meio-dia voltaremos a ser humanos e compreenderás o quão sensato é que Jason encontre a faca no banco dos réus.- Will entrou em seu carro e ligou o motor.

Cali lhe mostrou a língua em resposta e entrou por sua vez em seu Focus vermelho maçã, o seguiu pelas ruas onde o tráfico era tão intenso como havia temido. Já havia estado mais de uma vez em seu apartamento, que era na verdade, o segundo piso de uma casa vitoriana perto do centro, mas sempre para trabalhar em seu roteiro. E havia repetido a cena um par de vezes, os dois sentados na mesa da cozinha a trocar idéias e suas agendas lotadas não permitiu que repeticem os encontros.

Então por que teria ilusãoe de que aquele dia seria diferente? Subiu o volume da canção da Alanis Morissette e cantou a plenos pulmões para quebrar sua frustração. E por que não? Não teria uma homem para ajudar a quebrar-la de outra forma, não era tão sortuda quanto Erin.

Sebastian e Erin havian demorado muito para sair do chuveiro, ela estava enrugada como um passa quando, enfim, se vestiu e voltou para a sala de estar. Ele a seguiu, excitado novamente no curto trecho do banheiro até a porta de entrada.

Uma vez alí, colocou as mão em seu ombro e se iclinou para frente dela, sentindo cheiro de sexo e pele limpa, enterrou o rosto em seu cabelo e colocou seus dedos em sua ereção, e comeeçou a acariciar-se naquele ritmo que ela já conhecia tão bem.

Havia aberto a porta antes dele chegar ao orgasmo e ela escapou sem dizer adeus.Permaneceu do outro lado escutando seus gemidos e grunidos, a agonia estrangulada de um homem que sofre...ou goza. Se perguntou se ele sabia que estava alí e logo, por que estava alí? Mas, seguiu esperando, buscando sinais de seus movimentos sua respiração, ao fim, teve que ir.

Correu para casa, com seus gemidos em seus ouvidos e seu corpo respondendo a esse desejo que ele não havia compartilhado. Nenhuma das vezes em chegaram juntos ou um após o outro ao orgasmo, lhe pareceu tão rica e completa como aquela que ele chegou sozinho atrás da porta fechada.

Sim ele sabia que ela estava alí, Erin queria saber o que ele pensou dela ter ficado até o fim. Ainda não tinha descoberto o que ele era, porque haviam muitas coisas sobre Sebastian Gallo que suscitavam sua curiosidade, como o tamanho de sua biblioteca, a opulência de seu banheiro, isso para citar apenas dois.

Depois do tempo que passaram juntos na a´gua e no vapor , ela sabia que se tivessem ido para cama, não teria querido ir embora, nem tão pouco, dormir. E estava esgotada além, de dolorida em certos lugares. No dia seguinte teria uma reunião para definir o menu da festa de Halloween e aniversário do bar e, precisava dormir.

Já havia tido seu prazer. Em uma noite sentiu mais prazeres do que havia sentido em meses, para não

dizer na vida. E agora que estava em casa, teria que voltar aos seus assuntos, pelo menos até que Sebastian a chamasse movendo apenas um dedo. E antes de mais nada, antes mesmo de enfiar-se na cama, tinha que ligar para Cali.

Seu celular estava desligado, sem duvida por que havia esquecido de liga-lo e o telefone de sua casa só chamava até cair na secretária eletrônica. Olhou para se relógio, Cali deveria estar a caminho de sua aula de sexta-feira e demoraria para voltar. Isso deixava somente uma opção: escrever para suas amigas da internet. Se despiu pela segunda vez na noite e pareceu sentir o cheiro de Sebastian em sua pele. Pôs sua camisola, apoiou-se nas almofadas e colocou noteboock em seu colo.

De: Erin Thatcher

Enviado: Sexta-feira

A: Samantha Tyler, Tess Norton

Assunto: O Cara Assustador

Eu consegui! Não posso acreditar! E foi incrível! E não foi nada assustador do estilo Hannibal Lecter, ainda que sim, dá medo em um sentido sexy e profundo.

Não fazia nem ideia de que existiam homens que soubessem fazer as coisas que ele faz, ainda sinto meu corpo todo tremer. Escolhi o homem certo para fazer isso! Contaria mais detalhes, mas, estou totalmente acabada para escrever e ainda mais para pensar em como detalhar as coisas.

O que me leva ao meu problema. Supõe-se que não devo pensar nele, certo? É apenas sexo, não? Então por que morro para conhecê-lo melhor? È essa coisa das mulheres que não podemos separar o físico do sentimental? Não quero o sentimental, eu só quero o físico e pronto. Fim da história.

Mas quero saber por que ele tem um banheiro fantástico e hedonista. E me refiro a três jatos de água e bancos embutidos nas paredes em diferentes níveis e perfeitos para, bom, sim, para isso e mais. Pelo menos duas horas disso. Não estou falando por brincadeira, eu pareço uma passa e não voltarei a andar em minha vida.

Também tem uma biblioteca inteira em sua sala, com escada e tudo. Sem televisão, só um aparelho de som e não podem imaginar, mas, eram livros e mais livros. Clássicos, best-sellers, textos de psicologia, de tudo.

Se eu buscasse uma relação, diria que ele tem mais potencial que qualquer um dos homens que eu conheci em muito tempo. Sinto que deveria dar-lhe uma oportunidade, só pelo acaso. E se resulta que ele é o homem adequado? Eu não estou preparada. O que eu faço, então? Além de me lamentar.

Oh! Ele se chama Sebastian Gallo.

Com amor, Erin.

Enviou a mensagem sem se preocupar em revisá-la e deixou o notebook na mesa de cabeceira, porém não o desligou, para o caso de uma de suas amigas ler o e-mail logo e a respondesse a ajudaria a entender melhor o que aconteceu na noite passada.

E teve sorte, porque estava pensando no acontecido e em seus planos para a festa do Paddington, quando soou o timbre que anunciava que tinha recebido um novo e-mail. Inclinou-se para ler.

De: Tess Norton

Postado: Sexta-feira

A: Erin Thatcher, Samantha Tyler

Assunto: Re: O cara mau

Bruxa! Oops! Eu disse isso em voz alta? Queria dizer que me alegro por você e eu quero dizer isso. É fabuloso! Ainda que não tenha nenhum conselho bom. Recorde-se que esse negócio de relacionamento não é comigo. Mas, acredito que a maneira de enfrentar isso é fazendo o que te agrade, ainda que tenha medo.

Tudo isso é puro azar, querida Erin, não sabia disso? E tanto faz se esta preparada ou não. Assim, divirta-se enquanto durar a partida!

Pode ser que muito mais sexo te ajude a ver tudo mais claramente, e se não for assim estará cansada demais para se importar.

Com amor, bjs, Tess.

Ok! Tess estava muito animada esta manhã. Sim, o sexo esclareceria as coisas. Por que estava tão confusa? Ainda que o cansaço tivesse uma razão, Erin tinha a sensação de que nunca mais voltaria a ter energia para deixar a cama. Mas, não havia chegado ao ponto de estar tão cansada para não poder pensar. Sonhar com Sebastian lhe parecia uma boa ideia e se dispôs a fazer isso quando, voltou a soar o timbre de alerta de seu e-mail. Apoiou-se em um cotovelo para ler:

De: Samantha Tyler

Postado: Sexta-feira

A: Erin Thatcher; Tess Norton

Assunto: Re: O Cara Mau

Oh Erin... Tantas respostas! Para mim me custa separar a bagagem do meu divórcio do que deveria dizer a uma amiga de verdade, assim tenha paciência comigo.

Em primeiro lugar, me alegro pelo sexo! Se eu soubesse que seria capaz, te perguntaria se Sebastian, cujo nome me parece muito bonito, tem algum irmão. Entretanto, me alegro por você. Você merece todos os orgasmos e manhãs doloridas que puder conseguir. Ufa!

Em segundo lugar, tenha cuidado. Ter sexo com um cara assustador, já é bastante assustador, mas sentimentos? Isso não deveria esta fora da história? Você sabe que sim.

Suponho que deva dizer que siga seu instinto. Você não é nenhuma boneca tonta, assim saberá não aprofundar-se se ele não valer apena. Mas, tenha cuidado, muito cuidado. Os homens dão má fama ao seu próprio sexo.

Saudações e uma saudação vitoriosa, Samantha.

Erin sorriu, não, não era nenhuma boneca tonta. Samantha e Tess eram sensacionais e havia lhe oferecido o tônico perfeito para dormir além, de darem-lhe material que necessitava para pensar essa noite.

O que fez Cali recuperar consciência?

Cali despertou sem saber por que, enterrou a cabeça no travesseiro e subiu o lençol até queixo. Mas aqueles não eram seu travesseiro e roupas de cama, nem tão pouco aquele era seu pijama. A calça e a camiseta de Will; sorriu e puxou ainda mais o lençol. Não recordava da última vez que se sentiu tão confortável em sua própria cama.

O qual era uma bobagem, porque adorava sua cama. Mas, dormir ali, na casa de Will, com sua roupa, no seu futon, debaixo de suas cobertas? Aconchegou-se ainda mais. Era como estar rodeada pela única coisa que lhe faltava na vida e o que mais desejava encontrar.

Curioso, porque ela se considerava feliz e realizada. E era feliz e realizada. A vida era maravilhosa, com seu trabalho, suas aulas e aquele pesadelo de relacionamento já superado...

Franziu o cenho, abriu os olhos, fechou tornou a abri-los e piscou com força. Seu coração iria sair pela boca, junto com as borboletas que batia asas antes de baixar até seu estômago. Will estava deitado ao seu lado, olhando-a nos olhos.

Ela fechou a boca para não deixar a borboleta escapar.

- O que esta fazendo aqui?

Will sorriu como o gato da Alice no País das Maravilhas.

- Eu moro aqui.

O ronronar de palavras dele vibrou em sua coluna vertebral.

- Eu sei, quero dizer, por que não esta na cama? Não conseguia dormir?

- Dormi duas horas. Seu rosto estava tão perto que ela podia ver os novos pelos loiros que cresciam em sua habitual barba por fazer.

Podia ver os pontos mais escuros de seus olhos castanhos claros e os três pelos longos que se sobressaiam em suas sobrancelhas. Quase sempre usava óculos e nunca havia estado tão perto de seus olhos, nem de seu corpo.

Abriu muito os olhos e baixou a vista pelo corpo dele, usava somente um short cinza, seu coração começou a palpitar com mais força. Mordeu seu lábio inferior e o olhou nos olhos, esperando com toda a esperança que sua voz soasse mais tranquila do que se sentia.

- Como espera sobreviver ao dia de hoje com somente duas horas de sono?

Will cruzou os braços no peito pôs as mãos em baixo das axilas e encolheu os ombros.

- Sou jovem e saudável, sobreviverei.

Mostrava-se tão indiferente! Como podia estar tão indiferente quando ela sentia o corpo todo vibrar?

- Quanto tempo faz que esta me observando?

Agora ele vacilou antes de responder, como se essas palavras tivessem, mais importância que as de antes, Sorriu e disse:

- Dois meses, pelo menos.

- Não me referia... Interrompeu-se atônita. Dois meses? Isso queria dizer que estava a observando desde que se conheceram. Não podia ser que... Todo esse tempo... Me referia a quanto tempo...

Will se apoiou nos cotovelos e se inclinou sobre ela.

- Cali.

Ela deitou-se de costas.

- Will?-sorriu.

Ele estendeu a mão e enrolou alguns fios de cabelo loiros dela em torno de seu dedo e disse:

- Na noite passada no Paddington, falamos de passar mais tempo juntos e de sair para aproveitá-lo bem, lembra?

Cali assentiu com a cabeça. De verdade, ele acreditava que ela esqueceria isso?

- O que aconteceu depois?

Ela não fingiu que não sabia a que ele se referia.

- Eu te beijei.

- Sim, Will retirou o dedo de seus cabelos e levou até seu lábio inferior; sabe que depois disso não pude escrever nada que fizesse sentido?

Não, ela não sabia, mas não iria sentir uma decepção que não sentia.

- Por quê? Perguntou.

- Porque você se afastou rápido demais e o que eu mais desejava no mundo era te beijar.

Ela baixou as cobertas até a cintura, queria estar tão perto dele quanto fosse possível, porque há muito tempo desejava aquilo.

- Will?

Os dedos dele roçaram sua boca e baixaram até seu queixo.

- Cali?

Ela pôs a mão em seu ombro nu.

- Pode me beijar agora.

O sorriso que lhe deu antes de baixar a cabeça quase partiu seu coração. Roçou seus lábios com suavidade, ambas as bocas fechadas e sem tocarem-se, apenas respirando o mesmo ar.

Will aproximou-se ainda mais, até roçar seu peito nos seios dela cobertos pela camiseta de algodão. Aumentou a pressão de sua boca, de seu corpo e da necessidade do núcleo dela. O desejava como não havia desejado nunca a nenhum homem. E o disse abrindo a boca, pedindo sem palavras que fizesse o mesmo.

Will o fez e suas línguas se enredaram, seus dentes se chocaram e suas mãos começaram a explorar um a pele do outro, despindo-os. Ela tinha um corpo magnífico, suave e firme e ela acariciou seus ombros, as costas e as nádegas.

Ele se moveu um pouco para dar-lhe espaço e poder tocá-lo onde quisesse. Baixou a mão de Cali pelo seu ventre plano e a fechou ao redor de seu pênis duro e tão suave que ela estremeceu. Will soltou um gemido.

- Cali esta me deixando louco.

Ela voltou a acariciá-lo, subiu a mão até sua glande, grande e inchada.

- Você gosta assim? Não quero machucá-lo.

Will soltou uma risada estrangulada.

- Nada do que você me faça pode me fazer mal, eu te asseguro.

Moveu o pênis na mão dela, soltou alguns respingos ao imaginar aquele movimento dentro de seu corpo. Will lambeu seu mamilo e começou a sugá-lo. Cali gemeu e ele baixou a mão até suas cochas entrando em sua vagina molhada de desejo. Ela arqueou os quadris ao redor da mão dele e gritou.

Os dedos dele entraram mais, esfregando e acariciando enquanto o polegar roçava seu clitóris intumescido, que palpitava com a necessidade do orgasmo. Cali não queria chegar sem ele, não na primeira vez, queria ter seu orgasmo com ele a penetrando e o peso de seu corpo cobrindo o dela.

- Will, por favor.

- Por favor, o quê? –Will beijava sua mandíbula, a orelha e o ponto onde o pescoço se unia ao ombro.

Cali mal podia encontrar as palavras que expressavam o que queria.

- Por favor, quero que você me preencha... Sussurrou trêmula. -Quero você dentro de mim, quero...

- O mesmo que eu quero, apoiou o peso nos cotovelos, deslizou os braços por baixo dos ombros dela e sustentou sua nuca. -Anjo, você não imagina o quanto eu desejo isso.

Desta vez suas bocas se uniram com ternura, expressando sentimentos novos e inesperados, e que assustavam como uma viagem ao desconhecido.

Will colocou um preservativo, ela abriu as pernas e recebeu seu peso, quando ele guiou seu pênis ao centro de seu sexo, Cali pensou que não voltaria a viver um momento tão perfeito. Will a penetrou devagar e ela reprimiu o grito de emoção que se converteu rapidamente em um longo suspiro de alívio, pois, finalmente o tinha ali, em seu interior.

Estremeceu com o primeiro movimento dele; Will se deteve e lançou um gemido profundo que expressava tanto, que ela sentiu que mal podia respirar.

Mas, não queria que ele parasse e o motivou a movimentar-se acariciando suas costas, tentou controlar-se para não gozar muito cedo, mas era incapaz.

- Não posso esperar. -gemeu. -Eu quero esperar!

- Não importa, linda- ele parecia ter perdido o controle também.- da próxima vez. A próxima vez faremos devagar e com calma.

A próxima vez? Aquilo indicava que queria repetir. Queria repetir! E ela nem sabia se poderia sobreviver a aquela primeira vez.

- Tem certeza?

- A única coisa de que tenho certeza é que isso tem que acontecer agora.

Seguiu movendo-se e Cali se abandonou em um orgasmo que não tinha precedentes em sua vida, os movimentos dele se mantiveram constantes e firmes, uma precisão perfeita, a posição correta, ela tremeu até que deixou de pensar no que sentia no meio de suas pernas para concentrar-se nas sensações dele.

Sorriu, havia esperado par assegurar-se de que ela havia chegado antes. Sentiu a tensão nos músculos de seus ombros, acariciou suas costas, que também estavam tensas. Cravou os dedos em suas nádegas, o abraçou com as pernas e se apertou contra ele.

Will enterrou seu rosto entre o pescoço e o ombro dela e gemeu. Aumentou o ritmo de seus movimentos e ela arqueou a parte inferior do corpo para segui-lo até que sentiu que estava aponto de perder o controle novamente.

Will se estremeceu e todo seu corpo se agitou em um orgasmo tão intenso e poderoso que Cali reprimiu as lágrimas e pensou se ele levou tanto tempo esperando por isso como ela.

Capítulo 07

Cali entrou no escritório do Paddington meia hora antes de seu horário de trabalho e Erin levantou os olhos dos papéis espalhados sobre sua mesa. Acabara de ter uma reunião de duas horas sobre o cardápio que serviria na festa e não estava certa de ter escolhido bem.

- Já viu o episódio de Seinfeld , quando Jerry come a bolacha preta e branca e vomita pela primeira vez em anos?

Cali se sentou em uma poltrona recém envernizada com almofadas de veludo bordadas com fios dourados e jogou sua bolsa no chão aos seus pés.

- Acredito que sim. É naquele que Elaine e ele vão a uma pastelaria, buscar um pastel de passas e ela encontra um cabelo? Por quê?

Erin assentiu.

- Esse mesmo, só perguntei por que o pessoal do Buffet incluiu bolachas pretas e brancas no menu e me perguntou se todo mundo pensará em Jerry Seinfeld vomitando.

Cali deu de ombros.

- E se pensarem assim? Mais mórbido para o halloween.

- Não sei, - Erin moveu a cabaça. – não gosto muito da ideia.

- O que mais tem no cardápio?

Erin ordenou os papéis que tinha a sua frente...

- Não esqueça que haverá muita gente e um número limitado de cadeiras, então eu fiz o que podia para reduzir os utensílios.

- Comida que se pode comer com as mãos.

- Em sua maior parte, a expressão de desgosto de Cali lhe deu o que pensar. -você não acredita que isso seja problema certo? Não somos um restaurante propriamente dito, teremos que recorrer a um Buffet.

Cali ergueu as sobrancelhas.

- Haverá álcool?

- Isso é um bar.

- Então qualquer coisa servirá!

- Ok, teremos uvas pretas e peras brancas, sopa de feijões com arroz, carne assada com pão branco, peito de peru com pão integral...

- Até o memento tudo bem... Cali levantou o dedo. –Mas eu irei diretamente ao chocolate e espero que haja em grandes quantidades.

- Haverá bandejas de trufas de chocolate branco e ao leite por todas as partes...

Erin passou para a segunda pagina do cardápio.

- Também fondue de chocolate, que servirá para comer as frutas. Dois tipos de bolos, as bolachas preta e branca... talvez, biscoitos de amêndoas, uvas brancas e ponche de amoras.

- Com álcool?

- Obviamente. – deixou os papéis e esperou a ração de sua amiga. – O que você acha?

Cali suspirou.

- A única coisa que posso pensar neste momento é na manhã que passei na cama com Will.

Erin piscou.

- O que você disse?! Quase gritou.

- Dá para acreditar?

- Não, ontem você disse que não queria arruinar sua amizade com ele!

- Eu sei! Mas, aconteceu de um modo espontâneo e não tive tempo para pensar.

- Ou, foi a maneira do seu subconsciente te dizer para parar de pensar. Você estava há muito tempo obcecada com isso.

- Eu sei, eu sei. Agora só me resta esperar e ver o que acontece. Cali suspirou novamente. –Não sabia que sexo poderia ser tão estimulante e cansativo ao mesmo tempo. Bom, conhecia a parte do esgotamento, mas, mais para o sentido de estar muito cansada para ter um orgasmo.

Erin soltou uma risada.

- E desta vez?

Cali fechou os olhos.

- Esta vez é mais para o caso de estar esgotada pelos orgasmos.

- Ressaca sexual, eu sei!

Cali arregalou os olhos...

- Você também?

Erin assentiu.

- Sebastian, se chama Sebastian.

Sua amiga abriu o outro olho.

- É seu verdadeiro nome, ou seu nome de “Cara assustador”?

- É curioso, Erin tentou não rir. -Seria um bom nome para o “Cara assustador”, não acha?

- Qual é seu sobrenome?

- Gallo, Sebastian Gallo.

- Oh, não é mau. Cali suspirou. -Não me diga que não é estranho que nós duas nos queixávamos de não haver homens em nossas vidas e pronto, tivemos a sorte no mesmo dia.

Erin olhou para sua amiga que estava a ponto de apaixonar-se, enquanto ela estava a caminho de... O quê? Sexo fabuloso? Sim, era isso.

- Me alegro muito por você e Will, mas creio que o que eu tenho com Sebastian não se pode definir como ter um homem em minha vida, e sim mais como, ter um homem em minha cama.

Cali levantou uma sobrancelha.

- Mas, isso era o que você queria, não era? Você disse ontem.

- Suponho que sim.

- Supõe? Quer dizer que mudou de ideia depois de só uma noite?

Como explicar aquilo sem incluir detalhes gráficos?

- Não pensei que uma noite pudesse ser tão...

- Tão o que? –Cali se moveu até a borda da poltrona e apoiou os cotovelos na mesa de Erin. – Sou toda ouvidos!

Erin gostaria de saber o que esperava daquelas horas com Sebastian e por que a intensidade do que haviam compartilhado a havia alterado tanto.

- Oh! Acredita que vou contar detalhes da minha vida privada enquanto você, não abre a boca?

- Ah, eu sou um livro aberto! O que você quer saber?

- Ontem você tinha medo de que dormir com o Will fosse estragar a amizade de vocês. E hoje, passaram o dia rebolando na cama? Você se importaria de me contar como passaram de um ponto ao outro?

- A maior parte do dia passamos dormindo. –Cali sorriu. – mas a melhor parte passamos fazendo amor.

“Fazendo amor”.

Aquelas palavras não poderiam se aplicar ao que aconteceu entre ela e Sebastian, ou poderiam?

- Quantas coisas podem mudar em um dia, heim?

- Ou em uma noite, suponho que no meu caso tudo se deve a um inocente beijo que complicou tudo.

- Que beijo inocente?

- Ontem antes de fechar. Will e eu estávamos falando e eu pensei em seu plano. Cali encolheu os ombros. - Não pude evitar, me aproximei e beijei sua bochecha.

- E aí o quê?

- Logo me afastei e voltei ao trabalho.

- Provocadora!

- Suponho que foi um modo de paquerar, sim. Certamente não diria “não” se me pedisse.

- O que aparentemente fez.

- Várias vezes, para minha satisfação.

- E agora o quê? Vai sair com um bom amigo ou só vão dormir juntos?

- Como você e Sebastian?

Erin jogou o lápis sobre a mesa e passou as mãos pelo cabelo.

- Somos patéticas, sabia? Você ontem não estava segura sobre seduzir Will e agora te depara com um possível relacionamento. Eu só queria sexo, o consegui e começo a pensar que talvez queira mais.

- Você quer mais com Sebastian? E como ele é? Não me disse nada!

- Não há muito que dizer. Erin encolheu os ombros.- Não falamos muito.

- Só rebolaram na cama. -Nem chegamos a sair do chuveiro. –Erin olhou para as mão,- me surpreendo por não seguir enrugada... Quanto pagará de água quente?

- Ou gosta de limpeza ou é um peixe, o que mais?

- Tem milhões de livros.

- Livros?

- Livros, tem estantes do chão ao teto, com uma dessas escadinhas que tem nas bibliotecas. É bastante impressionante.

- Mmmm, resmungou. -literário e intelectual. Talvez até mesmo bibliotecário.

Erin ficou de pé e caminhou pelo espaço, quanto mais pensava em quem era Sebastian e em tudo o que desconhecia dele, mais frustrada se sentia. Queria saber tudo sobre ele.

-Bibliotecário não, intelectual, pode ser. É calado, não disse muito, ainda que, por seu olhar acho que não parou de pensar. E seja lá o que faça, ganha dinheiro. Seu apartamento é o dobro do meu, você não imagina o que tem.

- E o que mais viu em seu apartamento além do seu amor pelos livros?

- Ele gosta de música, coisa que já sabia e tem um equipamento de informática de primeira. E fez pensar que seria um consultor de algum tipo.

- Que tipo de consultor? –perguntou Cali com curiosidade.- Os livros te dizem alguma coisa? Livros médicos, técnicos?

Erin parou de andar para pensar.

- Tem de tudo. Psicologia, parapsicologia, Homero, Shakespeare, Stephen King, Ryder Falco, John Grisham... de tudo.

- Ou será um homem culto e com dinheiro. Interessante e intelectual, suponho que isso te deixa uma só opção.

- Qual?

- Parar de pensar tanto nisso e vamos trabalhar!

Erin seguia analisando os prós e contras das bolachas pretas e brancas, quando levantou a vista para olhar para o cliente que acabava de sentar em um banco do bar e encontrou com os olhos de Sebastian Gallo. Havia tido a experiência mais intensa de sua vida com aquele homem e agora não sabia o que dizer.

- Oi.

Ele guardou silêncio e ela sustentou o olhar e manteve o sorriso, ainda que sua expressão fica-se mais petrificada com o passar do tempo. Ele enfim estendeu a mão e tomou a sua acariciando a base do polegar.

- Como você esta?

- Muito bem e você?

- Meio molhado ainda, mas, eu vou secar. Ele sorriu.

E ela se viu rindo, soltou a mão, mas, manteve o contato visual.

- Quer uma cerveja ou um copo de vinho? Por conta da casa.

- Estava pensando em um champanhe.

Erin levantou as sobrancelhas. Tomou uma caneca limpa e serviu a outro cliente.

- Celebra alguma coisa?

- Para dizer a verdade sim. Disse ele. -E esperava que você se unisse a mim.

Essa noite usava uma camisa vinho e calças pretas elegantes. Seu cabelo preto captava reflexos das luzes do bar e seus olhos eram límpidos, atentos e brilhantes.

- Eu iria se não estivesse trabalhando. Respondeu ela. Avançou dois passos para entregar a cerveja e logo retornou. – Podemos fazer em outro momento?

- Podemos fazer tudo que você quiser. –ele respondeu.

Erin congelou.

- Talvez deva ter cuidado com o que oferece, pode ser que eu aceite a oferta.

- Conto com isso.

- Tem preferência por algum champanhe? -Perguntou ela.

Sebastian a olhou nos olhos.

- Me dê uma cerveja e deixaremos o champanhe para depois.

Depois? O que teria pensado com depois? E incluiu-a em seus planos?

- Certo, escolherei uma boa marca.

- Escolha a melhor, eu confio.

- O terei em conta, certamente que poso encontrar alguma coisa boa. A menos que tenha alguma preferência.

- O que você preferir.

- Isso não é problema. Guardou silêncio por um estante. – Bom, o que o trás aqui além da fabulosa atmosfera e minha fantástica companhia? Abriu a garrafa de cerveja e serviu em uma caneca.

- O que você disse.

Era justo o que ela desejava ouvir.

- Esta noite não trouxe o caderno que tinha ontem. Comentou.

- Ontem estava trabalhando. Tomou a caneca de cerveja e a levantou para brindar antes de beber.

- E agora é sexta-feira e já esta tudo feito até segunda. – disse ela.

Sebastian riu e colocou a caneca sobre o bar.

- Por desgraça, eu nunca termino.

Não acrescentou mais, mas Erin aproveitou a oportunidade.

- Diga-me que o bar é mais do que esperava.

- Pois é óbvio que o leva muito bem. Olhou ao seu redor. - Sempre esta lotado.

- E como sabe? –pelo que ela sabia, era a segunda vez que entrava ali. – Você não é precisamente um cliente habitual.

- Você tem janelas.

- E você é um voyeur?

- Não, ele sorriu. - apenas uma mariposa atraída pela luz.

Erin sentiu cócegas em seu ventre.

- Por que diz isso?

Sebastian encolheu os ombros.

- Penso melhor quando estou em movimento, e no apartamento só se pode andar até certo ponto.

- Ou seja, você anda pelas ruas.

- Sou uma criatura da noite.

O qual a Erin fazia pensar em vampiros, não em mariposas. Não, nada de mariposas, sim em desejo, obscuridade e necessidades que somente se satisfariam a noite. O imaginou vestido de roupas escuras se aproximando de sua presa entre as sombras e reprimiu o calafrio.

O ruído do bar se converteu em um zumbido ao fundo e o olhar de Sebastian a incentivou a aproximar-se adiante. Encontrou-se apoiada no bar entrando no espaço pessoal dele, espaço que desejava meter-se tão desesperadamente quanto desejava metê-lo em seu próprio corpo.

Por sorte, Cali apareceu para resgatá-la, aproximou-se dela e deixou a bandeja no bar.

- Estou farta desses dois, te juro. Terá que dar essa mesa para outra garçonete.

“O casal ousado”.

- Enviarei A.J. para estragar a festa.

- Sim, não seria mal. Cali afastou o cabelo do rosto e suspirou. -Mas, ele não veio.

- O que? –Erin olhou para o relógio sobre o centro do bar circular. Teria que ter chegado a uma hora. - Por que não me dei conta?

- Tenho a impressão de que não vai voltar. Cali colocou as mãos nos quadris. – Me disseram que estava procurando trabalho no Courtland.

Referia-se ao café jazz que acabara de abrir na próxima quadra e que certamente iria competir com Erin. Estupendo. Menos de um mês para encontrar um substituto e treiná-lo. Normalmente não seria problema, mas com a proximidade da festa… Erin suspirou.

- Posso ajudar? –Sebastian tomou sua mão, coisa que evidentemente surpreendeu a Cali.

Erin levantou a vista e olhou para sua amiga e Sebastian.

- Me perdoe Cali. Deixe te apresentar Sebastian Gallo, meu vizinho do andar de cima. Sebastian esta é Cali Tippen, garçonete do bar e minha melhor amiga.

- Oi Cali. Sebastian a saudou com uma inclinação de cabeça.

- Prazer em te conhecer. A jovem esfregou a mão na testa. –Sinto ter interrompido, mas, há dois clientes que não aguento mais e sim, A.J. desapareceu sem avisar. Não tenho mais remédio, se não, servir o casal ousado.

- Espero que ele não pense que lhe darei boas referências. –falou Erin, enquanto punha uma caneca vazia na pia.

- Eu não lhe daria nem um segundo do meu pensamento. –disse Cali.

- Casal ousado? –perguntou Sebastian.

Cali levantou os olhos para o teto, moveu a cabeça e levantou uma mão.

- Nem me pergunte.

- É assim que chamamos o casal do último reservado, atrás de você a direita. –sorriu Erin. – Não são muito discretos em suas demonstrações de afeto.

- Bobagens. –interveio Cali. – Afeto é um beijo na bochecha ou que ele passe o braço sobre seus ombros, que fiquem de mãos dadas sobre a mesa ou debaixo dela. Cali olhou a mão de Sebastian que ainda descansava sobre a de Erin. - Mas, o que eles fazem debaixo da mesa poderia requerer uma investigação policial.

Sebastian sorriu, soltou a mão de Erin e se recostou em seu acento. Ela sentiu de imediato a perda de calor, tanto da mão como de sua proximidade.

- São clientes habituais? –perguntou ele.

- Sim, Cali olhou para Erin. – Pelo menos três a quatro vezes por semana, não?

Erin passou um pano para limpar a bancada do bar onde estava a caneca de cerveja e assentiu.

- Três ou quatro noites na semana, durante seis semanas. A mesma mesa, o mesmo vinho e o mesmo comportamento.

- E quando ficam obscenos, sou eu quem tem que acabar com sua festa. – Cali se intrometeu. – Um tal de respirações e línguas…e o cinto dele parece sempre estar aberto…é voyeurismo demais para mim.

Sebastian pareceu considerar a informação.

- É uma relação nova? Perguntou ele.

- Para nós ou para eles? -Erin contestou.

- Para eles.

- Por que você acha? –inquiriu Cali.

- É o primeiro ardor da paixão, não podem deixar de tocar-se.

Erin olhou para sua amiga.

- Recém-casados?

Cali negou com a cabeça.

- Acho que não, nenhum leva aliança, ainda que isso não prove nada, não me parece que estejam casados. Além do mais, se estivessem, iriam para sua casa, em sua cama, não fariam isso em um bar.

- Não necessariamente. –contestou Sebastian. Pode ser que o exibicionismo seja parte de sua atração inicial. Agrada-lhes a emoção de que vejam o que podem fazer, é parte de sua excitação.

- Supondo que sejam casados. – comentou Cali. – Por que não usam alianças?

- É parte do jogo. Querem que os outros os vejam. –se inclinou para frente com os olhos cravados em Erin. – Que os outros falem deles.

- Como estamos fazendo agora. –disse ela.

- Exato. –Sebastian levantou a vista. – Acredito que deveria mudar a iluminação, e enfocar mais a mesa deles. Quem sabe os acalma.

- Eu temo que possa estimulá-los mais.

- Sim. –interveio Cali. – Antes de fazer alguma coisa que possa os estimular mais, podemos enviar outro garçom a eles?

Erin começou a rir.

- Está certa.

- E contratar alguém que substitua A.J.?

Erin olhou para Cali.

- Revisarei as solicitações de emprego que tenho arquivadas e gostaria que você desse uma olhada para ver se reconhece algum nome.

Cali mexeu no cabelo com nervosismo.

- Claro que conheço alguém que precisa de emprego.

- Quem?

- Podemos falar um pouquinho no escritório. Olhou para Sebastian. – Não é nada pessoal.

- Sem problema.

- Certo. Falou Erin. – Espere eu chamar Robin para que me cubra no bar, dê-me cinco minutos.

- Ok, eu também vou revisar minhas mesas. Pegou sua bandeja e se afastou.

Erin olhou para Sebastian.

- Quer tomar mais alguma coisa?

- Não, no momento não.

- Bom. – queria perguntar se seguiria ali quando voltasse, mas não se atreveu. – Já volto.

Ele levantou a caneca

- Estarei aqui.

Suas palavras tornou mais fácil afastar-se.

Dez minutos mais tarde, Erin entrava no escritório, onde Cali a esperava andando de um lado para o outro.

Erin abriu o armário em que guardava as solicitações de emprego e jogou sobre a mesa.

- O que esta acontecendo? –perguntou a sua amiga, que seguia andando claramente nervosa.

- Um milhão de coisas e todas elas relacionadas a Will Cooper. –Cali parou e moveu a cabeça. Mas esqueça isso. O que Sebastian faz aqui?

Erin não tinha resposta para isso.

- Além de me deixar nervosa? Nem ideia. Assim, esqueça-se dele e fale-me sobre Will. O que houve? Quando conversamos antes estava resplandecente.

- Não estava resplandecente e o que acontece é que não esta aqui! O que significa que achou que dormir comigo foi um erro e que eu deveria ter feito caso a minha cabeça e não ao meu coração. Cali cerrou a mão. – Ainda que, suponha que não era exatamente meu coração que me guiava embora, isso não venha ao caso.

Erin apoiou ambas as mãos sobre a mesa e inclinou-se para frente.

- Sim idiota, era seu coração. Caso contrário já teria ido para cama com Will há muito tempo e você sabe.

- Eu não sei nada.

- Pois eu sei e sei também, que ele virá. Os tenho visto juntos e Will não é do tipo que ataca e sai correndo depois.

- Ok, você tem razão. Sei que ele não é assim e não iria querer estar com ele se fosse desta forma.

- Sem problema. Agora me diga quem você conhece que precisa de emprego e acredita que poderá resistir aos chamados do café de Jazz.

- Não acredito que seja permanente, mas te salvaria com os preparativos com a festa.

- Fala de uma vez.

- É Will. Ele foi demitido da agência em que trabalhava.

Erin pensou quem dera todas suas decisões de trabalho fossem tão fáceis como aquela.

- Pode começar amanhã, ou essa noite se lhe agradar.

- Se ele vier.

- Deixa de bobagens ou terei que te levar a sério. Erin aproximou-se da porta. -Se ele estiver aí fora quando abrir a porta, estará em dívida comigo por atormentar-me com essas besteiras.

- Se ele estiver aí fora, te darei metade das minhas gorjetas da noite.

Erin sabia que Cali conseguia boas gorjetas, mas a aposta não lhe parecia justa porque, quando estava a caminho do escritório viu Will entrar pela porta.

Ainda assim...

- Trato feito, mas vou guardar o dinheiro para que você possa usar em sua lua de mel. Estou pensando no Taiti, Ilhas Fiji. Areia, mar e muito pouca roupa, você pode levar uma bolsa cheia de preservativos.

- Há! Muito engraçadinha! –disse Cali, mas sorriu e Erin suspeitou que desejasse facilmente aquela

ideia.

E as amigas não eram para isso?

Capítulo 08

Erin depositou duas taças e um balde de gelo, que meia hora antes havia posto uma garrafa de Perrier-Jouet sobre mesa que havia ocupado antes o Casal Ousado. O Paddington estava fechado e o espaço estava iluminado somente por dois lustres que ladeavam a pesada porta de carvalho.

Will havia aceitado sua oferta de emprego e também as ajudou a fechar e arrumar o bar. Era um bom homem, Cali tinha muita sorte e Erin se alegrava muito pelos dois.

Também se alegrava de ter trazido uma muda de roupa extra e gel de banho para o trabalho. E quando terminou de fechar, trocou a calça e a polo que vestia, lavou o suor das últimas horas e pôs um sutiã sexy de renda por baixo de uma saia preta longa e um suéter de caxemira verde que realçava o brilho de seus olhos verdes. Quando terminou de arrumar-se, pegou o vinho frisante com medo que Sebastian estivesse cansado de esperá-la e tivesse ido embora.

Deveria ter se tranquilizado ao ver que continuava ali.

Mas o que fez foi umedecê-la...

Ela deslizou em um pequeno reservado circular e sentou-se ao seu lado, deixando alguns centímetros entre seus corpos. Queria compartilhar o champanhe e a comemoração. Queria estar distante dele o bastante para que ela a olhasse nos olhos, queria estar distante para sentir a tentação acordá-la.

Nunca havia conhecido um tabu tão doce como Sebastian Gallo. Um tabu porque deveria estar proibido e fora de seu alcance físico, sentimental e sexual. Mas, era um tabu que não podia resistir porque se encaixava perfeitamente em seus planos. Sim. Era esse o motivo. Ele era o “Homem para se fazer coisas”. E essa era a fonte de sua fixação, era o proibido, o inesperado, a emoção do desconhecido.

Ou, pelo menos se repetia isso uma e outra vez.

- Então, essa é a mesa do “Casal Ousado”? Sebastian abriu o champanhe com perícia e serviu os dois copos.

As borbulhas bailaram no líquido gelado incitando Erin a bebê-lo.

- A mesma, mas limpamos todos os bancos, Laurie matou-se esfregando e Robin trocou a toalha.

O tecido azul e vinho roçou seus joelhos quando cruzou as pernas. Pernas nuas debaixo da saia... Tão desnudas como suas nádegas e vagina sem calcinha. Queria estar preparada para o que ele tivesse em mente e havia se vestido, ou bem, desvestido de acordo com isso. Além do mais, ela também tinha algumas fantasias em que a roupa seria um estorvo.

- Acredita de verdade que eles são casados e que montam esse número para a gente? Perguntou.

Sebastian tomou um gole de sua taça, fez uma pausa quase na metade da taça e voltou a olhá-la.

- Seu número não é para a gente; rodeava com o dedo o bordo da taça uma e outra vez. - É para eles, os excita saber que as pessoas olham, é o que lhe põe duro e faz com que ela se molhe. Usam a ideia de saber que os olham como você pode usar um vibrador. Levantou o olhar. -Ou como eu posso usar um banho quente.

Erin não sabia o que dizer, nem sequer estava segura de que poderia respirar. Recordava e muito bem do banho quente, do que aconteceu nele e não pensava em falar de seu vibrador porque era mais partidária de suas próprias mãos. Ainda mais, que ultimamente havia imaginado que suas mãos eram ele. Porém, queria compreender o seu chuveiro, a decadência do espaço, o desenho, o hedonismo do seu banheiro.

- Fale-me de seu chuveiro quente, desse espaço, dos bancos e jatos de água, isso não é... Pegou sua taça. -Não é um banheiro de um homem que só banha. Sinto curiosidade; levou o copo aos lábios. - Você me intriga. –falou antes de beber.

Sebastian se aproximou um pouco mais, sua cocha roçou a dela, descansou o braço no encosto do acento circular, brincou com mechas do cabelo dela, olhando-a nos olhos.

- Eu tomo banho para pensar.

O pulso de Erin acelerou por seu contato.

- Você disse que anda para pensar.

- Faço as duas coisas.

- Depende do que tenha para pensar? -perguntou ela, tomando um sorvo do champanhe.

Ele assentiu com a cabeça.

- A caminhada me ajuda a limpar a mente, lavar o sangue do cérebro.

- E os banhos quentes?

Sebastian tirou o copo de sua mão e o depositou sobre a mesa.

- O banho deveria ser evidente, o vapor ajuda a suavizara as rugas que a caminhada me causa no cérebro.

Erin sorriu e estendeu a mão para pegar a taça, mas ele a deteve. Ela olhou a mão grande que cobria a sua, muito menor.

- Não sabia que se pensava melhor em umas circunstâncias que em outras.

- Você faz o mesmo. Entrelaçou os dedos com os dela e observou as unhas curtas e práticas.

- Não eu não tenho esse luxo. Enquanto dizia, se deu conta de que pensava mais sobre seus problemas

do Paddington do que em sua vida pessoal em casa.

- Não é um luxo, é o que eu faço. - tomou sua outra mão e ela se moveu no banco para ficar de frente para ele. – Você faz mais do que se dá conta. Simplesmente eu sou mais consciente de onde devo estar e o que preciso fazer para pensar com clareza.

Ela não podia pensar com clareza quando ele fazia amor com suas mãos, acariciando-lhe as bases dos polegares, as palmas, os nós e as pontas dos dedos. Seu contato a seduzia e tornava difícil concentrar-se naquela conversa estranha.

Praticamente impossível.

- Você pensa demais.

- Pensar é o que eu faço.

Era a segunda vez que dizia isso e ela sabia que esse era um comentário que valia apena investigar, mas, naquele momento não podia investigar nada. O que ele fazia com as mãos dela a deixava relaxada e hipnotizada.

Talvez fosse um ilusionista como David Blaine e pensava em truques para enganar a pessoas.

Talvez, mas de qualquer maneira ele não tinha que perguntar-se quem era nem o que fazia, porque estava ali só por seu corpo e não por sua mente. Ou pelo menos, era o que se repedia com esperança de quiçá, chegar a convencer-se.

Por isso, quando ele levantou as mãos unidas de ambos e às aproximou de seus seios, lembrou-se do banho e seu pensamentos porque, a luz do ambiente havia convertido os olhos dela em um contraste de luz verde e desejo escuro por ele que ela não podia afastar o olhar.

Sebastian juntou os indicadores e polegares com os dela e moveu as mãos sobre seus mamilos, Erin suspirou. Sem sombra de dúvidas, aquela era a fantasia de Sebastian... as mão de Erin excitando seu desejo.

- Quando era criança, eu vivia nas ruas. –falou ele, suas mãos deixaram as dela e tocaram os pequenos botões perolados do suéter. – Nunca soube nada do meu pai e as recordações que tenho de minha mãe são muito seletivas, somente coisas que quero lembrar.

- Esta falando sério? –perguntou ela, suas mãos permaneciam imóveis em seus seios já que as palavras dele desviaram a atenção de seu corpo.

- Não faça perguntas, apenas escute.

Seguiu abrindo os botões, um atrás do outro, o ar beijava a pele dela a medida que o suéter era aberto. Permaneceu em silêncio, já que desejava escutar e sentir. Baixou as mãos e se concentrou em escutar e sua voz e sentir as mãos dele.

- Eu tinha um caminhão de brinquedo, faltava uma roda, mas não me importava. O adorava.

Chegou ao final da fileira de botões e seus dedos roçaram a saia na altura do ventre dela.

- Eu brincava com ele no chão de cimento do edifício ode vivia. Um edifício sem vidro nas janelas. O cartão de papelão não conseguia parar o vento, mas era a única coisa que tinha, já que as tábuas de madeira que havia antes para cobrir as janelas haviam sido queimadas para nos aquecer.

Erin escutava sua história ciente de que estava falando a verdade, que ela havia esperado conhecer. Porém, pensava que ele não havia escolhido um bom momento, pois, como concentrar-se no que ele dizia quando naquele mesmo instante ele removia seu suéter?

O olhar dele devorou seu pequeno sutiã que mal continha seu seios, cujos mamilos endurecidos empurravam contra a renda. Bebeu mais um pouco de champanhe e esfregou a borda molhada da taça contra o mamilo dela, ao redor, antes de jogar champanhe em seu seio e baixar a cabeça para bebê-lo.

A sensação fez com que Erin suspirasse. O ar roçava a renda úmida e fria, a boca dele era quente, sua língua a acariciava em círculos, seus lábios chupavam seu mamilo... Em definitivo, o conjunto lhe deixava com dificuldade de respirar.

Quando enfim ele levantou a cabeça, Erin se perguntou se viria continuação e por quanto tempo poderia manter seus sentimentos a margem se ele contava histórias de meninos pequenos e seus caminhões.

- Não sei quantos anos tinha quando, enfim, me recolheram. Minha mãe já havia se ido há muito tempo, minha única forma de contar o tempo era a partir do bolo de aniversário que suponho, meu pai mendigou em uma padaria. Eu contava desde esse dia. Minha mãe me disse que celebrávamos o primeiro dia da primavera e por havermos sobrevivido aos últimos cinco anos, assim, assumo que deveria ter uns onze anos quando as autoridades se fizeram a cargo de mim.

Enquanto falava, ele baixava as alças do sutiã de Erin por seus ombros, caindo por sua cintura e deixando seus seios nus.

- Vem aqui. –ordenou ele, a colocando em seu colo.

A borda da mesa machucava suas costas, mas apenas dava-se conta. Estava mais ciente da ereção de Sebastian, que pressionava suas cochas, e suas mãos e boca que pareciam estar em todas as partes do corpo de Erin, ao mesmo tempo. Agarrou-se a seus ombros porque era a única coisa que poderia fazer, sua cabeça pendeu para trás. A saia subiu até suas cochas, abriu mais as pernas e se colou a ele.

Sebastian enterrou o rosto nos seios dela, levou uma mão até seu púbis enquanto, acariciou seu pênis. Ele estremeceu e levantou sua mão até o ponto de prazer que ela havia deixado nu e esperando por ele. No instante seguinte sentiu-se preenchida por seus dedos.

Arqueou-se para ele, abrindo mais as coxas para dar-lhe acesso. Ele acariciava seu clitóris em círculos com o polegar, ao mesmo tempo em que lambia seu mamilo coma língua. Ela cravou os dedos em seus ombros, chocando-se com força em seus dedos, queria mais, mal podia esperar, o desejava já. Quando ela estava ponto de alcançar o orgasmo, ele parou sua mão e língua e recostou-se no acento.

- Porque parou? –perguntou ele.

- Não estou preparado para que você termine.

Ela não se importava com nada daquilo. Estava mais que preparada para tomar o assunto em suas próprias mãos, entrar na fantasia que já havia acostumado-se a usar... e gemeu em protesto quando ele segurou seus dedos.

- Ainda não.

- Mas estou ficando louca.

- Te quero mais molhada para mim.

- Mais molhada? A umidade já saía de seu sexo e molhava suas coxas. Erin duvidava que pudesse ficar ainda mais molhada, na verdade acreditava que nunca havia estado tanto.

- Te juro que você enlouqueceu. Isso não é molhado o suficiente?

- Acredite-me. –ele levou suas mãos até a cintura dela e a sentou na mesa em seguida, as deslizou até seus joelhos. - Incline-se para trás.

Erin vacilou, mas, fez o que ele dizia. Consciente de estar se colocando em uma posição muito vulnerável, porém, incapaz de conter a antecipação que sentia.

Sebastian subiu ainda mais sua saia e pôs as mãos em suas coxas. Quando começou a roçá-las em círculos com os polegares Erin, jogou a cabeça pata trás se entregando as sensações. Fazendo círculos pequenos, aproximou-se da região onde a perna se une ao quadril. Definitivamente havia dominado o método de tortura muito eficaz, Erin ofegava e estava a ponto de gritar.

Ele beijou uma coxa passando a língua por ela, repetiu a mesma carícia na outra, porém, bem mais perto de sua vagina. Voltou à primeira perna, repetindo o processo e provou que ela estava equivocada. Ela estava mais úmida, mais preparada e mais excitada que minutos antes. A intensidade de sua resposta, a maneira como as chamas lamberam o centro de seu corpo, pareciam inacreditáveis.

Desta vez quando subiu sua saia até seu ventre, ele inclinou-se e soprou seu clitóris e um pouco mais adentro de seu sexo.

A espera, a sensação de antecipação, teria sido boa se ela não estivesse tão desesperada por chegar ao clímax. A obcessão dele por excitá-la ainda mais, a sensação concentrada em sua boca e mãos... Mais cinco minutos e estaria louca. Então, ele regressou a sua história.

- Passei seis anos vivendo sob custódia do estado, tínhamos uma ducha comum e o tempo em que tomávamos banho, ficávamos olhando sobre o ombro, cuidando de nossas costas com a esperança de sobreviver a aqueles quinze minutos sem necessitar de pontos e com a virgindade intacta.

Erin suspirou profundamente, ele a golpeava com suas palavras ao mesmo tempo em que apertava com gentileza seu clitóris com o polegar e beijava a prega entre suas pernas. Queria pensar no que ele falava, mas não conseguia desconectar-se do que ele fazia.

- Tomei banho assim por seis ou sete anos, não me sai mal, sobrevivi. E jurei que quando pudesse

pagar por meu próprio canto, não voltaria a preocupar-me com água quente em toda minha vida.

Enquanto falava, olhava para o jogo de seus dedos na vagina dela. Erin poderia ter chego ao clímax duas vezes, porém cerrou os dentes, e concentrou-se em sua história. Apoiada em seus cotovelos, o queixo no peito e mantinha o olhar fixo no rosto dele.

Sebastian não tinha vacilado nem uma vez durante a história e nem a olhado para ver se o escutava. Quando em fim se recostou para trás, Erin supôs que estava disposto a tomá-la. Só que ele pegou a garrafa de champanhe e acariciou a parte inferior de suas coxas com ela. Subiu um pouco mais a garrafa e esfregou a boca nos lábios do sexo feminino, rodeou o clitóris, roçou as pregas com o cristal frio, baixando por um lado e subindo pelo outro, jogando com ela sem misericórdia, até que por fim levantou a garrafa e bebeu. Logo baixou a boca até sua vagina, bebendo champanhe e sua umidade.

Erin não aguentou mais, soltou um grito, seu corpo rígido com as sensações do orgasmo, a onda de prazer fazendo-a arqueasse em direção a boca dele. A pele formigava, ardia, palpitava, mas ele precisava de algo mais. Precisava dele em seu interior.

Levantando-se da mesa, se afastou de Sebastian com um empurrão e levou as mãos à cintura de suas calças. Ele tirou o preservativo do bolso, e a ajudou a baixar a calça para colocá-lo. Erin desceu da mesa e sentou em seu colo, com a mão entre seus corpos para guiá-lo ao seu centro.

Ele a penetrou e foi como encontrar uma parte dela que nem sequer sabia que tinha perdido. O Apertou com seus músculos doloridos da noite anterior e o montou com dureza. Seus seios oscilavam e ele a apertou contra seu peito e lambeu o vale entre os dois.

Ardiam os músculos dela, estava dolorida pela fricção da sombra de barba dele, pelo movimento de seu pênis e não se importava. Aquilo era o que queria aquele vínculo alegre de dois corpos necessitados.

Sebastian separou ainda mais as pernas e empurrou para cima, com a cabeça apoiada no encosto do acento, os tendões de seu pescoço muito tensos. Ela queria ver sua tortura, sua agonia, mas a tensão em seu rosto bonito só conseguiu excitá-la ainda mais.

Alcançou outro orgasmo e ouviu os grunhidos guturais que escaparam do clímax de Sebastian, depois se deixou cair contra o peito dele, ainda estremecendo. A essa altura, havia se esgotado fisicamente, a sensação de esgotamento depois do sexo fabuloso, estava segura de que nunca havia conhecido uma satisfação física como aquela.

Mas era a satisfação da alma que não estava segura se poderia suportar.

Cali cruzou as pernas e se aproximou ainda mais da mesa de café, estava sentada no chão em frente ao futon de Will e ambos dividiam uma taça de sorvete de nata e banana. Will estava sentado como ela do outro lado da mesa, seus joelhos se tocavam por baixo da mesa baixa.

Os dois vestiam camisetas, calças de moletom cinza e grossas meias desportivas, cortesia do armário de Will. O sorvete era para celebrar o novo emprego dele no Paddington e as horas que acabaram de passar na cama.

Cali estava convencida de ter vivido a melhor noite de sexta-feira de sua vida. Supunham que o sorvete mataria a fome até que pudessem comer algo mais substancioso depois de dormir para repousar o açúcar e o sexo e sim... O sexo era fantástico. Seu corpo gritava de satisfação, assim quem se importava se ganhasse alguns quilos com o sorvete?

Will não parecia importar-se se não estava magra, de fato parecia encantado de que não o atormentava com quadris ossudos. E isso era muito bom, porque ela gostava muito de como seu corpo se acomodava ao dela, suspirou.

- Amanhã tenho que estudar para recuperar o atraso antes da aula de segunda-feira.

- Quer dizer, hoje!

Cali soltou um gemido.

- Já é sábado, verdade? A que se deve a perda da noção de tempo quando estou com você?

Will tirou a colher da boca, a colocou no sorvete, em seguida apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou em direção a Cali.

- Tem certeza que quer que eu responda isso?

Ela pensou por um instante se havia consumido açúcar o suficiente para outro intento no quarto ou se sua energia a abandonaria antes que pudesse tirar a roupa.

- Não, não preciso do seu ponto de vista. –responde. – Posso pensar em uma resposta sozinha.

Will moveu a cabeça retirando a colher do sorvete com um pedaço de banana.

- Isso eu gostaria de ouvir.

- Nosso tempo juntos passa muito depressa porque você quer discutir cada uma das minhas ideias para o papel de Jason no roteiro. –disse ela.

- Bobagens. –respondeu ele. – Eu não discuto nada, sei tão bem quanto você que sem Jason não teríamos história. É a história dele.

Cali pensou que ao menos estavam de acordo em algo importante, só teria que fazê-lo entender que em outros pontos não tinha razão.

- Exato, mas sua obcessão pela ação exterior esta diluindo todo o resto.

Will atacou o sorvete com gana.

- Mas estamos escrevendo para tela grande, o que implica que necessitamos de ação. –defendeu-se.

Cali odiava seguir por aquele caminho, mas, por outro lado, havia sido a discussão que tiveram no primeiro dia de aula que os levou a aquela momento e lugar.

O professor havia pedido para todos os membros da classe que nomeassem o escritor e diretor que mais os influenciaram a estudar essa matéria. E a discussão que seguiu selou o destino que compartilhava agora com Will.

- Christopher McQuarrie. – recordou-o agora. – Oscar de melhor escritor em 1995 por “Os Suspeitos”.

Will moveu a cabeça e sorriu.

- Brilhante.

- O filme ou o escritor?

- Ambos e você sabe que isso é o que eu quero fazer. –disse ele abandonando a colher na taça.

- Mas, isso não irá ocorrer Will, se você não fizer por nosso Jason o que Christopher McQuarrie fez por Keyser Soze.

Will ficou sério.

- E você acha que eu não sei?

- Eu sei que você sabe. –respondeu com rapidez.

Will a olhou com a expressão de derrota.

- E o que faço? Começar do zero... analisar um elemento atrás do outro e ver onde me perdi?

Cali voltou a falar com rapidez, porque temia não fazê-lo se parasse para pensar nos sentimentos dele, e a sinceridade parecia fundamental.

- Tenho uma ideia!

- Qual?

Ela colocou as mãos sobre a mesa em ambos os lados da taça.

- Sei que parece besteira, mas, por que não pedimos opinião para Sebastian?

Will franziu a testa.

- Sebastian Gallo? Por que acha que ele possa ter algo interessante a dizer?

- Não sei. Ela deu de ombros. - Algo me diz que sim.

Will se pôs de pé e começou a andar pela sala.

- Sim, isso faz muito sentido. –resmungou

Cali abraçou os joelhos.

- Já sei que o conheço muito pouco, mas essa noite contamos a ele sobre o “Casal Ousado” e ele começou a criar uma história sobre quem podem ser e porque fazem o que fazem.

Will a olhou com os braços apoiados na cintura.

- E por isso que nos aconselhe sobre nossa história? Não acha que esta exagerando?

- Bom, só porque não esta em nossa turma ou não seja um expert não significa que não tenha intuição para uma história.

- Eu tenho intuição para as histórias e sou seu companheiro de projeto. Não Sebastian Gallo.

Cali o olhou.

- Eu sei, e sei que ele não tem nada a haver com nosso projeto, mas acredito que estamos tão mergulhados nele que não somos capazes de vê-lo com perspectiva, e não creio que um novo olhar o faça mal. Isso não desmerece o trabalho que você ou eu temos feito, é só...

- É só que o bosque nem sempre nos deixa ver as árvores, certo? Comentou ele. Rodeou a mesa e se deitou de costas no futon, ficou olhando par p teto com as mãos sobre a testa.

Cali se virou apoiando-se os cotovelo no futon. Will parecia esgotado e certamente aquela reticência se devia a algo mais que o roteiro. Talvez por que ele acabara de perder seu emprego.

Não sabia se o que o preocupava era dinheiro, mas suspeitava que o golpe o houvesse afetado mais do que dava a entender, e ainda fora mais danoso para seu ego que para sua carteira. Pôs uma mão sem seu peito o acariciando com os dedos.

Will cobriu sua mão com a dele e suspirou.

- Certamente você tem razão, estamos trabalhando nisso há meses e podemos ter perdido a perspectiva. Além do mais, eu estou exausto. –virou a cabeça a olhando nos olhos. – E você?

- Também. Sorriu. - Mas, sobreviverei.

Will brincou com um de seus cachos.

- Não agradeci a você por conseguir-me um emprego com Erin.

- Não foi difícil. Assegurou ela. – Ela estava encantada com a ideia.

Will a puxou para ele e Cali se acomodou ao seu lado. Quando ele a abraçou e respirou profundamente a borda de seu sono, ela pensou que não gostaria de estar em nenhum outro lugar no mundo.

Capítulo 09

O havia descoberto. Ele não havia sido rápido o bastante ou não havia sido o bastante consciente de onde esconder-se. De fato a havia visto chegar e continuava sentado ao volante de seu carro observando-a aproximar-se.

Já era tarde e a noite era escura. Ele havia estacionado mais abaixo, MS, no mesmo quarteirão do prédio em que a viu entrar. Não no edifício que seu companheiro seguia vigiando do outro lado, nem o edifício onde haviam encontrado os traficantes que haviam levado semanas buscando.

Raleigh não sabia por que estava tão deprimido. Sua carreira, sua vida, até sua mente eram um desastre... E era muito tarde para tentar arrumá-los. Não havia segunda oportunidade, havia acabado.

Ela dirigia-se a ele.

Em que demônios estava pensando par estropiar o trabalho que lhe pagaram? E tudo por uma distração que deveria ter previsto, que estava treinado para predizer, que nesse momento avançava para ele. E já era muito tarde.

Ela estava ali e ele estava acabado. Frito e empanado como pernas de frango ou de rã. Nham, nham...

Lixo, puro lixo!

Sebastian se levantou da mesa e foi até a janela do seu quarto. O que diabos lhe ocorria? Não conseguia formar uma frase que não fosse uma porcaria. Raleigh não era o único cuja carreira estava em jogo. Se continuasse assim, teria que devolver o adiantamento do contrato e dedicar-se mendigar na rua.

Era sábado de manhã e já havia amanhecido. A cidade estava silenciosa sem o ruído dos dias de trabalho com que costumava dormir. O ar era frasco e limpo, olhou para o carro da polícia que recorria a rua sete pisos abaixo.

Por que havia contado a Erin aquelas coisas de sua vida? Só restava esperar que ela não houvesse acreditado, pois, não queria chegar a ridícula conclusão de que havia lhe mostrado o único ponto frágil de sua armadura que poderia ajudá-la a penetrá-la. Não queria que ela encontrasse o modo de entrar apesar de que, de certo modo, ela já estava dentro, trabalhando para desmantelar a valiosíssima independência dele, para fazê-lo ver que não podia controlar seus sentimentos tão bem como acreditava.

Achou que ela se sentiria melhor consigo mesma se ele lhe contasse sua história. Não queria que se sentisse mal pelo que haviam feito, queria que se sentisse tão bem quanto ele. E aquilo já era admitir muito para alguém acostumado a fugir de compromissos, de amor e da preocupação que poderia sentir pelos outros.

Era isso que permitiu sua sobrevivência da adolescência até a idade adulta. Por que estava sendo tão tonto a ponto de contar sua vida privada a uma mulher depois de tanto tempo? Pois foi isso que fez e se ela o questionasse ele não desmentiria nada.

Moveu a cabeça, antes de Erin não havia falado com ninguém sobre aqueles anos. A única pessoa com quem comentou algo durante aquelas época vazia foi Richie Kira, o mais próximo a um amigo que havia tido Sebastian.

O homem de sessenta anos, era um interno que trabalhava na biblioteca do centro e ajudava os meninos a fazerem trabalhos escolares ou a procurar por livros de leitura. Richie captou a curiosidade nata de Sebastian, a sede de conhecimentos do menino, e o introduziu em mundos incríveis que podiam ser encontrados nas estantes, entra as páginas dos livros que ele cuidava como um jardineiro cuidava de suas rosas ou um fazendeiro de seus campos de milho e trigo que lhe davam o que comer. A comparação não estava muito distante da realidade.

Os livros eram para Richie um vínculo com a vida exterior que não havia tido em mais de quarenta anos. Lia, recordava e contava para Sebastian. Histórias de guerra, mulheres, partidas de futebol, brigas de bandos rivais, de carros rápidos, música alta e como beijar uma menina de modo que ela nunca esqueceria seu nome.

Foi o pai que Sebatian não teve, o mentor que necessitava, o que o aconselhava sobre o mundo sem suavizar as palavras com a perspectiva de um pai, dando seus conselhos diretamente da rua. Do pátio da prisão.

Sebastian aprendeu que deveria cuidar de suas costas, mas ouviu que deveria prestar atenção na sua frente também.

Richie lhe falou sobre o corpo das mulheres, controle de natalidade, mas não da mente feminina. Tão pouco explicou que os olhos de uma mulher podem brilhar convidativo antes de dar-lhe um soco no estômago.

Três horas atrás, havia acompanhado Erin a sua casa e ela o convidou a entrar. Sebastian desejava fazê-lo, mas havia se despedido no corredor e se dirigido ao elevador sentindo o calor da incredulidade de seu olhar em sua nuca.

Subiu para sua casa e tentou trabalhar, mas não conseguiu concentrar-se o bastante para escrever outra coisa que não fora um lixo. Por mais que tentasse, não conseguia pensar em outra coisa que não nessa ideia.

A ideia que queria propor quando chegasse o momento certo, uma história que não era de Raleigh e tão pouco dele, já que sua musa inspiradora havia assumido o controle absoluto. A ideia o assustava.

Voltou a sua mesa e seu teclado. A distração de Erin Thatcher começava a cobrar mais sentido. Não estava concentrado, deixava para sua musa o caminho livre, cedia a sua tentação e isso deixava a porta aberta a distrações. Teria que esquecer de Erin e aquela ideia para uma história que não era de Raleigh. Em Erin pensaria mais tarde.

Nesse momento ele queria escrever.

No sábado de manhã, Erin despertou mais cedo que de costume. Uma coisa era certa, jamais voltaria a olhar para a mesa do “Casal Ousado” da mesma maneira. Na verdade, tinha medo de que quando os visse ali sentados, teria vontade de tirá-los pelos cabelos.

As quatro horas e poucos que havia dormido pareciam tudo que seu cérebro necessitava. Se corpo estava dolorido e pedia outras oito de sono, mas, sua mente se movia a toda velocidade e pedia-lhe ação. Mas antes de escovar os dentes e mesmo sair da cama, pegou seu notebook e o colocou no colo.

De: Erin Thatcher

Enviado: Sábado

A: Samantha Tyler; Tess Norton

Assunto: Sexo só uma vez? Que vergonha!

Ok meninas, sou um desastre. Recordam de deixar os sentimentos fora da mina aventura com Sebastian? É tarde de mais. Não vou dizer que estou apaixonada, mas, decididamente eu gosto muito dele. E agora o que?

Na noite passada me contou coisas, coisas que não estou segura se são verdade. Coisas sobre seu passado que quase parecem uma história inventada em minha honra, para me acalmar um pouco e quiçá, incluso, para me assustar um pouco e deixar de pensar um pouco em tudo que estou pensando e me assegurar que minha mente e meu coração não se envolvam tanto quanto meu corpo. Sua missão falhou, porque, despertou-me ainda mais a curiosidade.

Eu não podia pedir-lhe para parar de falar, a fim de saber se ele estava verdadeiramente comigo, pois estava em uma posição muito comprometedora. Como comprometida? Digamos que há uma mesa no bar que não poderei voltar a ver.

Voltando ao dilema. Pergunto-me se é verdade o que me contou, já desejo muito sabê-lo, ou esqueço tudo, de tentar averiguar quem ele é e desfruto de sua companhia e de sua, ah… língua? Se acabasse com isso agora, sentiria falta do sexo, sim. Mas eu temo que sentisse mais falta dele.

Acho que nunca pensei que podia querer conhecer melhor meu “Homem para fazer coisas”… inclusive uma parte de mim esta pensando em esquecer a parte sexual e tentar que sejamos amigos. Acredito que é um homem muito interessante, ainda mais interessante de conhecer que, bom, para… vocês me entendem.

O que faço?

Erin.

Não esperava nem que Tess ou Samantha tivessem a solução perfeita, porém, estava disposta a conformar-se com alguma sugestão.

Entrou na cozinha para fazer café e quando terminou, levava uma caneca cheia até a borda a caminho do banheiro, com uma toalha na outra mão. Quando escutou o timbre característico de seu e-mail e decidiu passar por seu quarto, as primeiras coisas, primeiro. Para despertar de tudo teria que ver os conselhos que tanto necessitava.

De: Tess Norton

Enviado: Sábado

A: Erin Thatcher; Samantha Tyler

Assunto: Re: Sexo só uma vez? Que vergonha!

Querida Erin:

Faça exatamente o que te digo. Não se desvie do plano e o faça de imediato:

1. Vá a um café.

2. Peça um cappuccino.

3. Peça também um pedaço de bolo de chocolate.

4. Sente-se em uma cadeira bem cômoda.

5. Pergunte-se o é o pior que pode acontecer com o Sebastian.

6. Pergunte-se o que é o melhor que pode acontecer com o Sebastian.

7. Aceite que NENHUMA DESSAS DUAS COISAS IRÁ ACONTECER. O que ocorrerá, na verdade, será algo que não poderá antecipar e que não estará preparada.

PORTANTO:

1. Desfrute do café e do bolo.

2. Desfrute dos seus momentos com o Sebastian.

3. Seja fiel a sua voz interior.

4. Honre a sua libido.

5. Não faça jogos… Se quiser perguntar alguma coisa, então pergunte.

Dou sábios conselhos, não é verdade? Bobagens a parte, acredito que o que falei é certo. Parece-me, que a chave é a voz interior e em escutá-la, em lugar, de pensar nas coisas que gostaríamos de ouvir.

E não é que eu faça isso, sou uma tonta e deveria estar nas mãos de psiquiatras. Mas isso é outra história e agora estou com pressa.

Com carinho, beijos, Tess.

Erin releu as últimas linhas com certa surpresa. Tess era uma das mulheres mais sensatas que já conheceu, ainda que somente pelo mundo virtual.

Levou a caneca para o chuveiro e a deixou em uma prateleira em que guardava o gel de banho e o xampu. Entre a água quente e o café, conseguiu enfim, colocar seu corpo em marcha. Voltar para a cama por mais um par de horas era muito mais atraente do que pôr-se a trabalhar e voltar para cama com Sebastian seria muito melhor. Mas tinha que preparar uma festa e, além disso, sentia que devia isso a Rory.

- Contei para o Will como Sebastian inventou uma história sobre o “Casal Ousado”, ele acha que estou exagerando e isso me incomoda. resmungou Cali.

Erin agradeceu em seu interior pela distração de sua amiga. Começava a desejar ter seguido o conselho de Tess sobre o cappuccino e o bolo de chocolate em vez de ir ao trabalho, mas quando saiu de casa pensava mais na festa que em sua saúde mental.

E nesse momento, horas depois, começava a pagar o preço daquele lapso, era um preço cada vez mais alto. Havia pensado várias vezes no melhor que poderia acontecer com Sebastian e no pior, mas não conseguia encontrar um meio termo.

Começava a convencer-se de uma coisa. Ou seus hormônios a muito adormecidos estavam fervendo como uma panela de pressão pronta para explodir ou estava prestes a sucumbir ao amor a primeira vista, nesse caso sexo a primeira vista.

- Exagerando em que sentido?- olhou para Will que carregava sua bandeja de garrafas de cerveja e tinha os lábios apertados em vez de seu sorriso habitual. Era evidente que não estava contente de que Cali estivesse contando de sua discussão de namorados, e Erin por sua vez estava descontente por ter havido tal discussão.

- Cali parece crer que Sebastian tem um dom mágico de inventar histórias. – Will levantou sua bandeja.

- Eu só lhe disse que inventar uma história não tem nada de mágico, que é questão dos elementos da história e a maneira como o autor os retrata.

Em lealdade a Cali, Erin falou:

- Bom, eu não sei nada de elementos, mas meu avô Rory poderia ter ensinado Hemingway. E Rory nunca passou nada por escrito, era só a maneira como ele contava a história.

Cali parecia triunfante e Will furioso. Ele se afastou e Erin encolheu os ombros, já que não queria meter-se em um problema pessoal dos dois com o roteiro e no fundo não tinha nada a haver com a capacidade de Sebastian de inventar histórias.

Certamente, eles desconheciam a história que ele havia lhe contado na noite anterior enquanto estava estendida na mesa do bar, a história que Erin não conseguia ver com perspectiva mesmo tentando muito. Era muito rara, muito distante de sua e experiência pessoal.

- É exatamente sobre isso a que me refiro. –Cali colocou algumas garrafas de cerveja no lixo. – Os homens são incríveis. Emendou. - Sempre têm que saírem com as suas.

- Às vezes isso não é tão mau. Erin olhou para a mesa em que antes haviam sentado três meninas de aproximadamente vinte anos, porque era incapaz de suportar a ideia de que o "Casal Ousado" a profanasse.

- Se esta falando de sexo, estou de acordo. Um homem que sabe o faz quando tem você nua, é algo muito bom. –disse Cali. – mas, odeio que tentem ser espertos sempre e ficam impossíveis quando lhes sugerem que podem estar equivocados ou que outro homem pode ter a resposta que eles não têm.

Erin voltou sua atenção a sua amiga.

- O que tudo isso tem a haver com Sebastian?

Cali encolheu os ombros.

- Só disse para Will que seria interessante ver o que ele pensava do roteiro.

Erin moveu a cabeça.

- Não sei; eu não sou uma expert em homens, mas entendo que Will se zangue por isso. Você quer a contribuição de outro em vez de confiar na intuição dele no momento em que vocês acabaram de iniciar uma relação muito boa para os dois.

- Sim, isso eu entendo. –Cali sorriu e agitou a mão a um cliente que se dirigia a porta. – Só queria buscar um modo de salvar o roteiro. Para mim não significa tanto como para Will e pensei que, se escutasse o que eu tento dizer-lhe por outro homem, talvez fizesse caso.

- Então faça o que o que achar melhor.

- Obrigada. –Cali pegou duas garrafas do frízer e limpou com uma mão o gelo do rótulo. – Que tipo de conselho é esse?

- O único que me ocorre neste momento. – respondeu Erin, já que Sebastian acabara de entrar pela porta.

Não estava preparada para a emoção abrasadora que a tomou. Sentia que até esse momento só havia existido e agora começava a viver, e certamente aquilo lhe agradava muito. A ideia de que só havia estado passando pela vida era uma zombaria aos anos de aprendizado com Rory, a época em que havia recorrido a Europa a pé com seu primeiro amor, aos anos de estudo na universidade em uma carreira

que não terminou.

De verdade, havia passado sua vida em um limbo esperando por um homem? Aquela ideia lhe provocou um ataque de pânico, tudo aquilo era ridículo! Um homem não era a resposta para seus problemas e nem a suas expectativas. Sebastian Gallo não estava ali por isso, secou as mãos em um avental e olhou para Cali.

- Tenho que ir ao banheiro. Dê uma cerveja para Sebastian e diga a ele que volto logo, ok?

- Claro, mas não…

Erin não escutou o resto porque o som da porta do escritório ao se fechar abafou a voz de sua amiga.

“Conte até trinta, Erin. Conte até trinta.”

Sim, sempre soube que existia a possibilidade de misturar seus sentimentos por mais que se prometesse que isso não ocorreria. Depois de tudo era uma mulher e como tal não podia evitar que o amor necessariamente seguia o sexo.

Afastou-se da porta e terminou de contar até trinta enquanto, andava de um lado a outro. Sentou-se em sua mesa e verificou seu e-mail com esperança de que Samantha houvesse respondido a seu grito de socorro desta manhã.

De: Samantha Tyler

Enviada: sábado

A: Erin Thatcher; Tess Norton

Assunto: Re: sexo uma vez? Que vergonha!

Oh, Erin. Tenha cuidado. Você não sabe nada sobre Sebastin exceto que é... Ham... Esperto. Procure não confundir “amo o sexo” com “eu te amo”, é um clichê entra as meninas.

Eu diria para esquecerem-se da amizade, se há tanta química, é impossível que possam ignorá-la e se dedicarem a falar de outras coisas.

Pensando bem, você não fica quente só de olhá-lo nos olhos? Eu lembro quando me apaixonei pelo meu ex até sua caspa me deixava quente... Ok! Isso é um pouco exagerado, mas você me entende. Você acha que ele pode ser seu companheiro? (Samantha nega, com vigor, com a cabeça).

Amizade mais sexo é igual a amor. Se acreditar que há potencial para um futuro juntos, siga adiante. Se não, saia correndo. Não há necessidade de romper seu coração, quanto mais esperar, mais ficará profundo e sairá mais machucada.

E um ponto intermediário? Fechar a boca a menos que esteja te dando prazer, fechar os ouvidos para seu lado humano e deixar seu coração em casa? Boa ideia, mas não, nunca funciona! Se esta se

apaixonando, isso não vai para a queda por mais que você repita isso mil vezes a si mesma.

Não quero parecer negativa. E recorde que meu divórcio seguramente me deixou um pouco amargurada e cínica. me encantaria que tivesse um final feliz de amor com esse homem, mas quais as probabilidades? Não esqueça que o elegeu porque ele era o homem equivocado para você. Quem dera eu e Tess pudéssemos conhecê-lo!

Samantha

PS: Que diabos é tudo isso que esta descobrindo sobre seu passado e que insinua, mas não conta? Por acaso foi mafioso ou narcotraficante?

Erin soltou uma risada e moveu a cabeça. Samantha tinha seus momentos de loucura, mas sem dúvida às vezes também acertava. Aquilo de amizade mais sexo se igualava a amor, fazia muito sentido.

E em que categoria estava seus sentimentos por Sebastian? A luxúria era evidente, o interesse também, ambas as coisas que se encaixavam com o princípio de um relacionamento.

Mas aquilo não era um relacionamento ou o princípio de um.

Nem sequer sabia se o pouco que sabia dele era real.

Havia se metido naquela relação buscando alívio ao estresse e a seus hormônios, mas só conseguiu apaziguar estes temporariamente, já que cada vez que o via, o desejava mais que a anterior.

Esfregou as têmporas na tentativa de afastar a dor de cabeça que começava a lhe assaltar. Era tudo muito simples.

Necessitava de luz no fim do túnel, um raio de sol que abrisse espaço entre as águas turvas de sua mente. Não era pedir muito, certo? Saber que não passaria o resto de sua vida sentindo-se fora do lugar?

Houve uma batida na porta e em seguida Sebastian entrou no escritório. Erin tragou com força. Ele fechou a porta atrás de si.

Capítulo 10

- Você está me evitando?

No sentido em que ele estava falando, não. Não havia saído correndo porque não queria revê-lo, bem pelo contrário. Mas sim, porque no momento preferia trabalhar sozinha em seu conflito.

- Por quê? Não posso ir ao banheiro sem levantar suspeitas?

Sebastian levantou as sobrancelhas, cruzou os braços e se apoiou contra a porta.

- É isso que esta fazendo?

Erin encolheu os ombros e apontou para o banheiro com a cabeça.

- Nem cheguei a ir, parei para ler um e-mail que estava esperando.

- E agora esta pensando em como respondê-lo?

Como conseguia parecer tão indiferente quando ela estava a ponto de desmaiar?

- Estou pensando no que li, e se pode me ajudar com meu dilema atual.

- Você tem um dilema?

- Sim. –confessou ela.

Ocorreu-lhe que tudo aquilo era um equívoco, que deveria ser ele que estivera nervoso e ela que o observava com calma. Aquele era seu território, o lugar em que trabalhava enquanto ele caminhava pela rua pensando. Ele era a fonte de sua agitação, sua aparente indiferença ante uma relação que a estava deixando louca.

Queria ver se poderia deixá-lo nervoso, espantá-lo, fazê-lo pagar pelo que sentia. Apoiou os cotovelos na mesa e levantou o queixo.

- Meu dilema é você.

- Não me diga.

- Pois digo, e é muito ruim porque, sempre que estou perto de você, quero me despir. Não espera. – levantou a mão ao ver que ele se dispunha a falar. – Isso não é de todo verdade. Sempre que o vejo quero que você me dispa.

- E isso é ruim?

- Me diga você.

- Vamos Erin, eu sou homem. O olhar dele ficou intenso, revelando enfim que não estava tão indiferente como parecia. – O que acredita que vou dizer?

- Só quero que seja sincero.

- Quer que eu seja sincero. Ele apertou os lábios e pensou um momento. – Quer que eu diga que quando vejo seus olhos se iluminarem, eu fico duro?

Erin piscou e tentou recordar como respirar. Por que tinha que dizer essas coisas? Teve que esforça- se para evitar baixar seus olhos de seu rosto até sua virilha.

- Se essa é sua sinceridade, sim, diga.

-É sincero e real. E sim, desviou o olhar por um instante e logo se voltou novamente. – Tem sido assim há meses.

Meses? Será que a sensação inicial de atração mútua não havia sido imaginação sua e aquela aventura não era tão repentina e nem tão louca como havia pensado? Mas, era uma aventura, não? Não importava quem havia feito o primeiro movimento, o que faziam tinha a haver coma química de seus corpos e não com o que existia entre as almas.

Nem sequer era amizade. Não sabia como ganhava a vida, onde comia nem qual era seu alimento preferido. Sabia que gostava de champanhe, os livros, os banheiros e que ficava duro quando olhava para seus olhos.

- Meses, sério? Faz poucos meses que me mudei para o prédio.

- Sei muito bem quando se mudou. Respondeu ele. - Eu tinha me acostumado a viver sozinho.

Rodeou a mesa e bloqueou o caminho até a porta. Erin o olhou de frente, queria a verdade. O que ela tinha a haver, na realidade, com o fato dele viver sozinho. Ele apoiou as mãos na borda da mesa de madeira escura e esticou as pernas. Sustentou o olhar sem nenhum problema e pensou que estava certa, ele era um mago e ela estava sob seu feitiço.

Sebastian usava calças pretas e botas de motociclista, cruzou as pernas na altura dos tornozelos. Seu suéter de gola alta era de um tom de marrom escuro e essa noite, tinha mais sombra que nos outros dias, o que lhe dava uma ar perigoso.

Erin se recusou a intimidar-se.

- Continua vivendo sozinho.

Sebastian negou com a cabeça.

- Não, você vive lá. Não fisicamente, mas esta lá. Eu não consigo dormir e não imagina como afeta meu trabalho, ou meus banhos.

- Banhos que toma sozinho. Então compreendeu o que ele estava dizendo. Suas fantasias haviam sido iguais as dela, ainda que diferentes.

Levantou-se devagar e o olhou, roçando com a ponta de seus sapatos nas solas das botas dele.

- Você faz mais do que tomar banho sozinho, não? – perguntou.

Sebastian demorou a responder. Ela esperou com paciência e enfim veio sua resposta com um suspiro que foi quase tão eloquente como as palavras que seguiram.

- Eu não tenho família, trabalho em casa, minhas relações de trabalho são quase todas a distância. Não tenho amigos íntimos, pelo menos que vivam aqui. Assim que... Sim, como sozinho e durmo sozinho. Sorriu um pouco. – E ando pelas ruas sozinho.

- E tem sexo sozinho.

Esperou uma negativa, uma resposta ressentida por aquele insulto a sua virilidade que não veio. O ar no escritório ficou pesado e espesso pela tensão. Nenhum dos dois se movia, os dois seguiam de pé se olhando. Ao fundo se ouvia o ruído do computador.

Seguiu o silêncio que falava de revelações não pronunciadas, de Sebastian renunciando uma parte de si que não estava preparado para compartilhar, mas a imagem dele no chuveiro satisfazendo-se sozinho excitou muito Erin.

- Ter sexo sozinho é bastante comum.

- Para a maioria dos homens, mas, você não é como a maioria. Um fato que ela agradecia profundamente, independentemente de quão longe chegassem com aquela aventura.

No momento, entretanto, lhe interessava mais levar a conversa a um ponto onde ele lhe daria respostas.

- Falou que não tem família, já foi casado?

- Nunca.

- Namoros, relacionamentos? –levantou a sobrancelha. – antigas namoradas que te façam companhia quando sente o impulso?

- Que impulso? Cruzou os braços sobre o peito. – O impulso de ter sexo não relacionado com o chuveiro, sabonete e minha mão direita?

Erin se esforçou para não rir.

- Às vezes acontece.

- Mas não com antigas namoradas.

-E com quem? –pressionou ela.

- Com moças... Interrompeu-se e corrigiu o deslize. – Com mulheres que se mostram amistosas comigo quando as encontro.

- E quando foi a última vez e as encontrou? Erin não sabia por que aquilo parecia importante, mas a curiosidade exigia perguntar.

- Não sei. –respondeu ele sem titubear.

- Não sabe a última vez que dormiu com uma mulher? Os homens não memorizam isso?

- Eu não sou como a maioria dos homens.

Isso ela já sabia e sabia também que a maioria mentiria antes de admitir uma coisa assim. Ele se mostrava sincero sobre as relações sexuais que não tivera antes de conhecê-la.

- E a história que me contou na noite passada, sobre viver em um edifício abandonado? Era verdade?

Passaram-se alguns segundos antes que ele assentira com a cabeça.

- Verdade.

Isso partiu seu coração. Enterrou o rosto entre as mãos.

- Não pode me fazer isso, não pode me dizer que não tem família, nem amigos, que vive sozinho, trabalha sozinho e que tem sexo sozinho.

- Por que não? É minha vida, não a sua. Não me envergonho disso é o que sou.

Ela moveu as mãos com agitação.

- Não, não, não. Você disse que não pode dormir porque eu não estou lá. Como vou responder a isso se está tão sozinho?

- Estou sozinho, Erin, não me sinto sozinho. E não disse que não queria que estivesse lá.

Ela esperou certa de que ele diria algo mais, mas, ele apertou a boca que ela só havia beijado na noite perto das caixas de correspondências. Como podia não ter se dado conta de que não haviam voltado a se beijar?

Por que não voltou a beijá-la?

A porta do escritório se abriu, Sebastian levantou a cabeça, Erin se voltou sobressaltada. Cali estava à porta com expressão de pânico.

O pulso de Erin acelerou.

- O que houve? Está tudo bem?

Cali abriu ainda mais os olhos.

- Você não vai acreditar no que Will acaba de descobrir sobre o Courtland.

Courtland, o novo café de jazz aberto nas proximidades do Paddington, havia anunciado há algumas

semanas atrás sua grande inauguração para meados de novembro. O que não haviam dito ao público era que esta noite era exatamente a noite de sua festa.

A noite de halloween.

A noite do aniversário do Paddington.

A noite de Erin.

Sebastian sentia gana de destroçar o primeiro saxofonista que cruzasse em seu caminho.

Não sabia por que, mas tinha a impressão de que alguém havia contado os planos de Erin para a festa, em cujo caso seria melhor destroçar a mandíbula do ex-empregado suspeito. Mas, calou suas suspeitas e suas ideias violentas. Tinha que pensar nas necessidades de Erin, não nas suas; ainda que ultimamente fosse difícil distinguir entre ambas. Estranho, mas aceitar essa realidade não foi tão difícil como havia esperado.

Junto com Cali e Will, Sebastian acompanhou Erin a sua casa depois de fechar o bar. Ele não se preocupava que fosse muito tarde, pois, sabia que ela estava acostumada a passar a metade da noite acordada. Não sabia o que faziam os outros dois, mas, alegrou-se de que estivessem ao lado de Erin.

Depois da intensidade de seu encontro no escritório, tinha o pressentimento de que eles sozinhos não seriam capazes de buscar uma solução razoável para o problema dela. Mas, com a ajuda de Cali e Will haviam conseguido preparar uma lista de opções para modificar a festa de aniversário de Erin sem deixá-la no vermelho. E nem uma das opções da lista causaria um impacto como o que iria fazer Sebastian.

O que tinha que fazer e iria fazer por razões e sentimentos que estava combatendo desde o dia em que haviam se conhecido. Razões que havia se negado a dar credibilidade porque não deveria ter se importado com uma mulher que conhecia poderia perder o negócio. Sentimentos que havia negado dar vida porque amá-la punha em risco o único modo de sobrevivência que conhecia.

Mas, ele importava-se que Erin pudesse perder seu negócio e exalava a resposta primitiva de um homem que necessitava proteger sua mulher. Sim, se tivessem se conhecido em outra época e em outro lugar! Existiam obstáculos demais para que ele admitisse o que sentia, obstáculos que ele não via como vencer. Toda sua carreira dependia de que mantivesse sua existência solitária, mas Erin poderia perder a carreira pela qual trabalhou sua vida toda.

Como não intervir ainda que isso custasse perder o anonimato?

Por alguma razão, as preocupações de Erin sobre o Paddington pareciam girar em torno de seu avô. Sebastian ainda não sabia por que, mas esperava descobri-lo e por isso continuava sentado no assento, com uma perna sobre o joelho e outra com um pé no chão.

Will se retirou dizendo que precisava dormir e Cali seguia na cozinha, ajudando Erin a lavar os copos de vinho e cinzeiros da reunião do grupo. Nenhum dos quatro fumava, mas, essa noite pareceu-lhes o mais apropriado.

Ainda que Sebastian tenha contribuído com uma ideia aqui ou ali, lhe interessava mais observar os

outros três, como Cali e Will se identificavam com Erin, como se compartilhassem com ela o destino do Paddington.

Interessante o conceito de amizade, não escreveria agora sobre isso porque Raleigh não tinha amigos. Tinha companheiros de trabalho e informantes mais ou menos como Sebastian tinha um agente, um editor e um publicitário, além de um advogado e um assessor financeiro. Eram associados com os quais saía para comer, nada mais.

Não tinha ninguém que o ajudasse a salvar uma festa ou um argumento. Richie havia morrido a dez anos atrás, mas nunca havia deixado de criticar sua insistência em viver recluso; o teria deixado feliz vê-lo com Erin e os outros dois.

A ironia quase fez Sebastian sorrir, Richie sempre disse que no final cairia por uma mulher. Ele não havia acreditado, e não pelo abandono de sua mãe, mas pelo juramento que fez anos atrás de que não se apoiaria em nenhum outro ser humano.

Em sua maior parte, havia incluído o sexo nessa equação e se confortou com os banhos. Isso contou a Erin, ainda que tenha evitado sua pergunta sobre a última vez que teve sexo com alguém. Não respondeu diretamente, pois, não queria pensar em relação sexual sem significado, quando a sua com Erin era tão especial, com tanta importância.

Foi até a janela, escutou o silêncio da cidade e se deu conta que ali era onde ela se sentava, enquanto ele pensava nela no andar de cima. Que dormia naquele quarto enquanto ele andava em seu estúdio.

E seus passeios o deixava nervoso ultimamente, pois seu nível de concentração era nulo, e duvidava muito que o departamento legal de sua editora aceitaria como desculpa suas fantasias com Erin quando atrasasse a entrega do manuscrito.

Ainda que este parecesse o melhor trabalho que havia feito, e ainda que estivesse se arriscando com a nova direção que parecia encaminhar-se graças a sua musa.

Maldita seja sua musa, por misturar-se em sua vida!

Maldito ele por não ver nenhuma saída!

Cali tirou seu Focus da garagem de Erin às quatro da manhã e se encaminhou para sua casa. Tendo em conta o adiantado da hora e a falta de sono dos últimas quatro noites, o lógico seria que estivesse esgotada, mas na realidade sentia-se totalmente desperta.

Depois que Will foi embora, consegui falar um pouco com Sebastian enquanto Erin dormia. Preferia ter ido com Will, mas, não podia deixar sua amiga antes de recolher a bagunça que haviam feito.

Além do mais, Will não havia a convidado.

A princípio isso a incomodou, mas logo deu-se conta de que a ausência de Will implicava que ela e o roteiro estariam sozinhos com Sebastian. Não havia plano melhor. Quando Erin por fim adormeceu, Cali se acomodou no sofá e contou sua ideia a Sebastian, que estava sentado no outro extremo. Ele a escutava mas não perdia de vista Erin encolhida em uma poltrona.

Cali narrou a história do roteiro que ela e Will escreviam juntos e depois comunicou sua visão pessoal. Sebastian se mostrou de acordo com todas as possibilidades que ela apontou menos uma. E logo, fez propostas para aprofundar o argumento, quando a jovem saiu da casa de Erin sua cabeça fervia de ideias.

Nunca em sua vida quis tanto um gravador, quanto no trajeto para sua casa, dois blocos de apartamentos para alugar a uma quadra do centro. Como não tinha o gravador, deixou a luz de cima ligada e colocou um bloco de notas no banco do passageiro para tomar notas.

Desligou o carro ao estacionar e continuou com a luz acesa para escrever todas as ideias antes de se esquecer. Houve uma batida na janela do passageiro que a assustou, pôs a mão no pescoço e seu coração já estava em disparada. Até que viu o rosto de Will e respirou fundo. Ela abriu a porta e ele entrou e sentou-se.

Cali deu-lhe um tapa no braço.

- Quase me matou de susto!

- Pensei que tinha visto meu carro, está estacionada ao meu lado.

- Pois eu não te vi, está escuro e eu pensava em outra coisa. Tirou a bolsa que estava no chão do carro atrás de seu banco, com a esperança de guardar a livreta antes que Will a visse. - O que faz aqui? Não estava cansado?

- E estou. –sorriu ele. –Mas, não consigo dormir. Estou acostumado a dormir com você.

Cali queria desfrutar a sensação que lhe provocava aquela declaração, mas a bolsa estava enganchada em seu banco e ela temia que ele descobrisse sua traição, ou que a considerasse como tal. Ela pensava que fez somente o que faria um bom estudante.

- Bolsa estúpida! –exclamou e puxou com mais força.

Will se inclinou sobre ela e liberou a bolsa. Colocou-a para trás com uma mão e com a outra afastou uma mecha de cabelo de seu rosto.

- Não se preocupe, não precisa dormir comigo se não quiser.

- Não é isso. – sua carícia tornou aquilo ainda mais difícil. Olhou furtivamente para a livreta antes de guardá-la na bolsa e Will seguiu a direção de seu olhar, franziu o cenho quando viu a livreta. Olhou para as notas escritas nela.

- O que é isso?

- Nada de mais. Cali encolheu os ombros. – Algumas ideias que tive a caminho de casa.

Will seguiu lendo, fez uma careta e moveu a cabeça.

- Não acho que seja pouca coisa, creio que esta agindo pelas minhas costas. Terminou de estudar as notas e lhe passou a livreta como desafiando-a anegar o que tão claramente parecia seus manuscritos.

- Você foi embora e Erin estava meio adormecida, assim que acabei conversando com Sebastian. Explicou ela.

Will assentiu com ar de quem não acreditou em nada.

- E o assunto do roteiro surgiu por casualidade?

Cali o olhou de frente.

- Não, quem tocou no assunto fui eu. Já te disse que pensava em consultá-lo, assim que não entendo por que te surpreende tanto.

- Suponho que não deveria. E ficou na defensiva em um canto de se assento, as costas na porta. – Até agora nada do que eu falei teve importância.

- Bobagem! Respondeu Cali com uma intensidade que surpreendeu ela mesma. – Isto é um projeto conjunto e o tem sido assim desde o princípio. O que não significa que seja perfeito.

- Eu não disse que era. – Will tirou os óculos esfregou os olhos. – O que disse foi que não havia motivos para pedir a opinião de Sebastian.

- E eu falei a você que sim, que me parecia que sua opinião poderia ser interessante. – Cali respirou fundo para tentar controlar a raiva. – Não conheço muita gente capaz de inventar uma história de repente como ele.

- Isso é ridículo! – Will recolocou os óculos e tocou o tricô da porta. – Não posso acreditar que tenha que escutar essas besteiras.

Cali o olhou com calma.

- Você quer procurar outro companheiro de projeto?

- A esta altura do semestre? Acredita que possamos repartir o roteiro? Reprimiu uma maldição. – Não acho que seja factível.

O que implicava, se pudesse ser feito, que ele gostaria de fazê-lo. Cali podia ouvir o que não dizia tão claramente quanto o que ele falava.

Terminou de guardar a livreta na bolsa.

- E sim, somos diametralmente opostos no enfoque da história. O que vamos fazer agora?

Então, Will a fitou com um olhar indignado.

- Eu não sei. Por que não me diz você?

Cali não iria render-se.

- Não sei você, mas eu vou para casa dormir e quando acordar, vou tentar incorporar o que puder de

minhas notas no roteiro. – Não sabia se ele recordava que no dia anterior haviam levado o seu notebook para casa dela. Se Will insistisse em levá-la para sua casa, seria muito mais difícil para ela tudo aquilo. – Só quero ver se funcionam essas ideias antes de atirá-las no lixo.

- Como? Quer dizer que há possibilidade de que o grande Sebastian Gallo não seja o que disse?

Cali franziu o cenho.

- Esta com ciúmes dele?

- Ciúmes? –grunhiu Will. – Não diga bobagens, tente outra coisa.

A jovem encolheu os ombros.

- Não posso, não tenho nem ideia.

- Nisso você tem razão. Abriu a porta e saiu do carro. Cali o seguiu e o olhou sobre o teto do veículo. Faria o possível para esquecer o que ele disse, por colocá-lo em seu contexto, mas seguia doendo.

A luz interna se apagou e restou somente a da entrada do caminho. Will passou uma mão pelo cabelo.

- Não estou com ciúmes, só zangado. Muito zangado. Não acredito que seja assim que funcione uma parceria, que uma metade aja como quiser ignorando as objeções da outra metade.

- Sei exatamente como funciona uma parceria Will. Respondeu Cali. – Se trata de buscar ideias conjuntas e sim, explorar as ideias individuais. Isto não significa que as mudanças que eu possa tentar fazer, tenham que necessariamente chagar ao prospecto final, mas tenho que fazê-las. Eu falo por mim, tenho que saber se minha intuição esta correta.

- Quer dizer a intuição de Sebastian.

- Não, a minha. Minhas ideias, Sebastian não fez mais do que me fazer ver. Mostrou-se aberto a me escutar. Cali fez uma pausa. – E isso é o mínimo que espero de uma parceria.

Will ficou em silêncio, ainda que tamborilasse com os dedos no teto do carro. Apertou os lábios.

- Muito bem. –disse por fim. – Como quiser, você faz o que tem que fazer e eu farei o mesmo. Virou-se em direção ao seu carro. – Leve meu notebook na aula de segunda. Disse por cima do ombro. – Eu vou precisar.

Capítulo 11

Sebastian levantou o olhar ao ouvir fechar a porta do apartamento. Erin estava exausta, inclinou-se sobre ela, ainda vestida com o uniforme preto do Paddington, que visto nela não parecia nem remotamente um uniforme. Estava mais pálida que de costume e com olheiras mais escuras.

Mas seguia sendo uma criatura sensacional e se excitou só em vê-la, uma sensação que havia aprendido a esperar a seu lado. Entretanto a pressão no peito era nova e não especialmente bem-vinda. Uma sensação que não tinha a intenção de explorar.

Pelo menos essa manhã, quando sua agenda incluía examinar mais sobre o que ocorria com Erin, não a si mesmo. O último exame que fez já era o bastante e não lhe agradou as conclusões que havia chegado.

Fechou a janela e se pôs de pé, olhou o apartamento e tomou a mão dela em silêncio. A levou até os pés da cama tirou a blusa polo que ela vestia, pela cabeça.

Ela não disse nem uma palavra, não protestou, nem sequer quando ele tirou seu sutiã e liberou seus seios. Limitou-se a levantar o suéter dele e tirá-lo pela cabeça.

Baixou as mãos para o peito dele, acariciou seus mamilos e apoiou a cabeça em seu peito.

Sebastian não ia negar sua excitação, mas naquele momento não significava nada comparado as necessidades de Erin. O beijou o esterno e moveu as mãos para tirar-lhe as calças. Ele a imitou e os dois tiraram os sapatos, as meias e baixaram as caças até ficarem vestidos somente de roupa interior preta de mesmo estilo que usaram na primeira vez que fizeram amor.

Mas desta vez deixar sua pele nua tinha mais a haver com despir suas almas e Sebastian era muito consciente disso e se perguntou por um momento como havia podido ser tão frágil para deixá-la chegar até ali. Erin se afastou e apagou todas as luzes exceto a da mesa de cabeceira, retirou o edredom e se meteu na cama, suplicando-lhe com o olhar que a seguisse.

E ele fez isso; esticou as pernas mais compridas que as dela e a tapou com o edredom. Abraçou-a cinco minutos ao menos, com o corpo colado ao dela.

- Não posso acreditar que estou tão cansada. – disse ela.

- Tem tido muitas tensões ultimamente. O trabalho, planejar a festa... eu.

- Investi muito esforço nessa celebração. – protestou ela. – Como demônios vou competir com o Courtland sem trazer um músico de jazz, que normalmente custa muito caro, para vir? – suspirou, mas seu corpo estava tenso. – A metade do tempo nem sei por que me incomodo.

Sebastian não a conhecia muito bem, mas sabia que ela não era uma mulher derrotista.

- Não é um incômodo, é sua vida.

Erin moveu a cabeça,

- Era a vida do meu avô, a minha é...

Deixou a frese no meio e se perguntou se isso se devia porque não conhecia resposta. Ele pôs uma mão em seu quadril e ela se aproximou ainda mais dele.

- Fui criada com Rory, com meu avô. –disse. – Me acolheu quando meus pais morreram, eu tinha onze anos e ele deixou toda sua vida em Devon, Inglaterra, e se mudou para cá para que eu não me separasse de minhas raízes.

Sebastian massageava seu quadril para cima e para baixo, para afrouxar a tensão que sentia em seus músculos. Colocou o outro braço debaixo de sua cabeça no travesseiro e seu queixo sobre sua cabeça.

Erin suspirou.

- Rory fez muito por mim e o mínimo que posso fazer por ele é continuar a alegria de sua vida.

- E não é isso que você faz?

- Suponho que sim, mas não sei se notou, a mim não causa muita alegria.

Sebastian não havia notado isso, mas captou o estresse de levar um negócio, não a insatisfação de sentir-se amarrada a algo que não gostava. Encolheu os ombros e se perguntou se ela considerava o bar seu ou de Rory.

- Então venda o bar e faça o que quiser com sua vida.

- Não sei o que quero fazer com minha vida. – respondeu ela.

A maneira como disse, o cansaço que ia além da necessidade de dormir, um cansaço mais da alma que do corpo, comoveu Sebastian.

Era curioso que os dois pareciam estar em um ponto crítico. Pensou...

- Faz um ano que você dirige o Paddington? –perguntou.

Erin assentiu.

- Rory morreu há três anos, e logo eu planejei a remodelação do bar com um arquiteto e voltamos a abrir em outubro do ano passado.

Sebastian seguia acariciando seu quadril por cima da calcinha de algodão.

- O que você fazia antes de sua morte?

- De tudo e nada. Resmungou ela. –Viajava, ia a universidade. Tenho bastantes créditos para ser

graduada em nada. Pensava em estudar administração empresarial, pois Rory sempre me pedia conselhos, o qual era um truque bobo para me misturar ao bar.

- Então tinha o dinheiro de seus pais.

- Muito, é ridículo. Tinha dinheiro para fazer o que quisesse e nunca soube o que queria fazer.

Sebastian pensou uns minutos naquilo. Ele sempre havia sabido o que queria fazer. Havia começado a inventar histórias desde que empurrava aquele caminhão amarelo roto entre as cinzas dos restos de fogo.

Richie o havia ajudado a preparar-se para a universidade, onde, como precisava trabalhar demorou cinco anos para se formar em vez de quatro.

Cinco anos depois, seu primeiro livro foi publicado. Havia encontrado seu nicho, mas ainda não estava contente queria mais.

Erin ficou de bruços apoiada em seus cotovelos. A parte carnuda de seus seios apertando as costelas dele. Os olhos dela brilhavam.

- Em que está pensando?

Sebastian não podia dizer. Escrever era uma parte de sua vida que não queria contar-lhe. Já era muito mal estar ali falando sobre sonhos e da vida. Ficou tenso.

Erin deve ter notado seu desconforto e ficou pensativa.

- Você tem medo de mim? Tem medo de que posa atar você e torturar para arrancar seus segredos?

Sebastian deitou de costas com os braços cruzados atrás de sua cabeça.

- Pode torturar o quanto quiser, não tenho segredos.

Erin sorriu com sarcasmo.

- O que disse? Tudo em você é um segredo. Não me disse quem era, nem a que se dedica, nem as coisas que tem feito em sua vida.

Sebastian olhou seus olhos, seu nariz longo e reto, seus lábios cheios e sentiu necessidade de beijá-la.

Resistiu o impulso. Segurança, manutenção e apoio. Não necessitava de ninguém que lhe desse essas coisas. O que Erin parecia disposta a oferecer estava muito fora de seu radar e não tinha mais remédio para afastá-la.

- É por isso que estou aqui? Você quer saber tudo de mim? – esperou, mas ela não contestou. – Pensei que o que estamos fazendo não exigia saber mais do que já sabemos.

A expressão dela permaneceu imperturbável.

- Tem razão. – disse por fim. – Nada do que possa dizer iria modificar o porquê de estarmos aqui.

Ele esperou tenso, que ela pedisse para que ele partisse. Então no momento seguinte quando ela montou sobre ele, só o que pode fazer foi fechar os olhos, deixar-lhe fazer o que quisesse e interpretar o papel de pênis conveniente.

Ainda que isso não exigisse muito esforço. Erin beijou o centro de seu peito, lambeu e enfiou a língua em seu umbigo. Mordiscou a pele circundante, pequenas mordidas com um roçar de dentes, seguidos de um banho relaxante de língua.

Permaneceu imóvel, a pesar de que o que desejava muito era tocá-la, seus seios nus golpeavam a parte alta de seus músculos e as mãos femininas se aferraram com força em seus quadris.

Ela desceu mais, seus dentes, lábios e língua baixaram a cintura de sua cueca. Passou o dedo desde a glande até a base de seu pênis e Sebastian renunciou ao seu propósito de permanecer quieto e em silêncio e gemeu das profundezas de seu ser.

Abriu as pernas, consciente de que, para aquilo seguisse o caminho esperado ele precisava livrar-se das cuecas. Levantou os quadris e Erin o empurrou para baixo e manteve uma mão em seu estômago. Uma mulher no comando, ele gostava da ideia, gostava muito. A deixaria ser a chefe desde que, não deixasse de fazer o que fazia, soprar ar quente com a boca ao longo do mesmo caminho que havia seguido com o dedo.

Por fim deslizou os dedos por baixo do elástico e baixou a cueca, mas só o suficiente para deixar descoberta a glande, que tomou com a boca. A respiração dele acelerou e ela terminou de tirar-lhe a cueca.

O tomou inteiro na boca, Sebastian golpeou a parte de trás de sua garganta e sentiu os lábios dela na base de seu pênis. Incrível. Não queria mover-se, diminuir a sensação, mas quando ela parou, ele a seguiu porque não podia fazer outra coisa.

Erin colocou a mão ao redor de sua ereção e a sustentou imóvel. Movia a boca para cima e para baixo, a língua lambia a glande, os lábios sugavam mais abaixo. Apertou a mão e aumentou o ritmo de sua boca.

Deslizou a outra mão para acariciá-lo por trás dos testículos e buscar a fonte de pressão dele. Empurrou com força. Ele gemeu e ela levou a exploração mais para baixo e roçou em alguns lugares onde ele mais desejava que o tocasse.

Mas isso iria fazê-lo gozar e não era isso que queria.

- Erin. – falou com sua voz rouca de desejo.

A jovem o soltou, subiu as mãos e boca par o dorso de Sebastian, acariciando-o. Depois montou sobre ele, ainda com as calcinhas postas, seu rosto era sorridente e estava a poucos centímetros dele.

- Maldição mulher! Diga-me que você tem preservativo.

Erin abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou um pacote. Enquanto ele punha a camisinha, ela tirou

as calcinhas. Depois colocou seu corpo sobre o dele e foi baixando bem devagar.

Sebastian não podia suportar. Não conseguia suportar nada mais que fosse lento e calmo. A derrubou; assim que a tombou na cama ele se pôs por cima. Ela cravou as unhas em suas costas, puxando-o para si. Soltou um grito e alcançou o orgasmo em menos de um minuto, Sebastian seguiu movendo-se em seu interior.

Seu orgasmo o cobriu como uma manta de sensações que o embrulhava e o separava de toda segurança que já havia conhecido. Não podia esperar se acalmar ou mesmo, terminar para libertar-se daquilo. Afastou-se dela e sentou-se na borda da cama.

Por um instante não teve forças para outra coisa que não permanecer sentado, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto enterrado em suas mãos, para tentar recuperar a compostura. Sentiu que Erin se aproximava dele, e notou o contato de sua mão em suas costas, ele levantou-se da cama antes que ela tivesse a oportunidade de pronunciar seu nome.

No banheiro ele livrou-se da camisinha e jogou no lixo. Olhou-se no espelho e o homem que lhe devolveu o olhar não o agradou em nada. Era ele o homem que vivia sozinho por um motivo e pela primeira vez que aproximou seus lábios dos de Erin soube que estava cometendo um erro.

Havia abandonado suas lições da vida, pelas quais havia tentado dizer-se que era somente sexo quando na realidade estava mergulhado até o fundo sem possibilidade de levantar a cabeça para respirar. E arrastá-la com ele para sua tumba só faria aumentar sua sensação de asfixia.

Porque então, a destruiria. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Erin nunca iria ao bar nos domingos, porque era o único dia da semana que guardava para si e prometeu-se que nunca faria mais que ir a igreja, comprar comida e o resto do dia, ir ao cinema e fazer o que mais lhe desse vontade.

Mas, ali estava abrindo a porta do bar depois de ter recorrido a pé as poucas ruas que havia desde sua casa. Despertou com dor de cabeça e passou um bom tempo no banho tentando aliviá-la como vapor da ducha. Porém, a dor estendeu-se para o pescoço e ombros.

Uma náusea a convenceu de que podia passar sem comprar comida. Quem iria comer quando estava a ponto de vomitar? E como já era tarde para a igreja, pensou que podia aproveitar para por a contabilidade do Paddington em dia.

Acendeu as luzes e o ventilador de teto. Sentou-se no escritório e pensou se Tess e Samantha já estariam fartas dela. Abriu o computador, mas vacilou antes de escrever um novo e-mail.

Seu dia seria muito mais agradável se pudesse ter compreender por que Sebastian saiu tão repentinamente de sua cama. Pela primeira vez na semana sentiu que eles haviam feito amor e não apenas sexo; e tinha o pressentimento de que era exatamente isso que o havia espantado.

Ele estava certo. Se somente iriam dormir juntos, não havia necessidade de saber mais coisas sobre ele além, do que já sabia. E o mero fato da haver perguntado significava... O quê?

- Sim Samantha, eu sei, eu sei, estou apaixonada pelo sexo e não pelo homem. Grunhiu para si, mas

convenceu-se.

Estava prestes a fechar seu e-mail e abrir o programa de contabilidade quando uma nova mensagem chamou sua atenção: Festa de aniversário do Paddington. Não conhecia o nome do remetente, o que aumentou sua curiosidade.

O abriu, o leu e releu. Era de um publicitário que representava Ryder Falco, o escritor de terror cuja fama estava próxima a de Stephen King.

Falco estaria em Huston no final de semana do Halloween e seu publicitário ficou sabendo que ela daria uma festa com o tema o bem contra o mal. Estaria interessada que Falco autografasse exemplares adiantando o lançamento de seu último livro “O demônio quer mudar”? Depois de tudo havia alguém no mundo literário que personificasse melhor o bem contra o mal do que Ryder Falco?

Erin passou as mãos nos cabelos. Aquilo era loucura, impossível, inacreditável! O impacto que poderia ter a presença de Ryder Falco em sua festa era assombroso.

Mas, como havia acontecido? Ninguém sabia de sue recente conflito como Courtland a não ser Cali, Will e Sebastian.

Claro! Aquilo era obra de Sebastian. A Erin não restava qualquer dúvida com relação a isso. Entre a reticência em dizer quem era e a grande biblioteca que possuía aquilo fazia muito sentido. Os associados de negócios a que se referiu tinham que ser do mundo editorial.

Mas não se deu conta de que ela juntaria os pontos? Ou pensava em contar-lhe que havia feito aquilo por ela? O fato de que havia feito...

Pôs os cotovelos sobre a mesa, apoiou o queixo nas mãos e olhou a mensagem que representava sua salvação. Como poderia agradecer a Sebastian por seu valiosíssimo presente.

Enfim chegou a noite de Halloween e Erin andava pelo bar revisando as mesas de comida e dando os últimos retoques nas decorações. O tema branco e preto, o bem contra o mal, estava presente em tudo, desde os flocos de neve reluzente que caiam através das teias de aranha branca até os trajes de presidiários com listras brancas e pretas que usavam os encarregados do Buffet ou a comida e a bebida.

Erin tinha que admitir que o bar nunca tivera melhor aspecto. Até as bolachas brancas e pretas estavam bem. Todo trabalho que havia investido na festa parecia ter dado resultado, pelo menos na apresentação. E a presença de Ryder Falco atrairia a multidão que necessitava, começou a rir. Ryder Falco garantia, na verdade, mais pessoas que poderiam entrar no Paddington, razão pela qual contratou dois gorilas para controlar a horda de admiradores na porta. Compreendeu que enfrentava um pesadelo logístico e rezou para que as pessoas não perdessem os estribos e para que não chovesse.

Uma vez o bar abrisse o êxito da noite não dependeria mais dela, e sim do avanço dos trabalhos. A única coisa que poderia fazer era pedir que a festa compensasse o caixa e que trouxesse clientes futuros.

Trabalhara muito nas últimas três semanas, o aniversário caiu sobre ela como uma flecha de execução,

quando deveria ter sido uma celebração emocionante que marcasse seu ano de trabalho e as dezenas de anos que Rory havia passado atrás do bar. Erin não gostava de se sentir tão amarrada ao Paddington em vez de desfrutar de seu êxito.

Sebastian e ela seguiram se vendo, sua aventura não havia perdido nada de sua intensidade e se converteu em uma intimidade cômoda. Erin agradecia frequentemente o horário compartilhado por ambos. Porém, um dia havia entrado no elevador, às três da manhã, e apertou o botão para o andar dele sem preocupar-se em antes passar por sua casa.

Sempre o encontrava acordado e a esperando, nunca se surpreendia por vê-la ali. A ela, entretanto, sim a surpreendia a confiança e intimidade com que usava chuveiro dele em vez do seu próprio.

A ducha de Sebastian tinha uma vantagem que a sua não tinha: era Sebastian. Chegou a pensar nele como Poseidón, o deus das águas. E sim, tomar banho com ele tornou-se um dos grandes prazeres de sua vida, tanto que ainda não haviam tido relações sexuais na cama. Dormiam juntos, mas nas manhãs em que ela despertava na cama dele, vestia-se apressadamente e ia embora.

Não havia esquecido a saída dele de seu apartamento quase um mês atrás. Nem ele explicou-se e nem ela havia perguntado-lhe, mas também não havia voltado a cometer o erro de pensar que faziam amor. Estavam ali pela beleza de seus corpos unidos. O amor era a antítese de ter um “homem para se fazer coisas”.

Seu homem para se fazer coisas havia fugido de suas perguntas sobre sua relação com Ryder Falco e sua aparição na noite de Halloween, só admitiu ter pedido alguns favores. Depois disso, ela não voltou a fazer perguntas pessoais, ele parecia preferir falar dela ou guardar silêncio.

Erin não se surpreendeu ao descobrir que era a primeira pessoa que sabia de seus banhos, de seu caminhão de brinquedo e o bolo de aniversário de um menino de cinco anos. E sua parte intuitiva duvidava que ele houvesse superado tudo aquilo e que seu atual modo de vida se encaixava perfeitamente bem com o que havia vivido.

Mais de uma vez, ao chegar a noite o encontrou-se sentado diante a porta esperando por ela, olhando ela aproximar-se em silêncio. Cada vez que isso ocorria partia seu coração e tinha que esforçar para controlar suas emoções. Mais difícil ainda era manter seus sentimentos hermeticamente fechados enquanto se despia e ela a cobria com seu corpo desnudo.

Essa noite suas emoções eram uma montanha russa. Quando começou a decidir qual traje usaria na festa, indecisa entre o bem e o mal, insegura se optar por o lado escuro não refletiria de modo negativo em sua posição de anfitriã e dona do Paddington.

Depois pensou em ir como o oposto de Sebastian, mas ele não mencionou nenhum traje, nem sequer disse se iria assistir a festa. Ela tentou não sentir-se magoada, ainda que fosse difícil quando já pensava nos dois como um casal.

Uma vez que passasse a festa, tomaria a decisão que sabia que deveria tomar, sobre continuar vendo-o pelo sexo. Sim, tinha sido ideia sua começar aquilo, mas também era sua prerrogativa mudar ideia. Seguir negando seus sentimentos era algo que explodiria em sua própria cara. Ela o amava, ainda que isso não fosse lhe servir muito...

No final optou por vestir-se como a personificação do bem, cobriu-se de panos de gaze branca sobre um macacão de lycra e se apresentou como uma mítica virgem pronta para o sacrifício.

O lugar onde ficaria Ryder Falco estava perfeito. Erin pagou a mais para a empresa de decoração para que trabalhassem com o publicitário do escritor e criaram um ambiente que encaixava perfeitamente bem tanto com o tema da festa como com a fama de recluso e misterioso de Falco. Ela leu seu primeiro livro, “O demônio interior”, e decidiu seguir fiel a Nora Roberts em suas leituras de ficção.

O trabalho de Falco era muito sinistro para seu gosto, razão para aquela gruta de pedras e plantas em um recanto escuro do bar, iluminada com luzes negras que lançavam um brilho ultravioleta, e se encaixava tanto com o ambiente quanto com o escritor.

Revisou mais uma vez o bar todo e foi vestir-se no escritório. Quando voltou, meia hora mais tarde, Cali estava atrás do bar, revisando as geladeiras de cerveja, e garrafas de vinho, assim como as reservas de destilados. Levantou o olhar ao ver Erin que deu uma pirueta que fez flutuar os véus.

Cali arregalou os olhos.

- Oh meu Deus! Esta linda. Sebastian será reduzido a uma peça.

Erin deu uma boa olhada no traje de sua amiga: top e bermuda branca que mostrava bem suas curvas. Usava também um alo sobre os cabelos loiros e asas de anjo nas costas.

- Você também esta muito bem! –sorriu. – É o anjo da salvação de Will?

- Algo assim, não conseguia me decidir entre ser boa ou má, assim decidi por uma mescla.

Erin a olhou de cima a abaixo.

- Pois esta muito bem! Ambos serão reduzidos a uma peça.

O sorriso de Cali começou a apagar-se.

- Sim, se notarem.

- E porque não iriam notar? – Erin olhou para a porta, por onde entraram um grupo de quatro vampiros.

- Oh, se notar será absolutamente igual. Sabe como são os homens quando se cansam; só conseguem pensar na fonte de seu cansaço e não se importam com nossos esforços para ficarmos bonitas.

- Um momento. Erin levantou um dedo no ar. – Você sabe que devemos nos vestir para nós mesmas, não para os homens.

- Por favor! Grunhiu sua amiga. – Não me diga que se vestiu assim sem pensar em Sebastian. Olhou com malícia. – A menos que esteja pensando em seduzir Ryder Falco.

Erin franziu o cenho.

- Sim, claro. Vesti-me assim para seduzir um homem que nem conheço.

- Tão pouco conhecia Sebastian quando o seduziu.

- Isso era diferente. –não somente o conhecia como passou meses fazendo amor com ele em sua imaginação. – E me vesti assim para mim. Nem sequer sei se Sebastian vai vir.

Cali pôs as mãos na cintura.

- E por que não viria?

Entrou um grupo de mulheres de lábios e olhos escuros e cabelos pretos... Oh, um momento. Uma delas não era uma mulher era um homem. Erin olhou para Cali.

- Eu acho que sim, mas em nenhum momento me disse que viria.

- Pode ter assumido que não era necessário. Tinha certeza que estaria aqui. – Cali vacilou. – Continuam juntos, certo?

- Ora vamos você sabe que nunca estivemos como disse, “juntos”. Conhece bem nossa relação.

- Eu sei, só pensei que... Cali suspirou. – Não sei o que pensei. É evidente que não sou a pessoa indicada para analisar relacionamentos, já que sequer posso entender a minha.

- Ainda não me contou o que aconteceu com Will. Por que esta assim?

- Pelo roteiro, não é?- Cali tomou sua bandeja e começou a dar a volta no bar. – Não lhe agrada que tenha falado com Sebastian.

- Mmmmm. E onde esta agora? – Erin olhou para o relógio acima do bar. – São quase oito, Deus meu, quase oito! –Ryder Falco chegaria às nove. – Você se importa se falarmos mais tarde? Tenho que relembrar Robin que esta noite sua prioridade absoluta é Falco.

- Fique calma, Robim sabe o que faz. Tudo sairá bem. –disse Cali antes de se afastar em meio as pessoas.

Erin respirou fundo e confiou que sua amiga estivesse certa.

Capítulo 12

Sebastian sabia que não era justo entrar pela porta dos fundos do Paddington sem avisar Erin. Sabia e se sentia culpado por isso, mas também sabia que a revelação prévia de sua identidade teria anulado o gesto. Erin teria cancelado a festa além de ter saído de sua vida. Mesmo que isso fosse o que ele pensasse em fazer essa noite, porém queria demonstrar a ela que nunca tratou a relação deles de forma leviana.

Ela lhe importava a tal ponto que não sabia que podia importar-se por outro ser humano, sentia por ela algo que nunca havia sentido em seus trinta e quatro anos. Fora o tempo que havia passado com Richie, Sebastian havia estado sozinho desde sempre e seguiu sua crença pessoal literalmente.

Nunca se apoiou em ninguém além de si mesmo. Sempre viveu do que podia mendigar ou roubar usando seus hábitos da rua ou o que havia aprendido durante o tempo em que ficou trancado por cortesia do Estado do Texas. Até então, nunca buscou nada em outra parte que não fosse nele mesmo.

Até pouco, quando buscou em Erin coisas que não podia nominar, coisas indefiníveis, mas significativas que duplicaram sua energia criativa e despertaram um entusiasmos pelo projeto em que estava a meses dando voltas em vão.

Não sabia exatamente o que ocorria com ela no que se referia ao Paddington e seu avô. Era um tema em que se mostrava evasiva, e por outra parte, ela era uma relação temporal e não permanente em sua vida, não lhe devia nenhuma resposta, mas, queria sabê-lo. Seu interesse era autêntico e surgia dos sentimentos que nutria por aquela mulher que iria ter que renunciar.

Acomodado no assento de trás da limusine, olhava pela janela as luzes das ruas e tentava sacudir as emoções que não podia permitir-se sentir hoje. Porque a noite seria muito dura, com ela perguntando-se sobre seu engano e ele sem poder falar, nem explicar até que terminasse de autografar.

Além do mais, não conseguia lidar com a estranha sensação de perda que o embargava. Talvez mais tarde, quando estivesse a distância que tanto precisava, ficasse em melhor posição para observar com objetividade e apreciar o tempo que havia a dedicado. Por enquanto seria um bastardo que interpretaria seu papel muito bem.

Como o Paddington ficava tão perto de sua casa, resolveu ir disfarçado. Seu publicitário estava acostumado com suas manias e não se preocupava com o que fazia; e estava encantado que Ryder Falco finalmente havia aceitado fazer uma aparição pessoal.

Sebastian não queria ser reconhecido em seu bairro depois dessa noite. Podia ocorrer, mas ele tomaria suas precauções que pudesse para evitar. A roupa cumpriu seu objetivo. Ninguém o havia olhado duas vezes ao sair do hotel de seu publicitário, onde se vestiu. Erin, certamente o reconheceria no ato; injusto para ela, sim. Mas, fazê-lo assim daria ao Paddington um empurrão que tanto necessitava, não diria quem ele era e nem sofreria com a perda de seus clientes para o Courtland.

Supunha que aquele era o menor dos males. E sim, com ele pretendia também tranquilizar a

consciência que nem sabia que tinha. A autocensura aliada ao fato de que não voltaria a ver Erin depois dessa noite. Sim, queria juntar cem mil palavras que fizessem sentido e demonstrar que em seu depósito criativo havia algo mais que detetives e demônios, tinha que libertar-se da distração mais doce que nunca devia ter se envolvido.

O desastre de sua última história de Raleigh Slater provava que não poderia seguir com ela. Erin tinha muito impacto em sua mente quando necessitava pensar com clareza. Não poderia se permitir esse risco em sua carreira. Uma carreira que era toda sua vida, sua segurança e apoio.

Seu agente havia mostrado-se um pouco mais tolerante que seu editor com respeito à ideia de Sebastian, e era compreensível. Os dois gostavam do dinheiro que garantiam com os livros de Raleigh Slater. Mas, sua musa opinava de outra forma e ele foi obrigado a assumir o desafio e dedicar-se a esse novo projeto, mais uma razão para ficar longe de Erin e pelo mau relacionamento que teve com Cali e Will.

Seu sucesso havia cobrado um preço alto, mas confiar em si mesmo e somente em si mesmo o tinha levado ao topo. Todos os seus livros entraram para lista de best-sellers do New York Times, tanto quando saiam em capa dura como quando saiam em edições de bolso um ano mais tarde. Havia feito tudo sozinho e agora iria dar uma nova direção a sua carreira, isso duplicava a necessidade de cortar o contato com o mundo exterior.

Não esperava que Erin o compreendesse, E explicação que teria que dar-lhe não satisfaria seu direito de saber a verdade e nem desculparia as ações dele. Porém, tinha que fazer o que tinha que fazer sem preocupar-se com os danos que Erin poderia sofrer. E era bem difícil lidar com a dor que cercava seu coração.

- Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, Erin! Oh, Deus!

Erin limpou com rapidez o cubo de gelo meio derretido sobre o balcão do bar e atirou o pano e o gelo no lixo. Ryder Falco havia chegado.

Tentou alisar os véus de gaze, um esforço ridículo que ia contra ao objetivo do traje.

- Estou bem? A primeira impressão é tudo. – Cali esforçava-se tanto para tragar que pensou que iria asfixiar... - O que houve? Você esta bem?

Cali entrou detrás do balcão do bar e apertou o braço de Erin com força.

- Esqueça as primeiras impressões e prometa-me uma coisa.

Erin franziu o cenho.

- Isso não pode esperar um pouco?

Cali negou com a cabeça.

- Não, não pode. Prometa-me que... Bom, prometa-me que não vai ficar histérica.

- Eu, ficar histérica por alguma coisa?

- Promete? Cali tinha os olhos bem abertos. – É muito importante, Erin. Esta festa pode assegurar que não perca o bar e isso é o que importa agora, certo? Não se esqueça disso.

Erin pensou que tudo aquilo estava cada vez mais estranho.

- O que houve? A polícia? A liga anti álcool? Marcianos? Ao ver que sua amiga não sorria, começou a ficar nervosa. – Não ficarei histérica, prometo.

- Se ficar, juro que arrasto você fora daqui.

Ryder Falco estava em pé atrás da mesa na gruta, com as mãos na cintura, com uma jaqueta preta larga sobre os ombros, lembrando asas de morcego. Usava um chapéu preto caído nos olhos e um cachecol preto subindo quase até o nariz. Somente seus olhos estavam visíveis.

E seus olhos eram suficientes para Erin identificar quem era na realidade. Suficiente para recordar o olhar através do balcão do bar na primeira noite que entrou no Paddington. Para reviver os momentos em que a havia contemplado durante o banho. Exceto que agora seus olhos pareciam de um estranho que sentia que não conhecia em absoluto.

O homem que ela suspeitava ser seu publicitário estava a seu lado, falando com o funcionário da decoração, responsável pela disposição dos livros de Falco. Enquanto Sebastian fingia que os escutava, Erin sabia que não era assim. Sua atenção estava fixa nela, poderiam facilmente serem as únicas pessoas em todo salão do bar.

Deu-se conta de que amava um homem que mentiu. Quando se tornou tão cega e ingênua? E onde poderia encontrar uma arma para fazer em pedaços o coração dele até que ficasse como o seu? Como na terra ele pensou que justificaria essa traição? Ela estava esperando para ver.

Respirou fundo e deu um passo em direção à gruta. O olhar de Sebastian não deixava o dela. Manteve a cabeça erguida, a boca em uma linha fina e os olhos fixos à frente. De forma alguma, queria que ele adivinhasse o que ela pensava. Quando chegou até ele, sorriu e estendeu a mão.

- Senhor Falco? Sou Erin Thatcher. É uma honra conhecê-lo, tenho uma grande dívida de gratidão com você e não sei, se algum dia poderei pagá-la.

Sebastian reteve sua mão por mais tempo que a cortesia se fez necessária. Seus olhos brilhavam e o cachecol abafava um pouco o som de sua voz.

- Não me deve nada, senhorita Thatcher, o prazer é meu. –a soltou por fim. – Lhe apresento meu publicitário, Calvin Shaw.

- Senhor Shaw, tenho que agradecer também a você. –estendeu-lhe a mão. – Não sei como pode convencer o Senhor Falco a abandonar sua reclusão, mas me alegro muito que o tenha feito. Você salvou meu dia.

Calvin Shaw cruzou os braços sobre o peito e apontou com o queixo para Sebastian.

- Sou eu que se alegra em ver Ryder aqui em carne e osso, nos vemos tão pouco que às vezes me pergunto se o personagem da ficção Raleigh Slater é ele.

Erin soltou uma gargalhada, ainda que sentisse vontade de vomitar.

- Pois para mim parece muito real. Está vivo, respira...é tridimensional. Não um trabalho de ficção.

Voltou o olhar para Sebastian.

- Espero que tenha encontrado o endereço com facilidade.

- Não, não houve nenhum problema. –disse Calvin; que deu um tapa nas costas de Sebastian. – Ryder sabia bem a localização.

- Sério? Surpreende-me. Ela arregalou os olhos. – A menos que já tenha vindo aqui antes, nesse caso deveria ter se apresentado. Seu segredo estaria a salvo comigo.

- Disse que o risco para seu anonimato é muito grande, ou pelo menos essa é a desculpa que dá a mim sempre que tento que ele autografe os livros. –respondeu Calvin.

Erin seguia esperando uma resposta de Sebastian e não pensava em afastar-se antes de escutá-la.

Ele baixou ainda mais para frente o chapéu.

- Tenho um casal de amigos que vivem aqui. Disse. – Eles gostam do lugar e queriam ajudá-la com seu problema. Além do mais, sabia que assim Calvin me deixaria uma temporada em paz.

- Seus amigos são muito afortunados. Sorriu ela. – E você é muito generoso.

- Eu tento, pelo menos, quando se refere às pessoas que me importam.

Erin queria que sofresse como ela e aquela aparente indiferença a incomodava muito.

- Seus amigos têm muita sorte. –repetiu.

- Acho que a sorte é minha. Ele encolheu os ombros quase com ar de desculpa. – Saber que estão lá para me ajudar a manter minha sanidade e meu anonimato.

Erin combateu a emoção que parecia demais para a compreensão. Não tinha nenhuma intenção de abrir-lhe os braços.

Bom, agora que já viu que não somos tão maus e que não comemos escritores crus, passe por aqui quando retornar a cidade.

Calvin reorganizou alguns livros.

- Espero que compreenda que sair de casa não implica que invadam automaticamente sua intimidade.

- Meu publicitário fala como se nunca saísse de casa.

- E você sai? –perguntou Erin.

- Claro que sim, passeio muito por meu bairro. Vou a um bar que gosto muito. Dadas as circunstâncias

apropriadas, posso ser muito sociável.

- Não se deixe enganar. Calvin arredou a cadeira junto a mesas de autógrafos. – Ele pode intimidar qualquer um.

- Vejamos. –Erin o olhou de cima a baixo. – Um homem alto, vestido de preto dos pés a cabeça, com olhos ameaçadores. Mmmm. Não é difícil imaginar que possa causar medo. Era muito difícil continuar ali falando com um escritor famoso que havia se enterrado em seu corpo a tal ponto como fez Sebastian.

Se ao menos estivesse deslumbrada, mas não era o caso. Estava sobrecarregada e magoada. Nem imaginava como conseguiu prolongar tanto seu papel de anfitriã, ela precisava afastar-se o mais depressa possível.

- Permitam-me que lhes traga algo para beber... e logo poderá dedicar-se a seus admiradores. Obrigada novamente e aproveitem a noite. –deu as costas sem nem mesmo esperar resposta e não tornou a olhar nem uma vez.

- Você sabia que Sebastian era Ryder Falco? Will, vestido de capa preta, máscara e chapéu estilo Zorro, estava de pé com uma bandeja na mão e seguia com olhar em movimento sobre a multidão.

Cali estaria mais disposta a responder a pergunta se ele ao menos estivesse dirigindo o olhar a ela e não aos clientes. Talvez ele estivesse dando atenção ao trabalho e não a depreciando, mas as últimas semanas haviam sido tensas e não podia deixar de notar o tom estranho com que se dirigia a ela e o que não era dito a ela.

Sobre tudo quando não dizia o que tinha vontade, como nesse momento.

- Por que eu iria saber de algo, que até mesmo Erin desconhecia?

Dessa vez a olhou de soslaio por baixo da máscara.

- Oh, eu não sei. Você tanto queria pedir-lhe opinião sobre o roteiro. Não espera. Melhor dizendo, você pediu a opinião mesmo sabendo que a mim não importava absolutamente nada, do que ele pensava.

Cali ficou ruborizada de raiva. Por que se empenhava em estragar a noite? Conhecia bem os motivos dela e também a validez dos argumentos que expôs para justificar as mudanças. Simplesmente se mostrava como um homem teimoso e egoísta. E ela não sabia se teria paciência para suportar aquele lixo, apesar do que sentia por ele.

- Sim. Pedi esta bem?-se deteve em respirar fundo, consciente de que não deveria ter feito as modificações sem consultá-lo. Só o fez porque queria que ele visse as alterações já terminadas e incorporadas à estrutura da história.

- Quando o consultei não sabia quem ele era, mas agora que eu sei, sigo pensando que me ajudou muito. Sua intuição sobre como poderia funcionar a ideia foi magnífica.

Will voltou a olhar a multidão.

- Você pode acreditar que as mudanças que fez eram necessárias, mas eu não. Eu sigo pensando que estava bem como estava.

- Você nem ao menos se deu a oportunidade, nem sequer leu a história desde que eu a alterei, se limitando a rabiscar algumas cenas e isto não é justo.

Havia se esforçado para que as mudanças fossem sutis e por manter intacto o esqueleto de Will sempre que foi possível. Mesmo com ele se sentindo ferido, ela sabia que a história tinha ganhado em força e consistência.

Só faltava fazer com ele compreendesse por que seu argumento não poderia funcionar; entretanto quando ele se voltou para ela, deixou a bandeja no balcão e tirou a máscara ela supôs que aquele não era o melhor momento.

- Não parece justo que eu não leia as modificações e sim que as faça sem me consultar?

Seus olhos brilharam de uma forma que Cali nunca tinha visto e que não lhe agradava nada.

- Por favor, leia. É tudo que lhe peço.

- Não sei se quero lê-lo ou que quero trabalhar nele. –apertou os lábios. – Já não é a história que eu queria contar.

Cali sentia-se cada vez mais frustrada, mas havia jurado mostrar-se angelical em honra a Erin e procurou controlar-se.

- Fiz o que senti que deveria fazer. Explicou. - Se não confia em meus motivos e nem em meu instinto, eu sinto muito.

O nível de decibéis da festa aumentou, o que obrigava Will a escolher entre gritar para se fazer ouvir ou aproximar-se mais. Optou pelo segundo, a olhou com frieza.

- E quais eram seus motivos, Cali? Fugir com ela? Provar que eu estava equivocado, pedindo a ajuda de um escritor famoso?

Cali enfiou algumas canecas sujas na máquina de lavar louças.

- Eu não sabia quem era Sebastian e Erin também não. O escolheu por sua atração mútua, não por que era rico e famoso.

Will moveu a cabeça.

- Um momento. Como o elegeu? O quê significa isso?

Cali tirou as asas de anjo e as guardou em baixo do balcão.

- Erin queria uma aventura com um homem que a atraísse, o mesmo que fazem os homens com as mulheres.

Esperava que ele negasse, mas Will permaneceu calado.

-Ela só investiu em uma prática que os homens passaram séculos desempenhando. Cali insistiu. - Uma mulher escolhe um homem e se atreve a desafiar as convenções.

- Armado torpedos, a todo vapor?

-Exatamente.

Will tardou a falar novamente.

- Foi por isso que aceitou ir para casa comigo?

- Do que você esta falando? –perguntou ela. – Este semestre eu fui com você para sua casa muitas vezes.

Will baixou a bandeja e passou para trás do balcão. Aproximou-se dela e baixou a voz.

- Mas você não veio para a minha cama até muito recentemente. E é engraçado que começamos dormir juntos quase ao mesmo tempo em que Erin o fez com Sebastian.

- Eu não tenho certeza se eu quero saber o que esta insinuando.

- Eu acho que é bastante óbvio. Escolher um homem com quem você quer se divertir? Embora, por outro lado, isso já não importa. -tirou o chapéu e a capa e saiu do bar.

Cali agarrou seu cotovelo antes de ele se afastasse.

- Eu me importo. E sim, eu admito que saber dos planos de Erin influenciou a minha decisão de ir para casa com você. Mas, sempre tive muita vontade de fazê-lo e só deixei que ela me incentivasse. Talvez eu não devesse tê-lo feito.

O barulho da multidão continuava ao fundo, mas, em seu mundo e os dois estavam sós com as tensões de uma briga entre amantes. Will permanecia imóvel e a luz sobre seus cabelos projetava um halo ainda mais brilhante do que o que Cali usava.

- Se você queria ficar comigo, tinha de ser por você e por mim, não misture com o que Erin decidiu fazer.

Suas palavras foram muito racionais, ela estava em dúvida mais do que nunca.

- Será que realmente importa como chegamos a ficar juntos? –Perguntou.

- Você está perguntando se os fins justificam os meios? Não lhe deu tempo para responder. - Eu acho que sim, importa. O sexo não deve ser o resultado de uma aposta ou um desafio. Muito menos um projeto de sedução em grupo.

Cali cerrou os punhos.

- Eu não posso acreditar que pense isso pelo motivo que me levou a ir com você e por causa desse projeto idiota de classe.

Will levantou as sobrancelhas.

- Idiota? Agora, o roteiro é bobo?

Cali tirou o halo e jogou no lixo.

- Não, isso é bobagem. E me dói muito ter a certeza de que distorce tudo o que digo.

Will balançou a cabeça e riu com frustração.

- Eu vou te dizer o que me machuca. Que você possa aceitar as mudanças de Sebastian sem falar comigo. Que não sinta o mesmo respeito por mim e nem confie que pode ser bom que eu discorde de alguma coisa. Mas, você não me deu essa oportunidade. Ele parecia desapontado. - Você foi para Sebastian porque ele disse o que você queria ouvir. E sim, isso me dói.

Ele entregou uma cópia do livro de Sebastian, que carregava na cintura, e deixou no bar, ao lado do braço de Cali. Quando ela conseguiu deixar de tremer em virtude do aperto em seu braço, para tomar o livro, Will tinha desaparecido.

Ela abriu o livro e leu a inscrição. Deu as costas para o salão do bar e chorou silenciosamente.

“Não é comum encontrar uma mulher que pode deixar um homem ser um homem. Você, Cali Tippen, é uma das melhores. Eu sei. E o mesmo acontece com Will. Amigos para sempre, Sebastian.”

Erin afundou na poltrona de pelúcia dourada em seu escritório porque a sala não era grande o suficiente para conter seu desespero. "Desespero" era a palavra certa para definir a névoa que a envolvia de forma que ela teve problemas levantar os pés e mover seu corpo.

Era ridículo, é claro. Então, o que importava ele não ter contado quem era seu outro eu? Eles ficaram juntos pelo sexo e nenhum havia dito que o relacionamento era mais que isso.

Mas era para ambos. Porque não havia nenhuma razão para ele ter a sua identidade revelada para salvar o Paddington, a menos que sentisse algo mais por ela. Poderia ter qualquer mulher que quisesse, mas,tinha escolhido ela.

E Erin sabia que ela estava apaixonada por ele naquela primeira noite no chuveiro.

Depois de cumprimentar Sebastian e seu publicitário, levou duas horas evitando circular ao redor da gruta, andando entre as pessoas como convinha a uma boa anfitriã. Sorriu, serviu bebidas, dançou... Até que se sentiu incapaz de continuar a farsa e refugiou-se no escritório.

Precisava falar com Cali, mas ela estava ocupada com a festa, então ela levantou e se dirigiu ao teclado do computador.

De: Erin Thatcher

Enviada: sábado

A: Samantha Tyler, Tess Norton

Assunto: Os segredos que o homem escondia.

Vocês perguntaram se as coisas que eu disse sobre Sebastian eram verdadeiras? Os segredos a que me referi em outro momento. Pois, havia segredos. Só não sei se eles são piores ou melhores do que pensei, depende do ponto de vista.

Eu estou dormindo com Ryder Falco. Não, não estou brincando. Ryder Falco é meu amante. Eu acho que não seria tão ruim se eu não estivesse apaixonada...

Erin, que não pode pensar em mais nada a dizer.

Enviou a mensagem e sentou-se. Não só ela era incapaz de escrever mais uma frase, mas ela não conseguia parar de pensar as dimensões do sacrifício que Sebastian fez por ela. Para ela. O que havia feito dizia muito sobre o homem que ele era e isso, mais do que qualquer outra coisa, se fazia impossível de ama-lo.

Sentiu-se muito culpada com o pensamento de falhar com quem havia adorado, seu avô. Agora, ela tinha que lidar com o sacrifício de Sebastian. E com todo o trabalho que tinham feito Cali e Will, não só no bar e na festa, mas também com o seu apoio e esforço ante o desastre do Courtland.

E o pior foi que, depois de tudo isso, era uma ingrata que não sabia sequer se queria salvar o Paddington.

O som que anunciava a chegada de uma mensagem nova a libertou da autoflagelação. Se perguntou o que faziam suas amigas acordadas a aquela hora.

De: Samantha Tyler

Enviada: sábado

A: Erin Thatcher; Tess Norton.

Assunto: Re: Os segredos que o homem escondia.

Erin! Eu não sei o que é mais estranho: saber que o homem passa a ser uma celebridade ou você se apaixonou por ele!

Mas eu quero ouvir mais. Há muito que você é silenciosa e, a julgar pelo tom do seu e-mail, eu diria que você não está encantada nem com a sua identidade ou o seu amor por ele. Ou talvez seja porque você está esgotada e sobrecarregada? Espero que isso seja tudo.

De qualquer forma, você nos deve um monte de detalhes e não vai descansar até que nos conte tudo.

Cruzo os dedos para que tudo esteja indo bem querida.

Samantha.

Erin fechou a mensagem e pensou que era uma pena que nada poderia dar certo. Claro, Samantha não sabia disso. Ela não podia saber que Erin tinha conseguido arruinar sua vida com o homem que ela amava.

Capítulo 13

Sebastian sabia que ele iria encontrá-la no escritório.

Ele a tinha visto desaparecer atrás da porta, uma hora antes, mas ficou preso com os autógrafos nos livros na caverna.

Desde que ele recuperou a sua vida nunca, nunca esteve tão perto de abandonar todos os princípios que regiam sua vida. E tudo o que Erin Tatcher o fez sentir. O pior era a expectativa, a sensação de que ela estaria lá sempre que ele estendia a mão para ela, quando ele sabia que era melhor não estendê-la. Sim, a esperança era a principal razão por que ele não deveria vê-la depois daquela noite.

Quando terminou assinar os livros, escapou pela porta dos fundos como Ryder Falco e subiu para a limusine de seu assessor para não arriscar ser seguido a pé. Três quarteirões de lá tirou o disfarce e pediu ao motorista para parar.

Ele voltou para o bar vestindo jeans, camiseta e botas pretas e entrou pela porta da frente como Sebastian Gallo.

Ele não prestou atenção nas pessoas no bar, nem nos garçons ou mesmo em Cali, que tentou detê-lo. Se escritório Erin estivesse aberto, ele não iria parar por nada.

Na verdade, ele não parou até que ele fechou a porta atrás de si. E desta vez ele fez questão de virar a chave. Ele tinha muito a dizer e pouca paciência para lidar com as interrupções.

Erin estava sentada à mesa com a cabeça baixa e os lenços flutuando em torno do corpo, o que o deixava louco. O cabelo vermelho caiu sobre seu rosto.

Quando ela olhou para cima, ele estava feliz ao ver que ela não tinha chorado. Mas sua pele pálida e olheiras profundas indicava que a revelação de sua identidade não havia sido exatamente um prazer. Parecia uma mulher derrotada.

- Por que você não me contou? -Erin perguntou em um sussurro.

- Nunca digo a ninguém.

- Hoje à noite você disse meia Houston. –acusou ela.

- Não completamente... -Ele afastou-se da porta e sentou-se na poltrona de veludo dourado em frente à mesa. - A propósito, obrigado por me colocar onde me colocou. A caverna foi muito boa...

- É uma caverna.

- É perfeita. -repetiu ele.

Erin se endireitou na cadeira.

- Seu assessor disse-me que não gostava muito de se mostrar em público e eu lhe disse que já tinha ouvido falar. Se eu soubesse que eu conhecia pessoalmente, poderia ter dado uma visão mais clara.

Sebastian deu de ombros.

- Como eu disse, não digo a ninguém. Nunca.

Ela olhou em seus olhos.

- Por que você terminar de me contar?

- Era o momento. -disse ele. - Não poderia ter autografado os livros sem que você soubesse quem eu era.

- Esse é o meu ponto. Por que você tomou tais dores para esconder a sua identidade e, em seguida, se revela assim? O Paddington não é nada comparado com a sua carreira.

- Você realmente é alguma coisa.

- Em comparação com Ryder Falco? A cor voltou ao seu rosto. - Ah, eu acredito que eu sou.

- Nós não estamos falando sobre o que você pensa.

- Isso é óbvio. Se eu soubesse o que você faria... Ela balançou a cabeça e não terminou a frase.

- E é precisamente por isso que eu não disse antes. Ele argumentou.

- Acho que eu deveria agradecer a você por explicar isso para mim agora, em vez de desaparecer na noite. Agora tudo faz sentido. Os passeios, os pensamento, o alisamento das rugas do seu cérebro com vapor.

Sebastian cruzou as pernas e cruzou as mãos sobre a sua cabeça.

- Eu nunca menti para você e você sabe disso. Eu me mostrei vago, ambíguo, mas eu não disse uma palavra que não era verdade.

Erin levantou o queixo para frente.

- Que diabos de verdade é essa? Perguntou ela. - Que você toma todas as decisões e não tenho nada a dizer?

- Essa decisão tinha que ser minha.

- Não necessariamente. Não, se você faz o que você fez por...

- Por você? -Perguntou ele. – E por que mais eu faria?

- Eu não sei. Ela suspirou. – Sebastian, estou muito cansada para falar em código. Por que você não me conta e guardar-me o problema de ter que montar o quebra-cabeça?

Ela não era ingênua ou estúpida. Mas parecia cheia de culpa por uma decisão que ele tinha tomado.

- Eu tenho visto você trabalhar como uma louca para levar esta festa adiante. Disse ele. - E de repente aparece o Courtland te ameaçando com algo que você não tem, e você quer que eu fique de fora, admirando sua queda quando eu sei que posso evitá-la? Não foi possível.

- Permita-me ser cética quanto ao sei altruísmo. Por alguma razão, você decidiu se misturar com a cidade, seus fãs, seus vizinhos. E eu não creio que você renunciou a sua reclusão de tantos anos porque nossa relação sexual é fantástica.

Sebastian cerrou os dentes.

- Eu não fiz nada pelo sexo.

- Então, tem que ser, porque você acha que me deve alguma coisa, e não é assim. Endireitou mais para trás. – Leva vantagem sobre mim. Você não pediu nada que eu não estivesse de acordo em dar. E este não é o tipo de sacrifício que um amante faz para outro, especialmente quando são amantes e não tem nada a ver com amor.

Sebastian estava rangendo os dentes para não levantar a minha voz.

- E você pode encontrar um lugar para amizade na sua teoria da conspiração?

Ela considerou um momento a sua explicação.

- Isso parece ir além dos limites da amizade.

- Será que você não faria o mesmo para Cali?

-Claro, mas somos amigas íntimas há três anos, já você e eu nos conhecemos há apenas um mês. É muito sacrifício. Pressionou os lábios. – Eu não sei o que é mais forte: se a necessidade de dizer obrigada ou a vontade de te mandar para o inferno.

O Nível de irritação de Sebastian aumentou a tal ponto de fazê-lo temer suas palavras e talvez também suas ações.

- Por que estamos tendo essa conversa? O que está feito não pode ser mudado. Tudo o que podemos fazer é seguir a partir daqui.

Erin levantou as duas mãos no ar.

- Muito bem. O que vamos fazer agora?

Sebastian respirou fundo várias vezes, precisava tranquilizar-se.

- Sua festa foi um sucesso, então eu diria que você entra em grande estilo em seu segundo ano no negócio.

Erin sustentou seu olhar por um momento, mas não disse nada.

Sebastian segurou os braços da cadeira e inclinou-se para frente.

- Eu não entendo. - disse ele. - Não era isso que você queria?

Ela levantou as sobrancelhas.

- Quanto? Sim, eu queria que a festa fosse um sucesso, mas eu odeio a ideia de desperdiçar tanto dinheiro e esforço.

- E o segundo ano de negócios após o incrível primeiro que você acaba de comemorar? - Ele perguntou.

Erin pensou por um momento antes de responder:

- De verdade, foi incrível?

Estava procurando a confirmação de seu valor? Não foi possível não reconhecer o seu sucesso.

- Seu avô ficaria feliz com o que você fez.

- Você acha? -Ela sorriu, levantou-se da cadeira e se aproximou do arquivo, onde acima estava uma foto de Rory atrás do balcão do antigo Paddington.

Ela olhou para a foto, virou-se e encostou-se no arquivado com as mãos atrás das costas e lenços chiffon suspensos no ar como fantasmas etéreos.

- Eu não sei se eu concordo.

- Por que não? Não se esqueça de que eu estou vivendo aqui, já há algum tempo, eu vi o que você fez desde o início.

Estava muito longe dela. Ele se levantou, foi até o fim da mesa e inclinou-se apoiando o quadril na borda.

- Em um ano você transformou um boteco de cerveja em um bar elegante e urbano.

Erin fez uma careta.

- E agora trouxe escritores. A seguir organizarei leituras de poesia e performances, e quem sabe mais o quê. O que há de errado com isso?

Ela olhou para o teto e descansou a cabeça sobre os caixotes de madeira.

- Só que Rory certamente esta se revirando em seu túmulo.

Incrível. Realmente incrível.

- Olha, Erin. Você acaba de dar uma festa de primeira, o local está lotado a noite toda. Sim, eu sei que muitos vieram porque queriam seus livros autografados.

- Muitos? Setenta e cinco por cento.

- Isso é besteira e você sabe disso. Eles vieram por mim, mas caíram por você, pelo que você fez aqui com o que seu avô te deixou. Cruzou os braços sobre o peito para suprimir o desejo de sacudi-la pelos ombros para obrigá-la a admitir o seu erro. - E nem consegue desfrutar de seu sucesso, porque você se importa o que Rory poderia pensar.

Os olhos dela brilhavam. Ele levantou o queixo e endireitou os ombros.

- Rory renunciou a tudo, Sebastian. Tudo. Ele veio para cá cuidar de mim quando eu tinha 11. Nunca teve uma vida para além deste lugar. Então, sim, me perdoe por me preocupar um pouco se o bar esta como ele gostaria.

Como poderia aquela mulher que havia se mostrado tão intuitiva no trato com ele não ser tão perspicaz como o homem que a criou?

- Seu avô adorava não ter patrões. A independência o deixava muito feliz. Tanto fazia aqui ou em Devon. E você sabe, e como sabe, que ele gostaria do mesmo para você.

Pela primeira vez desde que a conheceu, viu seus olhos se encheram de lágrimas. Seu lábio inferior tremeu e toda ela se tornou pequena e vulnerável. Sebastian não podia suportar por mais tempo a distância entre eles.

Ele se aproximou dela, abraçou-a, apoiou a bochecha em seu peito, o queixo em sua cabeça, e inalou o cheiro de seu cabelo, que o lembrou de campos verdes e sol.

- Seja fiel a si mesma. -disse ele. - É a melhor maneira de honrar sua memória.

- E se ser fiel a mim mesma implicar em deixar o bar?

-A única maneira você pode desapontar alguém é se você não fizer o que é melhor para você. Mesmo que para isso você tenha que vender o bar. -percebeu que ela o segurou pela cintura. – Todos temos que fazer o que é melhor para nós. Isso é tudo o que importa no final.

Por um momento, pareceu que ela havia esquecido de respirar, então ficou tensa.

- E o que é melhor para você? , Perguntou ela.

Sebastian teve um minuto para responder.

- Um livro que já tem algum tempo que desejo escrever, é diferente do habitual. Primeiro tive que convencer meu agente de que não vou arruinar seus lucros e então precisei negociar o calendário com o meu contrato do meu livro anterior.

Ele deu de ombros e afastou-se um passo.

- Basicamente, precisava chegar na hora certa.

Erin correu os dedos pelo cabelo, o afastou do rosto. Ele caminhou até a poltrona de veludo, como se

precisasse colocar distância entre eles.

- E o momento chegou?

Ele assentiu e a seguiu, embora soubesse que o que ele precisava dizer seria melhor a partir de uma distância que ele tinha dado a eles do que intoxicado com o cheiro de seu perfume.

- Já fazia muito tempo que não me entusiasmava tanto com um projeto.

Queria acrescentar mais, dizendo que o último mês que passaram juntos ele renovou sua energia criativa. Queria explicar que ele se alimentou do entusiasmo dela para realizar a festa, da sua energia para salvar uma empresa que considerava mais um fardo que uma benção.

Queria que ela soubesse que ele havia encontrado uma parte de si que esteve faltando desde sempre. E, finalmente, que aprendeu que a sua alma nunca esteve tão forte desde que ele tinha encontrado sua companheira.

Mas essas não eram as coisas que foram ditas quando a verdade era que ele não conhecia outra forma de vida do que o sua.

- Isso significa que você está indo embora, certo?

- Continuarei vivendo acima de você.

- Mas você está indo. Não estará mais comigo.

Sebastian assentiu, porque ela colocou em palavras a única verdade que ele não conseguia pronunciar.

- Não, não estarei.

Ele se aproximou e beijou-a suavemente nos lábios. Ele beijou o lábio inferior até que ela fechou os olhos e estremeceu. Ela abraçou-o com ternura, contando-lhe com a língua parte do que eu sentia. Ele não gostava de fazê-la sofrer e terminou o beijo para estreitá-la em seus braços.

Erin suspirou em sua camisa, sua respiração aquecendo as lágrimas pano úmido. Quando ele finalmente se afastou, não podia falar e tinha dificuldade para engolir, então apertou sua mão, logo a soltou e se foi pela porta.

Erin duvidou que outra noite de Halloween pudesse haver uma história para rivalizar com a escuridão dessa. Naquele momento, não conseguia pensar em Sebastian ou o Paddington ou nada. Naquele instante só tinha a força para rumar para seu carro e ir para casa.

Mas primeiro ela teve que fechar o escritório para poder fechar também o bar e da cozinha. Teria que pagar Cali duas vezes, por cuidar de tudo em sua ausência. Mas antes fez um esforço para desligar o computador, ela viu outra mensagem.

De: Tess Norton

Enviado: sábado

A: Erin Thatcher, Samantha Tyler

Assunto: Re: Os segredos que o homem escondia

Ryder Falco? Eu não posso acreditar. Você sabe como eu gosto de seus livros. Eu os li todos, pelo menos duas vezes. É assombroso!

Embora a exclamação seja mais pela bomba que você lançou. Amor? Eu li isso mesmo?

Bem, bem. Não era exatamente o objetivo do projeto com o homem para fazer coisas, mas o que isso importa? Você está apaixonada. O que você diz é se ele te ama muito. Como não poderia? Mas os homens são uma espécie rara e eu acho melhor não tentar entendê-los. Sério, preciso ouvir todos os detalhes e sua voz, e precisaria ser mais sábia do que eu sou, o que não vai ser possível nas próximas vinte e quatro horas, então não faça nada drástico. Chocolate. Meu melhor conselho... E, aparentemente, o único.

Amor, Tess.

Erin pensou que pelo menos uma coisa era certa. Sebastian não a amava. Gostava dela, a desejava, tinha que sentir alguma coisa ou ele nunca teria revelado sua identidade. Mas, amor? O amor estava além de sua capacidade de sentir.

Ou se era, recusou-se a dar-se esse prazer e preferiu enterrar a cabeça no mundo da ficção onde tudo era branco e preto. Ela queria odiá-lo por isso, mas só conseguia pensar em seu caminhão de brinquedo.

Uma batida na porta fez olhar para cima. Robin entrou, uma das garçonetes.

- Onde está Cali? -Erin perguntou.

- Ela disse que se sentia muito mal, então eu disse que ela poderia ir que terminaria as coisas por aqui e acabei então... Puxando a cauda de seu traje mulher-gato. - Eu estou saindo. Os fornecedores virão na tarde de segunda-feira para recolher a decoração.

- Obrigado por cuidar de tudo. Robin, Laurie, Will e Cali trabalharam muito mais que deveriam. - Eu não tinha percebido como estava exausta.

- Você merecia descanso, mas você perdeu uma festa magnífica. Ah, tem um cara lá fora que quer falar com você. Eu disse a ele que você está ocupada, mas ele insistiu.

- De qualquer forma, eu tenho que ir. - Erin atravessou a sala, apagou a luz e fechou o escritório. - Você se importa de esperar um minuto?

- Sem problema Robin enrolou a cauda no pescoço e puxou sua bolsa de trás do bar. – Esta na porta principal. Esta lá fora.

- Obrigada. E obrigada por todo o trabalho de hoje à noite.

- De nada. Espere aqui até terminar. Sentou-se à mesa mais próxima, enquanto Erin estava se dirigindo para a porta.

O visitante se inclinou um ombro contra a parede de tijolo e não tinha nada nem remotamente parecido com um traje de Halloween.

Ele tinha cabelo curto, grisalho nas têmporas, e usava um casaco de lã preto longo, calças e sapatos italianos.

- Você deseja alguma coisa? Erin perguntou com curiosidade.

- Sta. Thatcher? -Ela assentiu com a cabeça. - Meu nome é Nolan Ford.

Erin apertou a mão oferecida.

- O que eu posso fazer por você, Sr. Ford?

- Eu gostaria de saber se você já pensou em vender o bar, porque eu gostaria de comprá-lo.

Cali passou, com cansaço, mais uma página do roteiro. Ela teve o bom senso de fazer cinco cópias com antecedência, já que supunha não conseguir retirar todas as modificações na primeira vez.

O disquete teria facilitado muito o processo, mas estava no notebook de Will, onde ela havia deixado depois de fazer as primeiras mudanças com base nas sugestões de Sebastian. Ela não tinha computador, então usava o de Will ou em cybercafés.

Tinha aprendido a lição. Os homens eram um horror. Embora... não fosse verdade em tudo. Nem todos eram e nem eram o tempo todo. Mas, no momento a frase encaixava-se com seu estado de espírito.

Especialmente desde que estava podo em perigo sua autoestima. Havia cedido porque não queria perder o homem que mais significou em sua vida. E eu estava prestes a se odiar tanto quanto a Will.

Afinal, fazia sentido a odiá-lo porque o amava desesperadamente. E essa última semana em que trabalharam lado a lado e foram para aula juntos não tinha ido nada bem, considerando que trocaram apenas algumas palavras.

Uma batida na porta do apartamento a fez deixar a caneta sobre a mesa. Erin finalmente chegou com a garrafa de vinho que tinha prometido quando ligou no início da tarde. Cali jogou os papéis no sofá e caminhou até a porta.

Mas não era Erin, mas Will, cuja aparência deu a impressão de que seu domingo de folga não foi muito relaxante. Ele estava com barba por fazer e seus óculos não escondiam muito suas olheiras. Cali supôs que ela não parecia melhor.

Ela estava vestindo uma calça jeans curtos e as penugens de suas pernas combinavam com a face dele. A última semana tinha dormido sozinha e não tinha parecia importante depilar-se.

Afinal de contas, ela era humana. Caso contrário, não estaria agonizando sobre o que eu tinha feito com o roteiro e não estaria tentando voltar ao seu estado original. Daria menos importância aos sentimentos de Will e mais para sua nota. Se importaria mais que ele reconhecesse que estava errado, o que de repente parecia totalmente sem importância.

- Olá. -disse ele.

Cali sorriu um pouco.

- Você se importa que eu entre?

Ela abriu a porta. Lembrou-se das páginas do roteiro que estavam no sofá, ao mesmo tempo em que ele as notou.

- O que você está fazendo?

Cali cruzou os braços.

- Tentando consertar um erro.

Will se sentou no sofá, pegou as folhas, as ordenou numericamente e começou a analisá-las. Cali se encolheu ao lembrar que algumas de suas notas marginais foram muito diretas e muitas vezes sarcásticas.

Especialmente uma na página quatro...

Ela corou e tentou remover as páginas. Era tarde demais. Ele a subiu no ar, puxou-a e sentou-a em seu colo.

- Não seja tola. -disse ele. - Eu quero ver o que você fez.

- Eu não fiz muito, estou apenas tentando lembrar o que possa da sua versão original.

- Minha versão original, hein? –Will se acomodou melhor no sofá, abriu os joelhos e Cali se sentou ao lado dele, com as pernas sobre a dele.

Rodeava suas costas com o braço, para que descansasse na curva de seu ombro. Com a outra mão passava as páginas. Cali não sabia o que mais temia, se Will descobrisse o cabelo em suas pernas ou sua nota infantil.

Will chegou à página quatro e parou. Ele olhou para toda a página e depois para ela.

- O que aconteceu com o fato disso ser um projeto conjunto?

- Eu acho que é claro que avançamos juntos tudo o que podíamos. Temos a mesma ideia sobre o fim, mas discordamos sobre como chegar lá. Olhou-o e teve que se conter para não se curvar para beijar sua bochecha.

Ela sabia que seu cheiro, seu calor e textura e não era difícil abraço, especialmente quando parecia

que, com uma expressão que ela não conseguia decifrar, mas alimentou suas esperanças.

- Por que você está aqui?

Will sorriu.

-Para te dizer que você estava certa e eu não. Eu não tenho metade do seu talento e nenhuma confiança de algum dia poderei entendê-lo.

- O que você está dizendo? Seu instinto é soberbo. E nós só precisamos nos afinar um pouco de vez em quando. E eu não sou perfeita. Se fosse, as modificações teriam sido minha ideia, não de Sebastian. Encontrou seus olhos. - Eu só fiz isso porque eu amo você.

Will deixou as páginas que tinha na mão e acariciou sua bochecha.

- Pode me querer e tentar me fazer melhor.

Seis meses depois...

"Adeus, Paddington. Olá, resto de minha vida!"

Erin nunca teria imaginado que poderia sair da venda do bar com o coração tão leve. Sobre tudo, depois de meses de angústia e questionamentos se estava fazendo a coisa certa para Rory e para ela.

Agora, tudo isso parecia superado, tinha uma grande dívida de gratidão para com Cali, Will, Tess, Samantha, Sebastian e por todo mundo havia a ajudado a enfrentar a verdade. Ela também estava em dívida para com Nolan Ford, por ter jogado um colete salva-vidas em meio a sua tormenta pessoal.

Sebastian e ela haviam se falado algumas vezes nos últimos meses, porém sem compartilhar nada mais que o elevador algumas vezes. Ele falou que seu livro ia bem, que praticamente o escrevia sozinho e que deveria concluí-lo até o verão. Ela havia dito que se alegrava por isso, e assim ambos estariam livres de suas obrigações no verão.

Ele não disse nada, e tão pouco importava, visto que Erin havia aprendido a olhar em seus olhos e ouvir o que não era dito. E seus olhos a encheram de esperança, eles lhe davam esperança sempre que se cruzavam.

Ela vendeu o bar e voltou para a faculdade para terminar seus estudos, mas agora era quase verão. Não sabia se Sebastian havia terminado o livro, porém, a dissuadiu quando ligou e disse que estava subindo para seu apartamento.

Demorou a entender o que Sebastian havia dito na noite em que deixou a sua vida. Mas ele estava certo, Rory havia deixado os meios para perseguir seus sonhos, ele a amava e jamais teria imposto que assumisse o bar, a menos que ela sentisse por ele a mesma paixão que seu avô.

E, finalmente, conseguiu ver a intenção de Rory e também a de Sebastian ao revelar sua identidade. E por isso estava ali, ele não tinha feito para salvar a Paddington, mas para mostrar o valor e a profundidade do amor de um homem. Um amor sem medida, que ela correspondia.

Ela bateu na porta, não houve resposta. Tentou a maçaneta da porta, viu que estava aberta e entrou. A sala de estar estava escura e ao fundo o som do disco de BB King.

Sabia que Sebastian estaria no chuveiro, ouvindo música através de alto-falantes no teto do banheiro e o encontrou onde esperava. Abriu a porta do banheiro e o viu sob o jato do chuveiro, as pernas separadas, as mãos sobre as coxas e o seu sexo excitado pelo calor. Ela permaneceu um longo tempo olhando.

Ele representava imagem de beleza masculina que respira, de repente parecia menos importante preencher as memórias de seus encontros de amor. Porque havia sido amor. Talvez não na primeira vez no chuveiro, quando nem sequer o conhecia e ainda não sabia tudo o que queria saber sobre ele, mas esperava descobrir ao longo da vida.

Ela tirou a roupa e caiu em seus braços, consciente de que nunca havia tomado uma decisão tão acertada. Ela amava o poder de seu pescoço e tendões de seus braços. Não havia nada nele que não fosse maravilhoso. Sobre tudo a ereção que naquele momento cobrava vida em seu ventre.

Ela levantou a cabeça e olhou em seus olhos. Sua expressão era de carinho e amor. E a dor de um homem preso em uma perda insuportável. Que absurdo! Eu nunca o perdi ele sempre havia estado lá.

- Lembra quando você me beijou no meu escritório na noite de Halloween? Eu não poderia dizer que queria, então eu estou dizendo a você agora.

- Eu também te amo.

Ele a beijou apaixonadamente, lábios e língua devorando e cobrindo sua boca como uma onda, a partir do qual, a fuga era impossível. Como se escapar fosse uma opção, Sebastian sentou-se com ela em um banco e a penetrou instantaneamente, sem abandonar sua boca por um segundo. Mesmo quando chegou ao orgasmo e o arrastou, caindo em um abismo inacreditável, mas segurando-a antes de chegarem ao fundo.

Só então, quando ele terminou e deixou de sentir seus últimos tremores é que abandonou seus lábios. E graças a Deus, porque ela mal conseguia respirar. Abraçou-o sob a água, sentindo as batidas de seu coração sob a bochecha apoiada em seu peito. Ela nunca se sentiu tão feliz, tão completa e nem tão cansada.

- Conte-me uma história.

Sebastian riu e acariciou seus cabelos.

- Era uma vez...

- Não, apenas a parte mais interessante.

Desta vez, quando ele falou, sua voz estava embargada pela emoção.

- E eles viveram felizes para sempre.

Epílogo

"Escrito com um gosto pelo suspense de Ryder Falco, mas com a intensidade emocional de Sebastian Gallo, Os segredos da Inocência descreve a jornada da vida de um homem que atinge um clímax memorável. É uma história de amor trágica e esperançosa ao mesmo tempo. "

- Publisher's Monthly

OS SEGREDOS DA INOCÊNCIA

Por Sebastian Gallo

Capítulo Um

Mais tarde, perceberia que o memento mais decisivo de sua vida ocorreu sem que percebesse. E então, a beleza da recordação o pegaria tão desprevenido como o sucesso real de seu momento atual. Nunca havia imaginado que necessitaria de uma mulher em sua vida mais do que necessitava respirar, mas assim era.

Ela foi o seu apoio durante os longos anos de sua vida, a rede de segurança que o deteve sua queda, o apoio que o manteve erguido quando o mundo desabou ao seu redor. Ele a amava mais do que poderia imaginar amar uma mulher. E o mais surpreendente de tudo, era que ela o correspondia...